

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

JOHANN JACOB STURZ E A NOVA ALEMANHA NOS TRÓPICOS

TÂNIA REGINA ZIMMERMANN

FLORIANÓPOLIS

2001

TÂNIA REGINA ZIMMERMANN

JOHANN JACOB STURZ E A NOVA ALEMANHA NOS TRÓPICOS

Dissertação apresentada como requisito parcial
para a obtenção do título de Mestre em História
junto ao Programa de Pós-Graduação em
História da Universidade Federal de Santa
Catarina.

Orientador: Prof. Dr. João Klug.

FLORIANÓPOLIS

2001

**JOHANN JACOB STURZ
E A NOVA ALEMANHA NOS TRÓPICOS**

TÂNIA REGINA ZIMMERMANN

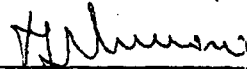
Esta Dissertação foi julgada e aprovada em sua forma final para obtenção do título de

MESTRE EM HISTÓRIA CULTURAL

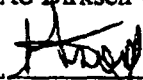
BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. João Eugênio - Orientador (HST/UFSC)


Prof. Dr. Eunice Sueli Nodari (HST/UFSC)


Prof. Dr. Valmir Francisco Muraro (HST/UFSC)

Prof. Dr. Valberto Dirksen - Suplente (HST/UFSC)


Prof. Dr. Artur Cesar Isaia
Coordenador do PPGH/UFSC

Florianópolis, 18 de maio de 2001.

A arte e a história são os mais poderosos instrumentos de indagação sobre a natureza humana (...). A poesia não é uma simples imitação da natureza; a história não é uma narração de fatos e acontecimentos mortos. A história, assim como a poesia, é um sistema de auto conhecimento, um instrumento indispensável para construir nosso universo humano.

CASSIRER, Ernst. *Ensaio Sobre o Homem*. São Paulo: Martins Fontes, 1994, p. 334.

Para Edu e Zé.

AGRADECIMENTOS

Ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina – coordenação, professores e funcionários pela oportunidade de formação humana e profissional.

À CAPES pela concessão da Bolsa de Estudos.

Ao Prof. Dr. João Klug pela amizade, paciência e orientações durante o curso.

Ao amigo e Prof. PhD Christoph Strupp da Universidade de Heidelberg - Alemanha pela sugestão do tema em um encontro de nossa turma na taberna acompanhados de vinho no último inverno que lá passei.

Prof. Dr. Valberto Dirksen e Prof. Dr. Eunice Sueli Nodari e Prof. Dr. Valmir F. Muraro, pela leitura atenta e sugestões que enriqueceram este trabalho.

Aos meus colegas de curso pela acolhida em Florianópolis e sugestões para o enriquecimento deste trabalho.

Às instituições e pessoas que disponibilizaram arquivos e fontes.

Clóvis, irmão e grande amigo, pelo apoio, leituras e sugestões do além-oceano.

Gilson, Karina e Renati, Carmen, Paola, Helena, João e Paulo pelo apoio e amizade.

Elise Schmidt pelo auxílio em algumas traduções.

André F. Voigt, André Werle e Marcos Nestor Stein, companheiros do Laboratório de Imigração e Migração.

Às minhas companheiras da *Caverna*: Claudina, Marise, Gilca e Andréia.

Aos meus pais, Adi e Hugo e aos sogros Hilberto e Selma, pela compreensão e apoio.

Luciane, Rafa e Andressa pela amizade e carinho com o Edu.

Aos meus colegas da Unipar: Marta, Adriana, Márcia, Claudinei, Bel e Frank, pelo apoio.

LISTA DE ABREVIATURAS

AN – Arquivo Nacional

AHI - Arquivo Histórico do Itamarati

BN – Biblioteca Nacional

IHGB – Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro

BPA – Biblioteca Pedro Aleixo

IMS – Instituto Martius - Staden

LOCAIS PESQUISADOS

Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro

Arquivo Histórico do Itamarati, Rio de Janeiro

Arquivo Nacional, Rio de Janeiro

Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro

Instituto Martius - Staden, São Paulo

Arquivo Histórico de Blumenau, Blumenau

Institut für Auslandsbeziehungen, Stuttgart, Alemanha

Ibero-Amerikanisches Institut e Preussischer Kulturbesitz, Berlim, Alemanha

Acervo particular do Professor Dr. Christoph Strupp, Heidelberg, Alemanha

Biblioteca da Universidade de Heidelberg, Alemanha

Biblioteca Pedro Aleixo, Câmara dos Deputados, Brasília, Distrito Federal

Biblioteca da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, Florianópolis, Santa Catarina

RESUMO

Estudo biobibliográfico sobre o personagem Johann Jacob Sturz (1800-1877), destacando sua trajetória de vida no Brasil. No trabalho aborda-se seu projeto civilizador, seus ideais humanitários e a invenção de uma Alemanha além-oceano para atender, principalmente, aos interesses expansionistas dos Estados alemães. Sturz produziu uma imensa literatura na qual apresentou críticas à sociedade brasileira e procurou fazer do cargo de Cônsul Geral do Brasil na Prússia, não um refúgio seguro, e sim propor várias reformas, com destaque para a redistribuição de terras, que acreditava atenuar a fronteira entre a civilização e a barbárie.

ABSTRACT

Bibliographical study about the character Johann Jacob Sturz (1800-1877), highlighting his life trajectory in Brazil. In the work it is approached his civilizing project, his humanitarian ideals and the invention of a Germany beyond-ocean to assist, mainly, the German states expansionist interests. Sturz produced an immense literature in which presented critics about the Brazilian society and he tried to make his positions of General Consul of Brazil in Prussia not a safe refuge but propose several reforms as the agrarian, that believed would attenuate the border between the civilization and the barbarism.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.....	V
LISTA DE ABREVIATURAS	VI
LOCAIS PESQUISADOS.....	VII
RESUMO	VIII
ABSTRACT	IX
INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO I.....	7
STURZ: VIDA, OBRAS E OLHARES SOBRE A QUESTÃO DA EMIGRAÇÃO ALEMÃ.....	7
1.1 CRÍTICAS, ÊXITOS E DEMISSÃO	18
1.2 A NOVA ALEMANHA NO PRATA E NOS ESTADOS UNIDOS.....	29
1.3 ATIVIDADES EM BERLIM.....	34
CAPÍTULO II.....	39
CIVILIZAÇÃO NOS TRÓPICOS.....	39
2.1 CIÊNCIA E RAÇA NOS ESCRITOS DE STURZ	50
2.2 OS ALEMÃES E O <i>NATIONALKRAFT</i>	62
CAPÍTULO III.....	71
A CRISE DA EMIGRAÇÃO ALEMÃ.....	71
3.1 A CRISE DA EMIGRAÇÃO ALEMÃ E SUA UTILIZAÇÃO AGORA E SEMPRE	73
3.2 DEVE E PODE SER CRIADA UMA NOVA ALEMANHA E DE QUE MODO?.....	84
3.3 NOVAS CONTRIBUIÇÕES SOBRE O BRASIL E OS PAÍSES DO PRATA.....	95
3.4 STURZ E OUTROS PERSONAGENS	101
CONSIDERAÇÕES FINAIS	118
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	123
ANEXOS	130

INTRODUÇÃO

*O intérprete presta uma contribuição própria, ainda que não pretenda fazer mais do que uma decifração. Na realidade, ele é, em grande parte, o produtor daquilo que descobre no texto, uma vez que escolhe, conforme as necessidades de sua época, o código que inscreverá o "sentido próprio".*¹

A busca por outros olhares sobre a emigração alemã para o Brasil, no período de 1820 a 1870, nos remete a questões que se entrelaçam com o nosso objeto de pesquisa principal: a trajetória sociopolítica de Johann Jacob Sturz (1800-1877). As considerações até então apresentadas pela historiografia brasileira e alemã sobre este personagem nos impulsionaram a seguir os seus passos, buscando mostrar suas ações junto à sociedade brasileira da época, principalmente na qualidade de viajante, chefe engenheiro de uma companhia inglesa de mineração, Cônsul Geral do Brasil na Prússia e cidadão brasileiro e alemão.

Temos por intenção fazer um estudo biobibliográfico de Sturz, ou seja, abordar sua biografia juntamente com algumas de suas obras. Com tal proposta em mente, torna-se necessário apresentar algumas discussões pertinentes sobre os estudos que direcionam as atenções às histórias individuais. Os estudos biográficos têm crescido entre os historiadores preocupados em mostrar a significação histórica

¹ STAROBINSKI, J. "A literatura: o texto e seu intérprete". In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (Org.) *História: Novas abordagens*. Rio de Janeiro : F. Alves, 1976, p. 141.

de uma vida individual. O crescimento das biografias no mercado editorial suscitou nas academias a discussão da noção de indivíduo e de preocupações teórico-metodológicas com as relações entre biografia e história. Para Jacques Le Goff², a biografia nos dá a possibilidade de lançarmos um primeiro olhar sobre a complexidade de questões históricas. Giovanni Levi, em suas considerações sobre a biografia, também sugere novas perspectivas para pensarmos a presente pesquisa:

*Nenhum sistema normativo é de fato suficientemente estruturado para eliminar toda a possibilidade de escolha consciente, de manipulação ou interpretação das regras, de negociação. Parece-me que a biografia constitui nesse sentido o lugar ideal para se verificar o caráter intersticial - e ainda assim importante - da liberdade de que as pessoas dispõem, assim como para se observar a maneira como funcionam concretamente os sistemas normativos que nunca estão isentos de contradições.*³

Segundo Roger Chartier, nos processos dinâmicos cujas relações sociais se desenhavam de maneira móvel e instável, também abrem-se espaços significativos para as estratégias individuais. O autor assinala que Jaime Contreras, em sua obra *Sotos contra Riquelmes*, apresentou a questão de maneira esclarecedora: “Os grupos não anulavam os indivíduos, e a objetividade de suas forças não impedia estes de trilhar uma trajetória pessoal. As famílias (...) desenvolveram suas estratégias para ampliar suas esferas de solidariedade e de influência, mas seus homens, individualmente, também exerceram o seu papel”.⁴

² LE GOFF, Jacques. “Wie schreibt man eine Biographie?” In: *Wie geschichte geschrieben wird*. Mit Beiträge von Fernand Braudel, Natalie Zemon Davis, Lucien Febvre, Carlo Ginzburg, Jacques Le Goff, Reinhardt Koselleck, Arnaldo Mogliano. Trad. Matthias Wolf. Berlin : Verlag Klaus Wagenbach, 1990 und 1998, p. 103-112. Em entrevista recente à Folha de São Paulo, Le Goff teceu as seguintes considerações: “Acho que a biografia se aproxima da história total, que idealizávamos na Escola de Annales. Quando faço uma biografia, penso que devo, por meio de um personagem, chegar a uma explicação da sociedade daquele tempo”. COLOMBO, Sylvia. “Visões do poente. Le Goff e Hobsbawm mapeiam o Ocidente”. In: *Folha de São Paulo*, São Paulo, ano 80, n. 26.251, 15 fev. 2001. p. E 1 e E3.

³ Citado por CHARTIER, Roger. “A História hoje: dúvidas, desafios, propostas”. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 7, n° 13, 1994, p. 102.

⁴ Idem, ibidem.

Em nossa pesquisa biobibliográfica sobre Johann Jacob Sturz, pretendemos, portanto, abordar algumas de suas facetas relacionadas ao projeto *civilizador*, aos ideais humanitários e à invenção de uma Alemanha além-oceano que atendesse, principalmente, aos interesses expansionistas dos Estados alemães.

No cenário alemão, de modo geral, as discussões sobre a emigração tornaram-se mais intensas a partir de 1840 e, posteriormente, com os debates sobre a questão da colonização nos anos que seguem a 1880. Segundo o historiador Strupp, estas discussões trouxeram à tona diferentes argumentos, tais como o medo da perda do *capital humano*. Por outro lado, para outros estudiosos a emigração era bem vista já que viam na saída de indivíduos um *alívio* para a crescente pressão social, oriunda da revolução de 1848. Alguns criticavam a rápida assimilação dos imigrantes alemães, principalmente nos Estados Unidos, reivindicando uma maior atuação dos Estados alemães na proteção destes imigrantes.⁵

Em solo brasileiro, o cenário que pretendemos descrever inclui as preocupações com a necessidade de mão-de-obra no momento em que também crescia a pressão internacional, principalmente inglesa, para a abolição da escravidão. Além disso, ocorre a construção de práticas discursivas⁶ voltadas para a ocupação e a valorização de áreas até então virtualmente desabitadas, a fixação de população em fronteiras militares e a produção de alimentos para o abastecimento

⁵ STRUPP, Christoph. "Von den Alten in die Neue Heimat. Deutsche Auswanderer auf dem Weg nach Lateinamerika". In: *Matices*. Zeitschrift zu Lateinamerika, Spanien und Portugal, Jg. 4, n. 15, 1997, p. 24.

⁶ Com relação ao conceito de discurso aqui utilizado, optamos pela concepção de Michel Foucault que o considera como um instrumento de auxílio, pois o autor o percebe como dispersão. Sendo assim, "*deve-se conceber o discurso como uma série de segmentos descontinuos, cuja função tática não é uniforme nem estável. Não se deve imaginar um mundo do discurso dividido entre o discurso admitido e o discurso excluído, ou entre os discursos dominante e o dominado; mas ao contrário, como uma multiplicidade de elementos discursivos que podem entrar em estratégias diferentes*". FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I. A Vontade de Saber*. 11. ed. Rio de Janeiro : Graal, 1993, p. 95.

do mercado interno. Tais discursos tinham como suporte as idéias de *civilidade* e de *progresso*.

A pesquisa divide-se em três capítulos. No primeiro, *Sturz: vida, obras e olhares sobre a questão da emigração alemã*, optamos por trabalhar aspectos biográficos do personagem, procurando perceber sua visão sobre a emigração alemã, principalmente no que se refere ao contexto brasileiro. Suas obras, cartas, panfletos, artigos em jornais são discursos que em grande medida expressam seus desejos, lutas, anseios pessoais, decepções frente ao momento político, social, cultural e econômico de ambos os países:

No segundo capítulo, *Civilização nos trópicos*, optamos por analisar os conceitos de *civilização*, *progresso* e *futuro melhor*⁷. De acordo com tais conceitos buscamos mostrar de que formas, ao pensar no Brasil *ideal*, Sturz refletia a imagem do europeu, forjando assim uma visão eurocêntrica do mundo. Neste *futuro melhor* de uma nação em construção, figurava a disputa e a exploração européias do Novo Mundo. As inquietações de Sturz sobre a vida social, política, econômica e cultural do Brasil resultaram em inúmeros textos, recolhidos principalmente nas três obras abordadas no último capítulo.

No último capítulo, *A crise da emigração alemã para o Brasil*, daremos ênfase à influência de Sturz enquanto publicista, mostrando de que formas criticou aspectos que lhe intrigaram na cultura política brasileira, principalmente após ser deposto de seu cargo de Cônsul, sem receber seus honorários. A sua utopia de uma Nova Alemanha além-oceano poderia, segundo ele, ter se concretizada ao aceitar o cargo

⁷ O termo está traduzido como “*melhor futuro*” na obra de Norbert Elias (*Os Alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro : Jorge Zahar Editor, 1997, p. 121-128).

de Cônsul Geral do Uruguai na Prússia. A região do Prata seria o lugar para a concretização deste sonho. Este será um dos aspectos que pretendemos abordar a partir da seleção de cartas, artigos em jornais e manuscritos e, principalmente, de três obras de Sturz: *Die Krisis der deutschen Auswanderung und ihre Benutzung für jetzt und immer* (A crise da emigração alemã e sua utilização agora e sempre); *Kann und soll ein Neu-Deutschland geschaffen werden und auf welche weise?* (Pode e deve ser criada uma Nova Alemanha e de que modo?) e *Neue Beiträge über Brasilien und die La Plata-Länder* (Novas contribuições sobre o Brasil e as Terras do Prata).

As possibilidades de um estudo biobibliográfico pressupõem a necessidade de não nos limitarmos às idiossincrasias de um determinado personagem. Entendemos, com base nas idéias formuladas por Norbert Elias, que uma teoria dos processos civilizadores é necessária para diferenciar quais aspectos dos comportamentos e sentimentos de uma pessoa são, em qualquer momento dado, representativos do padrão de sociedade a que esta pessoa pertence e que constituem uma elaboração muito pessoal deste código.⁸ Entendemos ainda que a história se constrói constantemente numa relação entre o intérprete e o passado e, como afirma Hans Georg Gadamer em sua obra *Wahrheit und Methode* (Verdade e Método), que o homem finito, histórico, vê e compreende sempre do seu ponto de vista, localizado no tempo e no espaço e não pode colocar-se acima da relatividade da história em busca de um conhecimento objetivamente válido.

⁸ Idem, p. 389.

Com relação às fontes utilizadas nesta pesquisa, salientamos que estas nos serviram como instrumentos para novas contribuições para a temática da emigração. A pesquisa sobre Johann Jacob Sturz foi sugerida pelo professor Christoph Strupp da Universidade de Heidelberg, Alemanha, o qual salientou o interesse em ampliar os estudos até então publicados sobre o personagem. Desse modo, os passos iniciais foram dados com base na documentação levantada pelo professor Strupp, que ainda apontou para a necessidade da continuidade da pesquisa nos grandes arquivos do Brasil.

Uma parte das fontes selecionadas em alemão foram por mim traduzidas em uma interpretação nem sempre literal. As citações em português no texto estão reproduzidas conforme o original. Também optamos em utilizar as citações do alemão em rodapé e sua tradução no texto.

Com as fontes existentes no Arquivo Nacional, na Biblioteca Nacional, no Arquivo Histórico do Itamarati e no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro foi possível dar novos rumos à pesquisa. A seleção e o recorte foram feitos a partir de alguns questionamentos com relação aos propósitos do personagem no que se refere à emigração, imigração e colonização na América, principalmente no Brasil, e de suas propostas civilizadoras a serem implantadas nos trópicos.

CAPÍTULO I

STURZ: VIDA, OBRAS E OLHARES SOBRE A QUESTÃO DA EMIGRAÇÃO ALEMÃ

*Nach einem 16jährigen Studium Brasiliens an Ort und Stelle erkannte ich, daß, bevor nicht Brasilien reorganisiert, bevor nicht alie Verhältnisse anders sein, der Deutsche Emigrant dort so oder so untergehen müßte, und deswegen trat ich dagegen auf.*⁹

Quando, em 1862, Johann Jacob Sturz mais uma vez resumiu seus argumentos contra a emigração alemã para o Brasil, ficavam para trás anos de discussões sobre o tema, principalmente com diplomatas, políticos, agentes e latifundiários. A partir do século XIX, muitas eram as questões levantadas nos Estados alemães sobre as condições de vinda e permanência dos emigrantes alemães no Brasil. Porém, poucos foram os publicistas que no decorrer daquele século tanto contribuíram como Sturz para o seu descrédito.¹⁰

O político colonial e humanista, como ele fora chamado pelo seu biógrafo Schramm-Macdonald¹¹, nasceu em Frankfurt am Main em 1800. Era filho de um funcionário público bávaro. Concluiu o curso ginasial (Gymnasium) em Würzburg e, posteriormente, dedicou-se ao estudo da economia nacional, especializando-se como comerciante. No círculo de amizades da família, estabeleceu contatos com o

⁹ STURZ, Johann J. *Die Krisis der Deutschen Auswanderung und ihre Benutzung für jetzt und immer*. Berlin: Sieckthier, 1862, p. 101. (Após 16 anos de estudos no Brasil, eu reconheço que antes de não ter reorganizado o Brasil, antes que todas as relações não mudarem, nas quais o emigrante alemão lá de uma maneira ou outra tenha que perecer e por isso tomo partido contra...).

¹⁰ STRUPP, Christoph. Von der Alten in die Neue Heimat. Deutsche Auswanderer auf dem Weg nach Lateinamerika. In: *Matices*. Zeitschrift zu Lateinamerika, Spanien und Portugal. Jg. 4, nr. 15, 1997, p. 24.

¹¹ SCHRAMM-MACDONALD. "Sturz, Johann Jacob". In: *Allgemeine Deutsche Biographie*. Bd. 37. Leipzig, 1894, p. 61.

geógrafo Karl Ritter, com o naturalista Carl Friedrich Philipp von Martius, com o geógrafo Alexander von Humboldt, com o filósofo Friedrich W. Schelling, entre outros. Estas relações contribuíram decisivamente para a projeção e a concretização de suas viagens para o *Novo Mundo*.

Após a formação como comerciante, viajou, em 1820, para a Inglaterra visando futura formação acadêmica e, em 1823, para o Brasil. Posteriormente, foi ao México e quando do retorno para a Alemanha, decidiu dedicar-se ao estudo de engenharia de minas e mecânica na Inglaterra. Lá aceitou, em 1828, o convite de trabalho em uma companhia de mineração mexicana (*Mexicanische Silberwerks Compagnie*). Viajou, então, para várias regiões dos Estados Unidos e Canadá, mantendo contato com imigrantes alemães que lá viviam. Através de suas observações sobre o modo de vida desses imigrados, convenceu-se de que o sujeito alemão que emigrou para os Estados Unidos deveria viver em grupos isolados. Constatou que esses imigrantes em pouco tempo assimilaram a cultura estrangeira.¹²

Com estas viagens, uma de suas idéias se tornou sua maior utopia e que ele defendeu até o final da vida: foi a invenção da *Neu: Deutschlands Jenseits des Oceans* (Nova Alemanha além do Oceano). Essa utopia, a princípio pensada para ser concretizada nos Estados Unidos, lhe pareceu irrealizável, não só pela rápida assimilação dos valores americanos por parte dos imigrantes alemães, mas também pela política comercial dos Estados Unidos e da Inglaterra. Para ele, era preciso mudar o direcionamento da emigração alemã para um país cujas condições

¹² Veja-se STURZ, Johann J. *Die Krisis der deutschen Auswanderung und ihre Benutzung für jetzt und immer*. Berlin : Sieckthier, 1862, p.77.

climáticas e geológicas correspondessem com a velha pátria, além da possibilidade de trocas comerciais.¹³ Com tal perspectiva, partiu então para o Brasil.

Sua primeira viagem ao Brasil ocorrera em 1823, permanecendo até 1827, quando visitou algumas regiões no Sul e Sudeste com o objetivo de conhecer colônias alemãs. Em 1831, retornou ao Brasil como engenheiro-chefe e representante diretor de uma companhia de mineração (Goldminen: Compagnie Congoo-Socco), que pertencia a uma sociedade inglesa. Trouxe consigo trabalhadores alemães, sendo-lhes oferecido contratos de trabalho. Esperava formar com estes trabalhadores um primeiro núcleo de colonização alemã no Brasil¹⁴. As péssimas condições de trabalho destes e dos escravos negros nas minas o levaram a pedir demissão. Decidiu então engajar-se para que certas condições e reformas fossem efetivadas, tais como a condução dos emigrantes para os portos alemães, a oferta de boas instalações nos navios, a condução da emigração para o sul do Brasil, a liberdade política e confessional, a taxação para latifúndios e a supressão do sistema de parceria. Estas medidas visavam garantir a segurança dos emigrantes. Além disso, empenhou-se para que fosse abolida a escravidão, pois a existência da grande propriedade escravocrata era um entrave para qualquer política consistente de imigração.

Devido as suas atitudes e ações, o Governo Imperial Brasileiro lhe concedeu a cidadania brasileira e, em 1837, estando na Inglaterra, estabeleceu contatos com os abolicionistas Robert Beel e Lord Brougham, reforçando seus interesses pelo fim

¹³ HERMANN, Wagener (Hrsg). "Johann Jacob Sturz". In: *Neues Konversations: Lexikon. Staats und Gesellschafts: Lexikon*. Bd. 20. Berlin, 1865, p. 135.

¹⁴ Idem, *ibidem*.

do tráfico de escravos.¹⁵ Em terras britânicas, escreveu uma obra considerada clássica da literatura econômica, tendo sido subsidiada pelo Governo Imperial Brasileiro: *A review financial statistical and commercial of the Empire of Brazil and its resources* (Uma análise estatístico-financeiro e comercial do Império do Brasil e de seus recursos). Nesta publicação, expressou com clareza os seus propósitos:

*A presente publicação é dirigida para a comunidade mercantil da Grã-Britânia com uma proposta no mais proeminente ponto de vista que foi feito até agora sobre a condição financeira, monetária e comercial do império brasileiro, e favorecer com essa visão que a Grã-Britânia possa desfrutar maiores vantagens do que as já existentes relações comerciais com o Brasil, a partir da adoção de medidas calculadas sobre o comércio entre os dois países em base permanente, e com uma política comercial liberal.*¹⁶

Nesta obra, Sturz procurou mostrar o quanto o comércio com o Brasil seria favorável para a Inglaterra, além de elencar argumentos sobre as possibilidades de futuros investimentos ingleses no país. Nessa perspectiva, fez uma descrição dos recursos naturais que poderiam ser explorados por trabalhadores livres europeus. Em parte significativa dessa obra, dedicou-se também a discutir a questão emigrantista, definindo através de palavras e ações pela reunião de emigrantes alemães no Brasil.

Em seu folheto de 14 páginas: *German Emigration to British Colonies*, (Emigração Alemã para Colônias Britânicas) publicado em 1841 em Londres e republicado posteriormente em gazetas de emigração no Canadá, na Nova Zelândia,

¹⁵ Idem, p. 136.

¹⁶ STURZ, Johann J. *A review, financial, statistical and commercial of the empire of Brazil and its resources: together with a suggestion of the expediency and more of admitting Brazilian and other foreign sugars into Great Britain for refining and exportation*. London : Effingham Wilson, 1837, p. 2-3. Microfilme 62593, BN. (“The present publication is submitted to the mercantile community of Great Britain, for the purpose of shewing, in a more prominent point of view than has hitherto been done, the financial, monetary and commercial condition of the empire of Brazil, and further with the view of proving, that Great Britain would enjoy much greater advantages than she now derives in her intercourse and commerce with Brazil, from the adoption of measures calculated to place the commerce between the two countries on a permanent basis, and from a liberal commercial policy”).

na Austrália e em Dresden, Alemanha (1854), postulou a idéia de direcionar a corrente emigratória alemã para colônias inglesas. Procurou mostrar as vantagens que a Inglaterra teria introduzindo colonos alemães em suas colônias. Também a emigração para o Brasil deveria ser a alemã, mas as poucas perspectivas com relação a trabalhos remunerados — devido à manutenção do regime escravocrata —, e à liberdade política e confessional, contribuía para a fixação dos emigrantes em colônias britânicas. Nesta obra, o modelo de política imigrantista e de colonização nas colônias britânicas serviria de exemplo a ser trazido para o Brasil. Neste folheto, portanto, suas propostas para uma futura colonização alemã no Brasil estavam ganhando contornos.

Através de seus contatos com o imperador D. Pedro I, seus propósitos com relação ao Brasil começaram a ganhar espaço, conseguindo pôr em prática algumas de suas reformas: melhorias no sistema de correios, introdução da vacina contra a varíola e um sistema de transporte via mar na baía da Guanabara no Rio de Janeiro, nos principais rios e na costa através de uma companhia inglesa. Este último ponto foi visto por Schramm-Macdonald¹⁷ como um dos êxitos obtidos através de dedicação e esforço pessoais, já que a permissão de navegação para uma companhia inglesa no Amazonas partiu de um projeto de Sturz de 1841.

Além do imperador, o círculo de relações de Sturz crescia no Brasil. Conforme a descrição de Abelaird Barreto, Sturz era um *"homem insinuante, fisicamente bonito, inteligente e muito ativo, com essas qualidades aliadas a magnífica cultura*

¹⁷ SCHRAMM-MACDONALD. "Sturz, Johann Jacob". In: *Allgemeine Deutsche Biographie*. Bd. 37. Leipzig, 1984, p. 62.

geral, não lhe foi difícil fazer um grande círculo de relações na corte, ligando-se às figuras exponenciais da política e do comércio brasileiros”.¹⁸

Apesar de seus bons contatos nos ministérios e na família imperial, estes eram pouco influentes para fazer com que muitas de suas propostas de reformas fossem implantadas. Mesmo assim, foi condecorado pela Câmara dos Deputados pelo seu engajamento *civilizador*. Após ser declarada a maioria de D. Pedro II, recebeu da Câmara dos Deputados, como reconhecimento pelas “ações civilizadoras”, cinquenta léguas de terras no Amazonas. Com este prêmio pretendia formar uma colônia alemã no Amazonas.¹⁹ Porém, este plano não foi apoiado pelo governo prussiano sob a alegação de que a Prússia não tinha problemas com a superpopulação. O apoio também dependia dos resultados dos tratados de comércio entre o Brasil e a Prússia.²⁰ Segundo Sturz, com relação a este aspecto também não obteve êxito pela falta de dinheiro e de colaboração do governo brasileiro. Posteriormente, argumentou que renunciou ao projeto pelo fato dos empreendedores deste plano serem filhos do senador Vergueiro²¹ e Barbacena e também porque convenceu-se de que o clima era um inimigo.²²

¹⁸ BARRETO, Abeilard. *Bibliografia Sul-Riograndense. A contribuição portuguesa e estrangeira para o conhecimento e integração do Rio Grande do Sul*. Vol. II. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1976, p. 1327.

¹⁹ In: *Neues Konversations Lexikon*, p. 136. Esta enciclopédia não referencia a região no Amazonas, na qual Sturz pretendia implantar colônias. Veja-se também SUDHAUS, Fritz. *Deutschland und die Auswanderung nach Brasilien im 19. Jahrhundert*. Hamburg : Hans Christians Druckerei und Verlag, 1940, p. 51.

²⁰ SUDHAUS, Fritz. Op. Cit., p.51.

²¹ O senador Vergueiro havia introduzido o sistema de parceria em suas fazendas de café em São Paulo na década de 50, e teve como um dos entraves a revolta de agricultores em Ibiacaba em 1856. Literatura sobre o assunto foi publicada em 1850 na Europa por Thomas Davatz, um dos líderes da revolta. Veja-se DAVATZ, Thomas. *Memórias de um colono no Brasil*. Trad. Sérgio Buarque de Holanda. Belo Horizonte : Ed. Itatiaia; São Paulo : Ed. da Universidade de São Paulo, 1980.

²² STURZ, J. Jacob. *Die Krisis der Deutschen Auswanderung und ihre Benutzung für jetzt und immer*. Berlin : Sieckthier, 1862, p. 103.

Decepcionado, deixou o Brasil em 1841, pois escravos negros continuavam sendo trazidos para o Brasil, a diplomacia alemã pouco agia na questão da emigração e também porque parte do clero o privou de uma relativa influência na educação do imperador D. Pedro II, após ser declarada a sua maioridade em 1840.²³

A possibilidade de ver as suas idéias concretizadas veio quando a Câmara dos Deputados e dos Senadores do Império Brasileiro, ao determinarem que seriam trazidos emigrantes para o Brasil, principalmente alemães, o indicaram como cônsul. Em 1842, o Governo Imperial Brasileiro o nomeou Cônsul Geral do Brasil na Prússia²⁴. Isto veio de encontro aos anseios de alguns políticos, latifundiários e barões do café, os quais esperavam dele um maior engajamento no que se refere à emigração de alemães para o Brasil. Por outro lado, Sturz procurou, através das atribuições conferidas ao cargo por ele ocupado, se empenhar pelas reformas por ele propostas para a política brasileira: retirada dos tributos da alfândega, proibição do tráfico de escravos, estabelecimento de taxas sobre a excessiva posse de terras devolutas, limitação da emigração de alemães em zonas de clima temperado, uma justa distribuição da terra, a supressão do sistema de parcerias, a liberdade confessional e o direito à segurança. A nomeação de Sturz ocorreu durante a Revolução Farroupilha, pois nessa década, o debate sobre a colonização tornou-se acirrado, tendo em vista as dificuldades em atrair imigrantes europeus para o Sul do Brasil.²⁵

²³ HERMANN, Wagener (Hrsg.). "Sturz, Johann Jacob". In: *Neues Konversations= Lexikon*, Bd. 20, Berlim, 1865, p. 136.

²⁴ Idem, Ibidem.

²⁵ SEYFERTH, Giralda. "Construindo a Nação: Hierarquias raciais e o papel do racismo na política de imigração e colonização". In: MAIO, Marcos Chor; SANTOS, Ricardo Ventura (Orgs.). *Raça, Ciência e Sociedade*. Rio de Janeiro : Fiocruz/CCBB, 1996, p. 44.

Enquanto cônsul e entendendo que o Brasil seria o lugar ideal para direcionar a corrente emigratória que em massa emigrava para os Estados Unidos, acreditava que na América do Sul poderia se produzir uma ligação comercial entre o Brasil e a Alemanha sem muitos *entraves*, ao contrário da América do Norte. Carl. F. P. von Martius escreveu para Sturz dizendo que um dos pontos a serem discutidos eram as *tristes consequências da emigração para o norte da América para os interesses dinásticos e monárquicos da Alemanha*²⁶. No Brasil, a troca comercial estaria baseada em *relações naturais*, ou seja, o Brasil forneceria gêneros alimentícios e matérias-primas em troca de produtos manufaturados alemães. As experiências até então consideradas positivas de São Leopoldo (RS) e Petrópolis (RJ) eram os exemplos mencionados por Sturz. Os fatores geográficos e geológicos no Brasil seriam argumentos a favor dos interesses comerciais dos Estados alemães.²⁷

Em memória entregue ao rei da Prússia, Sturz afirmou que estes interesses econômicos *“descansão na base de condições inteiramente naturais, e comprehendem o troco d’aquelles artigos que cada hum precisa para a consumção própria”*. Essas relações comerciais tinham para ele perspectivas de crescimento pelo *“facto de que a produção e consumção do Brasil estão crescendo vigorosamente”*²⁸. Segundo Jürgen Hell, essa idéia foi retomada por Sturz, sendo

²⁶ SCHRAMM, Hugo. C. F. Ph. von Martius. *Sein Lebens-und Charackterbild, insbesondere seine Reiseerlebnisse in Brasilien*. Bd. II, Leipzig, 1869, p. 07.

²⁷ AHI, 240/1/14/15/16, Cônsul Geral da Prússia. Ofícios e Anexos de Ofícios à Segunda Seção. Números 2-23, 1848. Memória entregue ao rei da Prússia por J.J. Sturz como súdito particular e não como cônsul. Além do comércio com o Brasil, Sturz esperava com a associação aduaneira (Zollverein), criada em 1834, que a Alemanha se unificasse e com isso estaria mais fortalecida para a disputa de mercados além-mar. In: STURZ, J. Jacob. *Estado da questão Allemã em fins de Setembro 1849 e transações das Câmaras Prussianas*. 28 de setembro de 1849. AN. Citado assim no original.

²⁸ Idem, *ibidem*.

que em 1826 fora proposta por Gildmeister em um memorando para o príncipe austríaco Metternich.²⁹

Com relação à emigração alemã para o Brasil, Martius afirmou que “*para a Allemanha como para o Brasil havião de resultar vantagens immensas se se pudesse dirigir huma emigração systematica de Colonos Allemães as Províncias de São Paulo, Rio Grande*”.³⁰ Entretanto, observou que seria necessário um sistema de legislação enérgico que garantisse aos colonos alemães no Brasil as mesmas vantagens obtidas por aqueles que foram para a América do Norte. Nessa questão, Martius e Sturz esperavam que as mudanças tivessem início com a estada do Visconde de Abrantes na Alemanha.³¹ Ainda segundo Martius³², “*seria a Allemanha que melhores e em maior escala pode oferecer colonos*” e, para tanto, o governo brasileiro deveria facilitar a imigração dividindo terras devolutas a serem vendidas para os emigrados. A agricultura no Brasil alcançaria os patamares desejados de *progresso* com a vinda de colonos alemães, pois os conhecimentos dos povos que aqui viviam não eram levados em consideração. Para ele e Sturz, a perfeição da

²⁹ HELL, Jürgen. “Die Politik des Deutschen Reiches zur Vewandlung der drei brasilianischen Südstaaten in ein überseeisches Neudeutschland (1890- 1914)”. In: *Lateinamerika*. Semesterbericht des Lateinamerika-Instituts der Universität Rostock, p. 46, outono, 1966. Nesta obra, acredito que o autor traz uma maior clareza da participação e interesses do império alemão com relação à política de *colonização* no Sul do Brasil.

³⁰ AN, IR 3/3 Ministério dos Negócios Estrangeiros. Legação e Consulado do Brasil em Berlim (Prússia e Alemanha) 1848-1872. Correspondência de von Martius para J.J. Sturz, 4 de agosto de 1846.

³¹ Idem, p. 3. O Visconde de Abrantes (Miguel Calmon du Pin e Almeida) foi representante diplomático brasileiro em Berlim na década de 1840. Em sua *Memória sobre os meios de promover a colonisação*, publicado em Berlim em 1846 e republicado no Brasil em 1941, ele apontava para a necessidade de uma legislação própria para a venda de terras públicas, a naturalização dos estrangeiros, a instituição do casamento civil, a liberdade de culto e o fim do regime escravista. A indicação de Abrantes como representante diplomático em Berlim, conforme Sturz, teria sido sua. Ele considerava que esta memória, escrita em português, tinha em seu conteúdo as melhores intenções. A revisão do material foi feito por Sturz, o qual reconhecia que muitas de suas idéias estavam neste documento. Posteriormente foram impressos 3000 exemplares na Unger & Co. Veja-se STURZ, J.J. *Die Deutsche Auswanderung* (...). P. II (anexos).

³² MARTIUS, Carlos de. “Colonisação”. In: *Revista Americana*. Rio de Janeiro, 1848, p. 19. Microfilme PR SOR 4560 (1).

lavoura promoveria o *bem estar* e influiria na moralidade dos habitantes, principalmente dos escravos.³³

Sturz, após acreditar que o Sul do Brasil seria o espaço ideal para concretizar o projeto de uma Nova Alemanha além oceano, propôs em seu manuscrito *Ideen zu einem Verein zum Schutze und zur Unterstützung deutscher Einwanderer in Südbrasilien* (1845)³⁴ apoiar, através da negociação entre o Brasil e a Prússia, a criação de uma organização dos imigrantes alemães. Tal perspectiva leva em conta as desastrosas experiências com alemães e suíços em outras regiões do Brasil, principalmente no Nordeste e no Rio de Janeiro e São Paulo. Com relação à colonização no Sul do Brasil, Sturz teceu as seguintes considerações:

*Presentemente colonização em escala maior e para fins agriculturaes ainda encontram dificuldades consideráveis; mas que segundo todas as probabilidades este negócio já maturado, em hum dos assumptos da tendencias inevitáveis da idade em que vivemos será assegurado de tal modo em bases justas e humanas, e pela garantia de estado, que todo governo sollicito pelo Bem estar dos seus filhos do seu payz achará em tudo plena satisfação a este respeito.*³⁵

Para Sturz, aspectos como a qualidade do solo, o clima subtropical, a ausência de doenças endêmicas, entre outros, transformavam o Sul do Brasil em local privilegiado para a colonização alemã. Outro aspecto positivo era a existência de uma costa com portos para o comércio marítimo e de diversas vias fluviais que garantiriam o abastecimento do mercado interno. Para ele, o Brasil não viria a ser um país no qual se poderia produzir produtos manufaturados. Por isso, a Alemanha

³³ Veja-se LISBOA, Karen M. *A Nova Atlântida de Spix e Martius: Natureza e civilização na viagem pelo Brasil (1817-1820)*. São Paulo : Hucitec, 1997, p. 175.

³⁴ Este documento está traduzido como *Idéias para huma sociedade para assistência de immigrados Allemães nas províncias meridionais do Brasil*(1846). É comentado por Sturz em um documento que se encontra no Arquivo Nacional, IR 3/3, Ministério dos Negócios Estrangeiros. STURZ, J.J. *Em negócios da Emigração*. Berlim, 29 de julho de 1846.

³⁵ AN, IR 3/3 Ministério dos Negócios Estrangeiros. Documento de 29 de julho de 1846.

deveria assegurar neste país seu mercado através de ligações como o povoamento isolado de imigrantes alemães, pois eles é que dariam um maior impulso para o comércio. Com relação a esta questão, Sturz concluiu que *“então com e por meio da população alemã no Brasil, as principais relações irão se ligar e de ambos os lados simpatias e interesses irão permanecer para sempre”*.³⁶

Portanto, para Sturz o *“tipo ideal”*³⁷ de alemão para se estabelecer em pequenas propriedades no Sul do Brasil deveria ser o colono com a sua família, cujo perfil do homem e da mulher emigrantes apontava para as seguintes qualidades: sobriedade, amor ao trabalho, cumprimento às leis e boa conduta moral. Em grande parte de suas obras, Sturz enaltecia a *raça alemã* e indicando-a como modelo para a colonização.

Além disso, outra preocupação de Sturz estava ligada à necessidade de evitar o *semi-barbarismo* da escravidão, pois, para ele, prevalecia uma idéia geral na Europa de que *“o Brazil he um Estado com escravos – em que lugar do mundo o trabalho livre tem podido subsistir ao lado do trabalho escravo, sem ficar degradado (...) e privado de cada influencia civilizadora e moralizadora”*.³⁸

Sturz, juntamente com Gustavo Froebel³⁹, partilhava da idéia de que só na América do Sul os alemães chegariam a uma *“força própria”* e, para tanto, as

³⁶ Citado por SUDHAUS, Fritz. *Deutschland und die Auswanderung nach Brasilien im 19. Jahrhundert*. Hamburg : Hans Christians Druckerei und Verlag, 1940, p. 52. (*Denn mit und vermittelt der deutschen Bevölkerung Brasiliens werden die wichtigsten Beziehungen sich anknüpfen, gegenseitige Sympathien und Interessen werden sich auf die Dauer erhalten*).

³⁷ Quanto ao ideal, Foucault fala de uma passagem do primeiro discurso de *A Genealogia da Moral*, em que Nietzsche se refere a essa espécie de grande fábrica, de grande usina, em que se produz o ideal. O ideal não tem origem. Ele também foi inventado, fabricado, produzido por uma série de mecanismos, de pequenos mecanismos. In: FOUCAULT, Michel. *A verdade e as formas jurídicas*. Trad. Roberto C. de Melo Machado e Eduardo J. Morais. Rio de Janeiro: Nau Editora, 1996, p. 15.

³⁸ AN, IR 3/3, 240/1/15. Gazeta Berlinense n. 143, 23 de Junho de 1858 (Grifos no original).

³⁹ AN, IR 3/3, 240/1/15. Ministério dos Negócios Estrangeiros. Artigo traduzido da Gazeta Berlinense dos dias 28- 29- 30- 31 de julho de 1858. Sturz escreveu sobre a emigração, tomando por base a obra de Gustavo Froebel : *A emigração Allemaã em sua significancia ha civilisação*, p. 01.

colônias alemãs deveriam ficar politicamente dependentes da mãe-pátria. Isto seria possível com uma marinha mercante alemã forte que faria a ligação entre a mãe-pátria com a povoada filha (*Mutterland* e *Tochtersiedlung*). Também era necessário, para Sturz, uma ligação regular de navios a vapor desvinculada do transporte de imigrantes.

Em artigo na revista *Ausland* ele teceu considerações sobre as relações do Brasil com os demais Estados da região do Prata. Entre outras, reforçou a necessidade de defesa da fronteira Sul do Brasil e para o problema sugeriu como solução povoar estas vastas áreas de terras, virtualmente desocupadas, com colonos alemães. *“Hoje ainda seria facil ao grande império por leis de colonisação liberaes, pela observação fiel dos tratados (contratos) guiâr a corrente de emigração sobre os pontos ameaçados”*. Entre as ameaças estavam as disputas territoriais entre a Argentina e o Uruguai. Segundo Sturz, o governo deveria oferecer condições para que colonos pudessem aí se instalar.⁴⁰

1.1 CRÍTICAS, ÊXITOS E DEMISSÃO

No exercício do cargo de cônsul, Sturz escreveu inúmeros artigos, obras e panfletos com o propósito de denunciar abusos cometidos pelos agentes da emigração, pelas companhias de navegação, por funcionários públicos, entre outros.

⁴⁰ AN, IR 3/3 Ministério dos Negócios Estrangeiros. Sturz traduziu estes artigos — escritos por ele em alemão (24-26 e 29 de junho de 1858, Augsburg) — para o português em agosto de 1858. Com relação aos conflitos territoriais, Sturz referiu-se à pretensa conquista do Uruguai, em 1851, pelo ditador argentino Rosas.

Um artigo de Sturz, impresso nas *Folhas Allemas*, apontava para a necessidade de regulamentações de ambos os governos, brasileiro e prussiano, para evitar abusos nos negócios da emigração:

*Há muito tempo que a avareza prossegue seu jogo malfazejo em aproveitando-se para seus sordidos fins da disposição da emigração existente. Reccentes experiencias tem mostrado que o Brasil continua a ser utilizado como pretexto para tais diretrizes. Tenho sido informado repetidamente que se diz existirem indivíduos que se dão autorizados pelo Governo do Brazil e até por mim pessoalmente para angariar emigrados.*⁴¹

Outras críticas são direcionadas à Companhia Del Rue⁴², pela forma como esta vinha agindo com os emigrantes, pois segundo contrato da mesma com a Câmara do Rio de Janeiro, esta comprometeu-se a trazer 600 casais de colonos de certa idade e de certas ocupações. As propostas, segundo ele, não eram prejudiciais aos colonos,

*embora que inaplicáveis a uma colônia n'uma escala comprehensiva e a hum systema grande e geral, e tão pouco corresponde as minhas vistas sobre a promoção da immigração que he mister do Brasil que não fiz hum só passo para promover esta medida, tendo-me ao contrário visto obrigado em consequência de grande abuso que logo vi praticado pelos agentes, de proprietários.*⁴³

Neste documento, Sturz enfatiza que procurou cumprir sua tarefa, mas que devido às irregularidades existentes, responsabilizou a Companhia Del Rue pelos abusos cometidos. Era do conhecimento de Sturz que muitos emigrantes alemães emigravam a partir de portos de outros países (Le Havre, Rotterdam, Antuérpia) devido à sua localização, pois do Sul e do Oeste era mais fácil seguir viagem pelo

⁴¹ AN, IR 3/3, Ministério dos Negócios Estrangeiros. Documento de 29 de julho de 1846, traduzido por Sturz.

⁴² Idem, ibidem.

⁴³ Idem, ibidem.

Reno⁴⁴. Além da questão geográfica, as propostas das companhias estrangeiras eram mais atraentes.

Nesse cenário, Sturz empenhou-se para que fossem oferecidas também melhores condições nos portos alemães. Com relação a isto, manifestou-se sobre o *Congresso de Emigração em Francofurt de 1848*.⁴⁵ Durante o congresso, segundo Sturz, fizeram-se representar muitos agentes de emigração dos portos de Bremen, Hamburgo, Amsterdam, Roterdam e Antuérpia, Londres, Estados Unidos, entre outros. Observou que da América do Sul não havia representantes. Neste documento foram expostas as propostas de conceder aos alemães que pretendiam emigrar, “*todas as vantagens de que gozão em portos estrangeiros*”, entre elas a redução do custo da passagem para crianças, a nomeação de comissão para supervisionar a emigração, não somente nos portos, mas também no interior dos Estados alemães, a nomeação de cônsules especiais do Império e de comissários particulares para a superintendência dos imigrantes na América.⁴⁶

Segundo o historiador Christoph Strupp, promulgou-se em Bremen, em 1832, o primeiro decreto para a proteção do emigrante, mas também para o Estado, em vista da *inconveniência* que poderia surgir com a chegada de pessoas pobres (*mittellose Personen*). Segundo este decreto, os donos de navios eram obrigados a colocar embarcações em boas condições de navegação, além de oferecer alimentação e alojamentos para os viajantes. Em 1837, Hamburgo seguia regulamentos semelhantes. Para que fossem evitados negócios abusivos nos

⁴⁴ STRUPP, Christoph. “Von der Alten in die Neue Heimat. Deutsche Auswanderer auf dem Weg nach Lateinamerika”. In: *Matices*. Zeitschrift zu Lateinamerika, Spanien und Portugal. Jg. 4, Nr.15, 1997, p. 26. (Special : Integration I).

⁴⁵ IR 3/3 Ministério dos Negócios Estrangeiros. Arquivo Nacional. Documento de 1848.

⁴⁶ Idem, *ibidem*.

portos, criou-se em Bremen, em 1851, um escritório (*Nachweisungsbüro*) para emigrantes, posteriormente oferecendo-lhes alojamentos.⁴⁷

Além das críticas às companhias de navegação, Sturz afirmou que as propagandas sobre o Brasil haviam “*seduzido os alemães pelas mentirosas representações mil vezes repetidas em milhares de folhetos escriptos em estylo florido exagerando os lucros que havião de fazer*”.⁴⁸

Na obra *Die Deutsche Auswanderung und die Verschleppung deutscher Auswanderer* (A emigração alemã e o rapto de emigrantes alemães) transformou em textos algumas críticas com relação à colonização, que estava para ele “*manchada pela sujeira de ladrões, pela escravidão e pela intolerância*”⁴⁹. Nestas categorias enquadrava as oligarquias do açúcar nordestino, do café no Vale do Paraíba e de São Paulo, as firmas agroexportadoras, os traficantes negreiros, os parlamentares, militares e religiosos.

Nesta obra de 1868, ele afirmou que, após 25 anos de protestos seus, os brasileiros ainda denominavam de colonização⁵⁰ o que ele considerava apenas imigração. Segundo Sturz, estes apenas usavam a palavra imigração para defender interesses privados, ou seja, através da venda de terras do Estado ou griladas, realizavam a distribuição de terras incultiváveis e, devido à necessidade de sobrevivência, muitas famílias buscavam trabalho nas terras produtivas vizinhas.⁵¹

⁴⁷ STRUPP, Christoph. Op. cit., p. 26.

⁴⁸ AN, IR 3/3, Ministério dos Negócios Estrangeiros. Gazetta Berlinense, n. 143, 23 de Junho de 1858.

⁴⁹ STURZ, Johann J. *Die Deutsche Auswanderung und die Verschleppung deutscher Auswanderer*. Berlin : Verlag von Fr. Rortkamp, 1868, p. 3. O propósito de Sturz nessa obra foi tecer considerações sobre o Brasil, apoiando-se nas suas experiências de vários anos, tratando da emigração como um todo, especialmente com críticas aos seus adversários (Gegner), com inúmeros documentos anexados. Esta obra está no IMS em São Paulo.

⁵⁰ Idem, ibidem. O termo *colonização* foi empregado por Sturz para designar o processo de ocupação de determinadas áreas além-oceano — virtualmente desocupadas —, principalmente por agricultores alemães e em pequenas propriedades, implicando em poder para a *mãe-pátria*. O autor definia *imigração* como sendo aquela dirigida à grande lavoura.

⁵¹ Idem, ibidem.

De acordo com o autor, o interesse verdadeiro pela prosperidade das colônias estava ausente nos discursos de muitos, com exceção de alguns homens enérgicos e honestos, entre eles o próprio imperador. Com quase dez anos de discussões na Câmara dos Deputados e no Senado quanto à questão do monopólio de terras e quanto ao registro e estabelecimento de taxas, Sturz reconhecia que estas eram uma triste farsa. Comerciantes de escravos estariam ligados à intolerância religiosa dos jesuítas, à ganância de ministros e de funcionários públicos para que os colonos alemães não se unissem. Os colonos deveriam trabalhar com os donos dos cafezais ou separados, distantes entre si e longe da costa para que fossem aniquilados social e mentalmente.⁵²

Sturz pretendia com esta obra dar uma resposta ao governo brasileiro e com os documentos anexados mostrar algumas questões de direito para os imigrantes alemães. Segundo ele, foi aconselhado por *bons e inteligentes homens* do Brasil a abandonar seus projetos de reformas; porém afirmou que não tinha interesse em explorar os colonos e sim se sentia na obrigação, enquanto funcionário do governo, de lutar pelas reformas e através da imigração reanimar e salvar o Brasil. Conforme suas palavras, tal atitude estava amparada nos papéis de cidadão e de cônsul, enviando diferentes circulares para partidos e corporações no Brasil. Ele tinha a impressão de que seu trabalho, em alguns casos, era frutífero. Contudo, havia vários entraves para que suas propostas fossem aceitas. Um destes entraves era o sistema de parcerias. Nove anos após sua demissão, ele se sentia como um homem alemão que procurou fazer valer o direito da verdade concentrando seus esforços para que o pequeno proprietário e o trabalho livre pudessem prevalecer.⁵³

⁵² Idem, p.04.

⁵³ Idem, p. 11-12.

Apontou também nesta obra o exemplo norte-americano de uma boa distribuição de terras para os imigrantes, e esta estaria associada à liberdade, possibilitando aos trabalhadores alemães amplas perspectivas. Isto, conforme o autor, atraía anualmente milhões de novos emigrados, formando um “*grande laboratório da humanidade*” composto por diferentes nacionalidades. O Brasil, sem estas condições, era desaconselhado por Sturz para a imigração. Por tais motivos, sinalizava para a proibição da emigração para o Brasil, pelo menos até que os alemães tivessem garantias no que se referia principalmente à liberdade religiosa e à segurança na questão das heranças.⁵⁴

Quanto aos seus méritos, Oscar Canstatt⁵⁵ afirmou que a *agitação* de Sturz trouxe uma contribuição, quando, em 1846, discutiu-se, em uma reunião de elaboração da constituição, que era preciso modificar os interesses específicos do velho partido português e dos latifundiários. Essa mudança estava expressa na Lei de Terras de 18 de setembro de 1850 que regulamentou a concessão de terras públicas e facilitou a expedição de títulos de propriedade para estrangeiros. Neste ano, segundo Fritz Sudhaus⁵⁶, o Brasil recebera pouco da corrente emigratória alemã, o que teria ocorrido devido à atuação de Sturz. Para Sudhaus, Sturz não teria se deixado abater por isso, pois continuou enviando inúmeros panfletos sobre a liberdade de culto, sobre a colonização e a repartição de terras no Brasil⁵⁷. Conforme Sturz, a lei de Terras de 1850 tinha como base propostas elaboradas por ele em 1839; porém, esta lei construía enganos e mentiras respaldadas no direito.⁵⁸

⁵⁴ Idem, p. 13.

⁵⁵ CANSTATT, Oscar. *Kritisches Repertorium der Deutsch-Brasilianischen Literatur*. Berlin, 1902, p. 49-50.

⁵⁶ SUDHAUS, Fritz. Op. Cit., p. 87.

⁵⁷ Idem, *ibidem*.

⁵⁸ STURZ, Johann J. *Die Krisis der Deutschen Auswanderung und ihre Benutzung für jetzt und immer*. Berlin : Sieckthier, 1862, p. 102.

Como pode se notar, a maior atuação de Sturz parece estar ligada à imprensa, pois era muito conhecido em diferentes redações de jornais de Berlim, buscando o apoio popular para escrever sobre a emigração alemã. Segundo Carl Wehner, “*ele se tornou na imprensa berlinense, um verdadeiro conhecedor de questões emigrantistas*”.⁵⁹ Também Julius Duboc escreveu sobre sua persistência com relação ao tema da emigração alemã.⁶⁰

Após seu afastamento do consulado, Sturz continuou divulgando informações sobre a situação dos alemães no Brasil. Como a propaganda do *eldorado* no Brasil era expressiva na Prússia, principalmente em regiões pobres como a Pomerânia, ele criticou o sistema de propaganda e as especulações privadas. Isto justificaria, para Karl Wehner⁶¹, a luta de Sturz pela proibição geral da emigração para o Brasil. Ele teria tido êxito pelo fato de seus propósitos chamarem a atenção de determinadas pessoas de expressão nacional, principalmente do político e industrial Wilhelm Harkort. Além de sua influência no Reskript von der Heydt⁶², outro grande debate iniciado por Harkort, em 1861, fora um possível acordo com o governo brasileiro com relação às principais questões relacionadas com as leis da emigração. Na Câmara dos Deputados da Prússia, em 1860, as discussões em torno da emigração haviam ganho um certo impulso através do material impresso, sobretudo, de Sturz, que distribuiu inúmeros folhetos sobre o tema. Harkort, em um requerimento de 4 de junho de 1861, coloca em discussão algumas leis contra a emigração para o Brasil,

⁵⁹ WEHNER, Karl. *Johann Jacob Sturz und die deutsche Auswanderung*. Frankfurt a. M., 1923, p. 2. (Dissertação). Através da leitura da obra, pode-se identificar o autor como verdadeiro fã de Sturz. (*Er war der Presse Berlins ein wahrer Kenner in den Dingen der Auswanderung geworden*).

⁶⁰ DUBOC, Julius. *Plaudereien und Mehr*. Aus der Studien-Mappe. Hamburg, 1884, p. 202.

⁶¹ Idem, *Ibidem*, p. 01-02.

⁶² August von der Heydt era Ministro do Comércio na Prússia. Este Reskript de 1859 proibia a propaganda e a atuação de agentes, mas não a emigração.

e estas deveriam ser não somente válidas para a Prússia, mas para os demais Estados alemães:

A câmara pretende deliberar: exigir do ministério imperial que as existentes leis contra a emigração para o Brasil não fossem apenas mantidas severamente na Prússia, mas que também fossem estendidas para os demais Estados alemães, até que o governo imperial brasileiro determinasse, através de um contrato estatal em favor dos emigrantes alemães, as seguintes medidas:

- 1. Decretar uma lei, a qual declararia válidos os casamentos protestantes e mistos e não como até então, vistos como concubinato;*
- 2. que o governo desfizesse a Sociedade para Colonização, que declarasse inválidos os contratos de parceria e que fossem proibidos no futuro;*
- 3. que o direito de herança fosse regulamentado para os imigrantes e seus filhos e parentes e em casos de conflitos fosse ouvido o cônsul;*
- 4. uma lei que assegurasse para os protestantes o mesmo apoio como para os católicos para a construção de igrejas e escolas.*⁶³

Este debate não chegou a nenhuma resolução por falta de unidade no Parlamento.⁶⁴ O Reskript von der Heydt teve, por sua vez, uma certa repercussão, porém não diminuiu o fluxo emigratório para o Brasil⁶⁵. Este decreto esteve em vigor até 1896 e não tinha a simpatia de alguns brasileiros, entre eles o fazendeiro Joaquim Bonifácio Amaral. Em 1870, este fazendeiro escreveu uma carta a um amigo, na qual identificou os empecilhos provocados pelo decreto. Nesta carta, ele procurou mostrar os *desacertos* daqueles que pensavam na possibilidade da

⁶³ Veja-se Stenographische Berichte über die Verhandlungen des Preussischen Hauses der Abgeordneten. Seção de 4 de junho de 1861, p. 1624. Veja-se também SUDHAUS, Fritz. Op. Cit., p. 119; e CUNHA, Jorge Luiz da. *Rio Grande do Sul und die Deutsche Kolonisation*. Santa Cruz do Sul : Gráfica Léo Quatke da UNISC, 1995, p. 103. (*Das Haus der Abgeordneten wolle beschliessen: das königliche Staatsministerium aufzufordern, die bestehenden gesetzlichen Bestimmungen gegen die Auswanderung nach Brasilien nicht allein in Preußen strengt aufrecht zu erhalten, sondern auch die Zustimmung der übrigen deutschen Staaten zu ermitteln, bis die kaiserlich brasilianische Regierung sich bewogen findet, durch Staats-Vertrag zu Gunsten der Deutschen Einwanderer folgenden Maßregeln auszuführen: 1. Ein Gesetz zu erlassen, welches die protestantischen und gemischten Ehen für gesetzlich gültig erklärt und nicht, wie bisher, als Konkubinat betrachtet; 2. daß die Regierung die Gesellschaft für Kolonisation auflöse, ferner die Parceria-Verträge ungültig erkläre und für alle Zukunft verbiete; 3. daß Erbschaftsrecht für Einwanderer und ihre Kinder und Vewandte in gerechter Weise feststelle und in Kollisionsfälle die Reklamationen der Konsul beachte; 4. ein Gesetz, welches den Protestanten gleiche Unterstützung für Kirchenbau, Pfarrren und Schulen zusichert, als wie den Katholiken*).

⁶⁴ Idem, p. 1154-1624.

⁶⁵ STRUPP, Christoph. Op. Cit., p. 25.

emigração espontânea para o Brasil.⁶⁶ Também em artigo publicado no *Jornal do Comércio*, o decreto era uma prova de que em Berlim se tinha uma imagem negativa do Brasil e Sturz teria contribuído para isso, já que “*este dá agora para este ou aquele ministro em Berlim, informações caluniosas sobre o Brasil*”.⁶⁷ Segundo Sudhaus, sob a influência de Sturz, desenvolveram-se os projetos de colonização do Dr. H. Blumenau e do Hamburger Kolonisationsverein.⁶⁸

As publicações de Sturz, principalmente aquelas com críticas à política imigrantista, contribuíram para a sua demissão. Recebeu várias advertências para não continuar suas críticas, devendo apenas desempenhar o trabalho burocrático como cônsul, e, conforme Sturz, fechar os olhos para muitas coisas. Segundo ele, para tirá-lo do caminho, foi enviado para a Sardenha.⁶⁹

Em 1856, Marcos Antônio de Araújo, Cônsul Geral do Brasil para os Estados Hanseáticos, escreveu a José da Silva Paranhos dizendo que não via nenhum inconveniente para que fosse revogada a nomeação de Sturz para a Sardenha, mas que continuasse residindo na Alemanha cumprindo as ordens do governo imperial e as respeitando, “*sob a condição expressa de cumprir de boa fé as ordens que sobre a futura conducta lhe foram preescritas respeitando os delegados do mesmo Governo, abstendo-se das polêmicas e de recurso a imprensa com o fim de fazer prevalecer as suas próprias idéias às do Governo*”.⁷⁰

⁶⁶ WAGNER, W. Reinhardt. *Deutsche als Ersatz für Sklaven. Arbeitsmigranten aus Deutschland in der brasilianischen Provinz São Paulo 1847-1914*. Frankfurt am Main : Vervuert Verlag, 1995, p. 92-93.

⁶⁷ (... und dieser gibt jetzt dem einem oder anderen Minister in Berlin verleumderische Informationen über Brasilien). Citado por CUNHA, Jorge Luiz da. Op. Cit., p. 102.

⁶⁸ SUDHAUS, Fritz. Op. Cit., p. 70-74.

⁶⁹ STURZ, Johann J. *Die Krisis*..., p. 111.

⁷⁰ A H I, 202/3/1, Legação em Berlim sobre Sturz. Berlim 20 de dezembro de 1856. Marcos A. Araújo foi nomeado em 1847 Cônsul Geral do Brasil para os Estados Hanseáticos.

Neste mesmo ano, o governo brasileiro pretendia transferí-lo para Nova Iorque para que ficasse fora da Europa. Sturz entendia essas transferências para diferentes países como formas de torná-lo mais dócil. Porém, suas ações críticas com relação ao Brasil apontavam para velhas e novas questões, principalmente através da imprensa. Segundo ele, estas questões ele teria defendido tanto com o rei da Prússia, como também com homens considerados importantes de diversas áreas, tais como a ciência, a economia e a vida pública.⁷¹

Sturz também recebeu a proposta de fixar residência no Brasil, mas decidiu ficar na Alemanha sob o argumento de que já havia alugado uma casa por dois anos. Em ofício de 17 de outubro de 1857 foi designado para ocupar um cargo em Stettin, mas deveria fixar residência em Colônia.⁷² No ano seguinte deveria ir para o Brasil a pedido do governo brasileiro. Porém, aconselhado por seu médico, decidiu adiar a viagem. Em outro ofício, demonstrou indignação com as ordens de A. J. Duarte Gondin, que pretendia suspender seus vencimentos que recebia da Legação Imperial de Londres. Além dessas decepções, pretendia deixar claro as suas contribuições no Brasil:

Tenho dedicado decennios ao Brasil, e isto então, não tenho rasão alguma para fallar em rodeios, mediante hum apello publico ao interesse publico Europeo, ainda que principalmente allemão, em empresas de Emigração grandiosas, taes quaes percebo com clareza realisaveis ainda em outras partes que no Sul do Brasil se o Brasil por sua infelicidade enredado por mais tempo por falsos Conselhos e por illusões continuar a manter-se insuceptível d'ellas, ficando-me ainda alem disso mesmo como Brasileiro e como subdião fiel de S. M. Imperador que não deixarei de ser nunca conjunctamente com os meus filhos, a consolação segura de que estas mesmas empresas servir de meio infallivel de trazer ao Brasil aquellas convicções que o habilitarão a fortificar-se contra os prejuizos do desaproveitamento ainda hoje vigente de todos os seus immensos e mais solidos recursos pela exclusão de huma immigração livre e espontanea em escala que baste para o sustento de sua renda publica, do seu throno mesmo e da integridade do Imperio por huma marcha

⁷¹ STURZ, Johann J. *Die Krisis...*, p. 115.

⁷² AHI 202/3/2. 4º Seção n. 22 de 17 de outubro de 1857 202/ 3/2 e Ofício n. 22. Berlim, 17 de outubro de 1857, de Antônio J. Duarte Gondin para J. J. Sturz.

*progressiva correspondente ao novo Impulso que teve o mundo civilizado todo n'este ultimo decennio.*⁷³

Sturz deveria ser transferido para Gênova em 1856, mas, por não ter assumido seu cargo nesta cidade, Marcos de Araújo considerou o fato como desobediência às ordens imperiais sendo então *removido* para a Sardenha.⁷⁴ Em outro documento endereçado para o Visconde de Maranguape, Marcos Araújo comunicou que Sturz poderia ser enviado para o Rio Grande do Sul, por considerar que lá desejaria se estabelecer. Araújo via a inutilidade de um consulado geral no império prussiano, pois havia uma legação em Berlim. Além disto, considerou que Sturz tinha idéias sobre a colonização opostas às do governo e “*o ordenado que recebe hoje o Dr. Sturz é insufficiente para ele viver com a sua numerosa família na Allemanha, o que ha de acabar por trazer-nos desgostos. No Rio Grande podera elle ser útil a si, aos seus e talvez ao mesmo payz*”.⁷⁵

Após ter recusado o convite de vinda ao Rio de Janeiro, foi demitido pelo decreto ministerial de 12 de outubro de 1858: “*Exonerando João Diogo Sturz de Consul Geral da Prússia e que seja considerado em disponibilidades*”.⁷⁶ Em sua obra *Die Krisis der Deutschen Auswanderung und ihre Benutzung für jetzt und immer*, Sturz transcreveu outra parte deste decreto ministerial:

Sua Majestade o Imperador Houve por Bem pelo Decreto da niclusa, Dimittir à V. M. do emprego de Consul Geral, posto em disponibili dade por Decreto de 12. Outubro de 1858, o que the communico para sua intelligência. Prevaleço-me da

⁷³ AHI 202/3/2, Offício, n. 6, de Américo de Castro para J.J. Sturz, de 31 de Agosto de 1858.

⁷⁴ AHI 202/3/1 Correspondência confidencial entre Marcos A. de Araújo e M. da Silva Paranhos. 20 de setembro de 1856.

⁷⁵ AHI 202/3/2. 2º Secção n. 6. Legação do Império do Brasil na Prússia. Berlim, 25 de fevereiro de 1858.

⁷⁶ AN, IR 3, Ministério de Estrangeiros. Código de Fundo BA, SDE. Corpo Diplomático 2. XIII, 1844-1861.

*oportunidade para oferecer a V. M. a expressão da minha consideração.
Ao Senhor João Diogo Sturz*

*J.L. Vieira Cansação de Sinimbu.*⁷⁷

Segundo Sturz, este decreto estava assinado por um ministro que três anos antes lhe havia tecido elogios em relatos através dos quais afirmava que ele é quem mais havia se dedicado às questões relacionadas à colonização e à questão agrária. Sturz esperava que neste decreto e em outros documentos, o governo brasileiro expusesse os motivos de sua demissão.⁷⁸ A repercussão de sua demissão foi, segundo Sudhaus, negativa na Alemanha, sendo um sinal de que não havia disposições para reformas no Brasil, principalmente com relação à colonização.⁷⁹

1.2 A NOVA ALEMANHA NO PRATA E NOS ESTADOS UNIDOS

Após sua demissão, Sturz se desliga das atividades como homem público e passa a residir em Berlim, comprometendo-se, no entanto, a levar adiante seus ideais com relação à questão da emigração alemã. Nesta nova fase, Sturz direciona suas ações para a Região do Prata, que, segundo ele, apresentava as melhores condições para se tornar a *Nova Alemanha*. Segundo Wagener Hermann, isto passou a ser considerado mais um mérito de Sturz, pois a região, devido ao seu sistema fluvial, traria vantagens para os trabalhadores alemães e para os interesses nacionais da Alemanha.⁸⁰

⁷⁷ STURZ, J. Jacob. *Die Krisis...*, p. 115. Citado assim no original. Cansação de Sinimbu foi presidente da Província do Rio Grande do Sul de 1852 a 1855. Foi também Ministro da Agricultura em 1862 (Gabinete Olinda) e Presidente do Gabinete em 1858. Veja-se MACHADO, Paulo Pinheiro. *A política de colonização do Império*. Porto Alegre : UFRGS, 1999, p. 28.

⁷⁸ STURZ, Johann J. *Neue Beiträge über Brasilien und die La Plata-Ländern*. Berlin: J.J. Sturz, 1865, p. 06.

⁷⁹ SUDHAUS, Fritz. Op. Cit., p. 96.

⁸⁰ HERMANN, Wagener (Hrsg.). Op. cit., p. 137.

Em 1863 foi nomeado, pelo governo uruguaio, Cônsul Geral do Uruguai na Prússia. Imediatamente retomou o projeto de mudança da corrente emigratória do Norte para o Sul da América. Hermann Blumenau escreveu-lhe apoiando o plano:

*Esta é a terra como se fosse feita para ser a Nova Alemanha (...). Falem sobre isso na Prússia e Baviera. Se os senhores derem 1-2 milhões, penhora a minha cabeça que o Uruguai em 10 anos, Rio Grande e Entre Rios em 20 anos serão nossos. Um milhão! Um milhão, minha felicidade por um milhão! Eu quero com isso fazer uma parte da história do mundo para que as pessoas pensem em mim.*⁸¹

Quanto à possibilidade da região do Prata se tornar uma Nova Alemanha, Sturz teceu as seguintes considerações:

*Eu mesmo ainda há 20 anos simpatizava com a região sul do Brasil como um alvo para a emigração alemã e a partir de então a cada ano estava convencido que os obstáculos materiais e morais existentes no Brasil eram quase invencíveis. Aqui basta expressar apenas algumas palavras: monopólio de terras, escravidão, intolerância, corrupção da justiça e falta de portos. A cada ano para mim estava mais claro que o Brasil (...) poderia ser sempre apenas um alvo muito limitado para a emigração alemã. Por isso eu trabalhei na verdade firmemente e com determinação pelas reformas; ao mesmo tempo também desde os últimos 20 anos estava mais claro com trinta eminentes homens da geografia e etnografia e da economia política, que muitas partes da imensa região do Prata tinham as melhores condições para a colonização alemã e entre estas partes sobretudo e primeiramente o (...) Uruguai.*⁸²

Sturz acreditava que o Uruguai, juntamente com o Rio Grande do Sul, Entre Rios, o Oeste do Rio Paraná e possivelmente as terras ao Norte de Magalhães e ao

⁸¹ Citado por KIEFER, Sabine. *Blumenau. Ein Fall von charismatischen Herrschaft*. Köln, 1992. (Magisterarbeit). *(Es ist das Land, wie gemacht, Neu deutschland zu werden (...)) Sprechen Sie in Preußen und Bayern denn davon. Wenn die Herren 1-2 Millionen Thaler schaffen, setze ich meinen Kopf zum Pfande, daß Uruguay in 10, Rio Grande und Entre Rios in 20 Jahren unser sind. Eine Million! Eine Million, meine Seligkeit für eine Million! Ich will damit ein Stück Weltgeschichte machen, daß die Leute an mich denken sollen).*

⁸² STURZ, Johann J. *Neue Beiträge...*, p. 2. (So eingenommen ich selbst noch vor 20 Jahren für den südlichen Teil Brasiliens, als einen Zielpunkt deutscher Auswanderung war, so war doch von da ab mit jedem Jahr die Ueberzeugung in mir mehr zur Reife gediehen, dass die materiellen und moralischen Hindernisse, die Brasiliens bot, fast unbesiegbar sein. Es genüge, hier nur die Worte: 'Landmonopol, Sklaverei, Intoleranz, Corruption der Rechtspflege und Mangel an Seehafen' auszusprechen. Mit jedem Jahre wurde es mir klarer, dass Brasiliens(...) doch stets nur ein sehr beschränktes Ziel deutsche Auswanderer sein könnte. Deshalb arbeitete ich zwar unbeirrt und mir Entschlossenheit auf diese Reform hin; zugleich aber ward mir auch seit den letzten 20 Jahren mit wohl dreissig hervorragenden Männern in den Länder- und Völkerkunde und in politischer Oekonomie, mit jedem Jahre klarer, dass mehrere Teile des unermesslichen La Platagebiets die vornehmsten Erfordernisse für deutsche Ansiedelung haben und unter diesen Theile vor allen und zuerst (...) Uruguay).

Sul do Chile, formariam uma Nova Alemanha além-oceano. Porém, dedicou-se mais ao Uruguai por acreditar que aí o clima e a fertilidade do solo eram excelentes e porque a população lá nascida descendia, em sua maioria, de europeus.

Conforme Sturz, a passagem livre anunciada pelo governo brasileiro, por especuladores e latifundiários na Alemanha para atrair imigrantes alemães tinha como pretexto principalmente o trabalho militar, o trabalho com baixos salários ou a venda de terras em matas por preços altos. O Rio Grande do Sul era uma exceção, e nas demais regiões do Brasil os alemães estavam alheios à cultura da mãe-pátria, o que já fora apontado, segundo o autor, pelo príncipe Maximilian zu Wied⁸³ em sua viagem pelo Brasil (1815-1817). Isto significava, para Sturz, a perda de poder para a Alemanha e a impossibilidade de haver trocas comerciais. Instituições liberais e seguras, liberdade religiosa, livre posse de terras, fertilidade do solo, boas condições para o comércio internacional e portos eram as principais condições, sobretudo no Uruguai e no Rio Grande do Sul, para a construção, sem muitas dificuldades, do futuro, pois *“lá a natureza e a situação do país dão condições favoráveis”*.⁸⁴

Contudo, seus planos não puderam ser colocados em prática, pois a intervenção diplomática brasileira no Uruguai fez com que fosse demitido. Essa intervenção foi vista pelo seu biógrafo Schramm-Macdonald como um temor do governo brasileiro pela proximidade de uma colonização alemã mais intensa.⁸⁵

⁸³ Maximilian zu Wied era príncipe de Wied-Neuwied, sendo considerado um notável viajante e pesquisador. Estimulado por Alexander von Humboldt, viajou pelo Brasil de 1815-1817 e para os Estados Unidos de 1832-1834. Veja-se STUMPF, Josef; KNEFELKAMP, Ulrich. *Brasiliana. Vom Amazonienland zum Kaiserreich*. Heidelberger Bibliotheksschriften, 1989.

⁸⁴ STURZ, Johann J. *Die deutsche Auswanderung...*, p. 20-23. (...jedenfalls giebt dort die Beschaffenheit und Lage des Landes sichere Bedingungen).

⁸⁵ SCHRAMM-MACDONALD. Op. Cit., p. 4.

Em 1866, Sturz viajou para os Estados Unidos e a partir de então se posicionou a favor da emigração alemã para este país. Justificou sua nova posição declarando que até então não fora possível direcionar a emigração no Brasil e na região do Prata que favorecesse a Alemanha; sendo assim optou pelo bem estar dos imigrantes alemães como seres humanos.⁸⁶

Sturz apontou a seguinte vantagem para a Alemanha com o estabelecimento de alemães na América do Norte: comprariam uma soma significativa de manufaturas alemãs, pois a maioria era formada por agricultores com famílias numerosas e os filhos seriam os futuros consumidores das fábricas européias. Também os alemães que retornavam para a Alemanha traziam consigo uma soma razoável de capitais, o que revertia em consumo de produtos alemães. O principal motivo do retorno à Alemanha seria a boa educação dos filhos. Outros que não retornavam, enviavam dinheiro para seus parentes. Outra vantagem era a visita de imigrantes à Alemanha, o que contribuía para a troca e a melhoria de métodos no processo de produção.

Segundo Sturz, outro efeito positivo da emigração para os trabalhadores que ficaram na Alemanha foi a possibilidade de trabalho mais bem pago e, em consequência disto, o aumento de trocas comerciais e a geração de mais trabalho. As fábricas teriam assim excedentes para a exportação, levando à aquisição de novos instrumentos e máquinas de trabalho.⁸⁷

⁸⁶ SUDHAUS, Fritz. Op. Cit., p. 101.

⁸⁷ STURZ, Johann J. *Die Deutsche Auswanderung...*, p. 24-25.

Sturz acreditava ainda que a América do Norte poderia fornecer alimentos quando estes estivessem em falta na Alemanha. Além disso, a emigração contribuiria para “a segurança da existência, o aumento da população, o bem estar e com isso também aumentará a educação em toda a Europa”.⁸⁸

Após as várias decepções com projetos migratórios para a América do Sul, Sturz passou a considerar que a América do Norte havia acolhido bem os emigrantes alemães. Pode-se sugerir que se apoiou nas idéias de Julius Froebel, pois transcreveu várias de suas cartas, tecendo alguns comentários:

*Na carta IV o author trata do lado objectivo dos interesses dos emigrados Ailemães. Mostra que o bom sucesso dos emigrados he a condição sine qua non de uma emigração subsequente. Que o egoísmo dos Norte Americanos (As leis e todas as suas instituições sendo já favoráveis a immigração) produz um effeito favorável sobre as necessidades sobre os recém chegados porque os faz descançar somente sobre os seus próprios esforços e que em despeito de tudo ainda por muito tempo os Est^U continuarão a ser o paraíso do immigrado Allemão.*⁸⁹

Para Froebel, o emigrante alemão teria nos Estados Unidos a vantagem de escolher a região onde pretendesse se estabelecer e concluiu que “o emigrado sempre deveria escolher aquelle payz ou lugar em que a riqueza natural se muda de modo mais rápido e na escala maior em riqueza social”.⁹⁰

A obra de Sturz, *Die Deutsche Auswanderung und die Verschleppung Deutscher Auswanderer* estava pautada em algumas destas questões e também na perspectiva de fortalecimento social e político dos alemães nos Estados Unidos.

⁸⁸ Idem, p. 26. (...die Sicherheit der Existenz, die Volkszunahme, der Wohlstand und daher auch die Bildung in ganz Europa vermehrt).

⁸⁹ FROEBEL, Julius. *O Futuro da Emigração Allemã*. Berlin, julho de 1858. Traduzido por J.J. Sturz. Correspondência de J.J. Sturz Consul Geral na Prússia (1840-1860) AN. Grifos no original.

⁹⁰ Idem, ibidem.

Estes, em conformidade com o espírito americano (*amerikanische Thatengeist*), tornar-se-iam “os apóstolos e portadores da civilização cosmopolita” no Leste asiático e no Sul da América. Por fim, considerou que “esta tarefa fielmente cumprida, irá conceder o primeiro lugar para nosso povo na história mundial, incalculáveis vantagens materiais e políticas, poder através do trabalho e do espírito e todas outras armas da paz em todo o mundo”.⁹¹

1.3 ATIVIDADES EM BERLIM

Através de suas atividades na imprensa, Sturz buscou atuar junto à opinião pública. Acreditava que uma de suas tarefas seria o direcionamento da emigração alemã para países onde os emigrados fossem acolhidos como livres, permanecendo ligados à pátria-mãe. De seus escritos relacionados a esta questão, podem ser citados os seguintes: *Brasilianische Zustände und Aussichten im Jahre 1861* (Berlin, 1862); *Die Krisis der deutschen Auswanderung und ihre Benutzung für jetzt und immer* (Berlin, 1862); *Kann und soil ein Neu-Deutschland geschaffen werden und auf welche weise?* (Berlin, 1862); *Schafzucht und Wollproduktion für deutsche Rechnung in Uruguay* (Berlin, 1864); *Neue Beiträge über Brasilien und die La Plata-Länder* (Berlin, 1865) e *Die deutsche Auswanderung und die Verschleppung deutscher Auswanderer* (Berlin, 1868).⁹² Outras publicações abordavam questões econômicas, ligações marítimas e políticas comerciais, principalmente as disputas por mercados

⁹¹ STURZ, Johann J. *Die Deutsche Auswanderung...*, p. 10. (*Diese Aufgabe, treulich erfüllt, wird unserm Volkstamme den ersten Platz in der Weltgeschichte, wird ihm unberechenbare materielle und politische Vortheile, wird ihm die Herrschaft durch Geist und Arbeit und alle anderen Waffen des Friedens auf der ganzen Welt gewähren*).

⁹² (Tradução dos títulos: Condições brasileiras e perspectivas no ano de 1861; A crise da emigração alemã e sua utilização agora e sempre; Pode e deve ser criada uma Nova-Alemanha e de que modo?; Criação de ovelhas e produção de lã para rendimento alemão no Uruguai; Novas contribuições sobre o Brasil e terras do Prata e A emigração alemã e o rapto de emigrantes alemães.)

entre nações européias, tendo por cenário várias regiões do planeta. Citamos algumas de suas produções: *Der Fischfang auf hoher See* (A pesca em alto mar, Berlin, 1862). Nesta, Sturz reivindicava o direito dos alemães para a exploração da pesca no Mar do Norte, pois considerava que este espaço estava sendo tomado indevidamente pela França e pela Inglaterra. Em outro texto, *Soll und kann Deutschland eine Dampfflotte haben und wie?* (Deve e pode a Alemanha ter uma marinha mercante e como? Berlim, 1848) mostrou seu interesse por uma frota marítima, pela formação de um exército alemão e, sobretudo, por uma grande posição de poder da Alemanha. Para ele, esta posição somente poderia ser conduzida pelo reino prussiano.⁹³

Entre as publicações em língua portuguesa destaca-se: *Efeitos beneficos das machinas e do combustivel, como aperfeiçoamento dos meios de transporte sobre a prosperidade das nações* (1835); *Efeitos das machinas e suas vantagens na riqueza publica e necessidade de sua introdução no Brasil* (1835); *Memoria sobre os diversos ramos da agricultura, commercio e industria, offerecida à Assembleia Provincial da Bahia* (1846) e *Emigração para o Brasil* (sem data).⁹⁴

Sturz viveu os últimos anos de sua vida em Berlim em condições financeiras precárias. Segundo os biógrafos Karl Wehner, Schramm-Macdonald, R. Elcho e Julius Duboc, ele gastara a maior parte de seu dinheiro com a publicação de seus escritos. Segundo Wehner, em 1867 um comitê dos viajantes e escritores de Marburg coletou dinheiro para Sturz e posteriormente recebeu uma subvenção de 4

⁹³ WEHNER, Karl. Op. Cit., p. 2.

⁹⁴ In: *Encyclopedia e Diccionario Internacional*. Organizado e redigido com a collaboração de distinctos homens de sciencia e de lettras brasileiros e portuguezes. W. M. Jackson editor : Lisboa, Rio de Janeiro, São Paulo. Vol. XVIII. Sturz residiu no Rio de Janeiro e na Bahia. BPA.

mil Taler por ano do chanceler Bismarck, por seu esforço em prol da emigração (“*auf seine Bestrebungen zum besten der deutscher Auswanderung*”).⁹⁵

Nos últimos anos de sua vida, Sturz dedicou-se ao futuro da colonização alemã. Tendo como tema a disputa pelo Novo Mundo, escreveu o texto *Der wiedergewonnene Weltheil, ein neues gemeinsames Indien* — (A parte do mundo reconquistado, uma nova Índia coletiva. Berlin, 1868) —, no qual apresentou sugestões para empreendimentos com o objetivo de posse de colônias na África, e estas viriam a ser a *Índia da Alemanha*. Segundo Schramm-Macdonald, Sturz pretendia, aos 76 anos, ir pessoalmente para a África para fazer parte da *friedliche Eroberungszuge* (pacífica expedição de conquista)⁹⁶. Contudo, não conseguiu realizar este projeto, pois morreu em Berlim em 1877.

O jornal *Die Gartenlaube* publicou em 1878 uma correspondência da legação chinesa, que também circulou em outros jornais, no qual se diz que um ministro chinês doou duzentos marcos à viúva de Sturz como agradecimento pelas denúncias dos abusos cometidos contra trabalhadores chineses (cules) no Peru, em Cuba e em outros países sul-americanos.⁹⁷

Com relação às suas atividades em Berlim, seus biógrafos destacaram sua luta contra as agressões contra os animais. Sturz teria tido influência na elaboração de uma lei imperial contra maus tratos públicos a animais. Nessa luta, tinha o apoio de uma ordem policial de 1872 para evitar agressões (*Knebelung*) a bezerros e ovelhas. De acordo com termos usados por Sturz, eram usados métodos brutais no

⁹⁵ WEHNER, Karl. Op. cit, p. 2.

⁹⁶ SCHRAMM-MACDONALD. Op. Cit., p. 66.

⁹⁷ ELCHO, R. Sturz, der Menschenfreund. In: *Die Gartenlaube*. 1878 (Heft 11), p. 184.

transporte de animais pelas ruas: bezerros eram atirados com violência nas carroças, e, muitas vezes, eram alvo de cães ferozes até serem transportados ao local do abate.

Segundo Julius Duboc⁹⁸, Sturz chegava a permanecer sete a oito horas por dia no mercado de animais para observar e anotar as contravenções. Conforme este autor, Sturz solicitou que fosse acompanhado por “*homens bem posicionados*” para observar os maus tratos a animais, esperando assim um posicionamento claro e combativo da associação de defesa dos animais. Estes pedidos causaram agitação entre os membros da associação e os açougueiros. Duboc avaliou essas atividades como humanas, nacionais, econômicas e higiênicas. Ressaltou ainda um artigo de Sturz publicado no jornal comercial e bancário, no qual o autor observava que em nenhum outro continente se consumia carne de bezerros com poucas semanas. Para Sturz, a imagem dos germanos e eslavos como povos que pouco praticavam atos de crueldade com animais estava desaparecendo, ou seja o *Gemüth* (afetividade) na Alemanha invertia-se na prática horrorizante com bezerros recém-nascidos.⁹⁹

Schramm-Macdonald viu como outro êxito de Sturz a proibição da brutalidade com bezerros e a instituição de uma outra prática no abate de animais. Sturz o teria convidado, em 1872, para apelar junto à corte espanhola pela proibição das touradas. Ainda antes de sua morte, ele imprimiu, às suas custas, centenas de exemplares de um livro infantil, *Des Kindes Gespielen* (Os companheiros das crianças) no qual incentivava o amor aos animais.¹⁰⁰

⁹⁸ DUBOC, Julius. *Plaudere in und mehr*. Aus der Studien-Mappe. Hamburg, 1884, p. 203. Duboc era amigo de Sturz e redator do jornal *Nationalzeitung* em Berlim.

⁹⁹ Idem, p. 206.

¹⁰⁰ SCHRAMM-MACDONALD. Op. Cit., p. 67.

Julius Duboc considerava Sturz uma figura popular em Berlim por estar em todos os jornais e por ter um grande respeito de muitos jornalistas, sendo considerado por estes um exemplo de "*representação moral e ética*".¹⁰¹

¹⁰¹ DUBOC, Julius. Op. Cit., p. 203.

CAPÍTULO II

CIVILIZAÇÃO NOS TRÓPICOS

*Die Civilisation, welche die Oberfläche des Erdbodens umformt, sie vertreibt zugleich, sie verändert, vernichtet die schwächeren Geschöpfe; unersättlich, am Ende selbst die Humanität bedrohend, reißt sie die ganze Natur um sich her in ihren mächtigen Strudel hinein.*¹⁰²

Johann von Spix; Carl von Martius, Johann Sturz e tantos outros europeus que buscaram *descobrir* o Brasil, construíram, com seus *olhares externos*, imagens do país com fortes traços da cultura de origem. Por tais motivos, procuraremos tecer algumas considerações com relação ao contexto alemão nos séculos XVIII e XIX e o sentido dado ao conceito de *civilização*. Abordaremos também como foi feito seu uso na língua francesa e inglesa, pois nosso personagem teve parte de sua formação na Inglaterra.

Segundo Norbert Elias¹⁰³, civilização seria um conceito que se ligaria a diferentes fatores (*Fakten*): desenvolvimento das técnicas, costumes, desenvolvimento de conhecimentos científicos, idéias religiosas, visões de mundo e

¹⁰² SPIX, Johann Baptist von; MARTIUS, Carl Friedrich Phillip von. *Viagem pelo Brasil, 1817-1820*. Trad. Lúcia F. Lahmeyer. Rio de Janeiro : Imprensa Nacional, 1938, p. 26. (3 volumes e atlas) (A civilização, que transforma a superfície da terra, também expulsa, extingue os seres mais fracos e mesmo no final ameaçando a humanidade, arrasta insaciável na sua voragem toda a natureza).

¹⁰³ ELIAS, Norbert. *Soziogenetische und psychogenetische Untersuchungen. Bd. 1: Wandlungen des Verhaltens in den weltlichen Oberschichten des Abendlandes*. 20 Aufl. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1997, p. 89. Elias utiliza este conceito, no sentido teórico e social, como uma imposição de controles externos e especialmente internos em relação a manifestações emocionais, inclusive irrupções de violência destruidora. Veja-se também, do mesmo autor, *Os Alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro : Jorge Zahar Editor, 1997.

muitas coisas mais. Esses fatores traziam à tona a imagem que o Ocidente nutria de si mesmo. Primeiramente, expressava o sentimento de superioridade das chamadas classes superiores sobre as consideradas inferiores e depois passou das nações ocidentais como um todo sobre as demais regiões no mundo com vistas à legitimação da colonização. Essas sociedades procuravam caracterizar-se pelas suas especificidades e com aquilo que lhes conferia orgulho (*Stolz*). Essas especificidades, tais como atitudes, sentimentos e modos de conduta, eram tidas como “*naturais*”.¹⁰⁴

Ainda segundo Norbert Elias, civilização não significou o mesmo em diferentes nações. O uso desse conceito na Alemanha referia-se a algo útil, um valor de segunda importância que compreendia apenas a aparência externa dos indivíduos, ou seja a “*superfície da existência humana*”.¹⁰⁵ Wilhelm von Humboldt definiu a civilização como “*a humanização dos povos nos seus usos e costumes externos e em relação com a mentalidade*”.¹⁰⁶

Para os franceses e ingleses, o conceito de civilização podia referir-se aos fatos políticos, sociais, econômicos, religiosos e morais. Enfim, a civilização representava “*o orgulho pela importância de suas nações para o progresso do ocidente e da humanidade*”.¹⁰⁷

¹⁰⁴ ELIAS, Norbert. *Os Alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro : Jorge Zahar Ed., 1997, p. 13.

¹⁰⁵ ELIAS, Norbert. *Über den Prozeß der Zivilisation*..., p. 90.

¹⁰⁶ RIDLEY, Hugh. “Annäherungen an den dynamischen Zeitgeist. Geographische Zeitschriften im Vormärz”. In: LAUSTER, Martina (Hrsg.). *Deutschland und der europäische Zeitgeist. Kosmopolitische Dimensionen in der Literatur des Vormärz*. Bielefeld : Aisthenis Verlag, 1994, p. 91. (...*die Vermenschlichung der Völker in ihren äußeren Einrichtungen und Gebräuchen und der darauf Bezug habenden inneren Gesinnung*).

¹⁰⁷ ELIAS, Norbert. *Über den Prozeß der Zivilisation* ..., p. 90.

Na Alemanha, o termo civilização fora utilizado em segundo plano, dando lugar ao termo cultura (*Kultur*). Quanto ao conceito *Kultur*, na língua alemã o seu significado central era atribuído ao intelectual, ao artístico, aos fatos religiosos e demarcava fronteiras nítidas com os fatos políticos, econômicos e sociais. Este conceito referia-se ao produto das pessoas nas obras de arte, nos livros, nos sistemas filosóficos ou religiosos. Os termos *deutsche Kultur* e *la civilisation française* tinham características semelhantes quanto aos atributos imutáveis e eternos de uma nação. A diferença, apontada por Norbert Elias, é que o termo civilização para os franceses expressava nacionalismo e expansionismo, o que não estava presente no termo *Kultur*. No século XX, o termo *Kultur* passou a designar cultura nacional deixando para o segundo plano os valores humanistas e morais constituindo-se num símbolo de *nós-imagem*.¹⁰⁸

Elias observou ainda que, de forma geral, o conceito de civilização amenizou as diferenças nacionais entre os povos ocidentais acentuando o que havia de comum entre eles, ou seja, a sua autoconsciência, cujas fronteiras e sua especificidade desde séculos não estavam nas discussões devido a um profundo arraigamento por parte destes povos.¹⁰⁹ Os indivíduos esqueceram o seu próprio processo de civilização e o viam como algo herdado. Conforme o autor citado, esse processo estaria concluído internamente nas sociedades ocidentais do século XVIII para o XIX, e os indivíduos se sentiam então como porta-vozes desse modelo de civilização. Sturz perpassou esta idéia, pois compreendia a civilização como um

¹⁰⁸ ELIAS, Norbert. *Os Alemães...*, p. 129-130. Segundo o autor, as classes médias de países europeus durante o período de sua ascensão tinham sido orientadas para o futuro. *Uma vez elevadas à posição de classes dominantes, suas seções de liderança e suas elites intelectuais (...), trocaram o futuro pelo passado a fim de basear neste sua imagem ideal delas próprias.(...) O cerne da 'nós-imagem' e do 'nós-ideal' delas foi formado por uma imagem de sua tradição e heranças nacionais.*

¹⁰⁹ Idem, p. 92.

movimento, cuja essência era ultrapassar as fronteiras da Europa impondo-se ao resto do mundo em nome de uma cultura mais perfeita e mais humana.¹¹⁰

Para Elias, de todo esse processo civilizatório, ficou na consciência destes povos nada mais do que um resto vago. O resultado de si próprio aparece então como expressão de seus próprios talentos. A questão de como se chegou lá não interessa.¹¹¹ E a consciência de sua própria superioridade, a consciência dessa civilização serviu a partir daí para algumas nações, que buscavam expandir a colonização além-Europa como um conceito, cujo uso justificaria os seus domínios. Essa consciência da superioridade européia teve então um grande impulso.¹¹²

Nos escritos de Sturz há uma forte presença do conceito de civilização, o que posteriormente procuraremos, dentro de nossas limitações, exemplificar. Antes, convém revermos parte do mundo vivido por Sturz, o que poderá contribuir para entendermos aspectos de seus pensamentos, comportamentos e sentimentos.

O contexto alemão, quando comparado ao francês e inglês, não era afetado com a mesma intensidade pelas transformações advindas com a Revolução Industrial e com o capitalismo que buscava sua consolidação. Também outros fatores, como a unificação nacional (1871) e a democracia parlamentarista, ocorreram mais tardiamente, ao serem comparados com a França e a Inglaterra. Isso justificaria a especificidade do pensamento liberal alemão adaptado às condições históricas com influência de modelos do liberalismo clássico inglês e francês. Muitos dos representantes das idéias liberais, entre eles Sturz, acreditavam na *“inevitabilidade do progresso e nos benefícios do avanço econômico e científico,*

¹¹⁰ Um dos exemplos sobre esta questão está na obra *Die Deutsche Auswanderung* (...).

¹¹¹ ELIAS, Norbert. Op. Cit., p. 153.

¹¹² Idem, ibidem.

juntamente com a crença nas virtudes de uma administração burocrática de ilustrado paternalismo e um senso de responsabilidade entre as hierarquias superiores".¹¹³

Aos olhos dos liberais, o século XIX vem a ser o grande século do progresso.¹¹⁴ O progresso era importante para a classe média alemã, chamando a atenção para os avanços que já tinham sido realizados pela humanidade e indicando uma nova perspectiva para a história¹¹⁵.

A classe média alemã, formada principalmente pela chamada burguesia nascente, permanecia excluída dos círculos de poder dominados pela nobreza burocrática e militar. Os códigos dessa nobreza eram a honra, civilidade, boas maneiras, conveniência, diplomacia e a violência era usada de forma cavalheiresca, principalmente nos duelos. Segundo Norbert Elias, a exclusão da classe média de cargos governamentais levou-a a desenvolver um código próprio de comportamentos e de sentimentos: moralidade, ideais de igualdade e de humanidade. Conforme Elias, era um código *"mais de virtude que de honra"*.¹¹⁶ Esse discurso pode ser percebido em Wilhelm von Humboldt, o qual considerava que *"nada é mais importante em um alto funcionário público do que estar voltado para todas as direções da humanidade"*.¹¹⁷

¹¹³ Citado por LISBOA, Karen Macknow. Op. Cit., p. 138.

¹¹⁴ Veja-se LE GOFF, Jacques. "Progresso/Reação". Trad. Irene Ferreira. In: *História e Memória*. Campinas, Unicamp, 1990, p. 256.

¹¹⁵ Segundo Norbert Elias, a classe média pretendia corrigir e contestar um tipo de escrita dominante, a história política centrada nos grandes feitos da nobreza aristocrática e militar. Era de grande importância para a posição e auto-imagem das elites de classe média que a tradição da escrita da história pretendida ficasse conhecida como história cultural (*Kulturgeschichte*). Veja-se *Os alemães...*, p. 121-22.

¹¹⁶ ELIAS, Norbert. *Os alemães...*, p. 132-133. Este autor considerava como sendo pertencentes à classe média as pessoas que normalmente trabalhavam para ganhar a vida. Norbert Elias, em uma das teses desta obra, afirma que a classe média alemã fracassara ao tentar unificar a Alemanha. Essa unificação deu-se sob a liderança da nobreza militar, significando uma vitória desta sobre a classe média alemã. A burguesia, ao conquistar espaço político, gradualmente começava a adotar alguns códigos da nobreza: honra, civilidade, boas maneiras, conveniência e diplomacia.

¹¹⁷ RIDLEY, Hugh. "Annäherungen an den dynamischen Zeitgeist. Geographische Zeitschriften im Vormärz". In: LAUSTER, Martina. *Deutschland und die europäische Zeitgeist. Kosmopolitische Dimensionen in der Literatur des Vormärz*. Bielefeld: Aisthesis Verlag, 1994, p. 91. (*Nichts ist also wichtig bei einem höheren Staatsbeamten, als welchen Begriff er eigentlich nach alle Richtungen hin von der Menschheit.*)

A burguesia alemã da segunda metade do século XVIII inseria as realizações culturais, tais como a filosofia, a literatura e a ciência, na mais alta escala de valores. O conceito de cultura, que, segundo Elias, era um símbolo de autoconsciência e auto-estima da classe média, tinha presente os códigos de moralidade e humanidade limitados aos círculos burgueses.¹¹⁸

O conceito de *Kultur*, ao ser adotado pela classe média no século XVIII, foi usado para expressar sua auto-imagem e seus ideais humanitários.¹¹⁹ De Schiller a Goethein, diz Elias, percebe-se como a *intelligentsia* da classe média alemã conservava o seu amor-próprio, sua integridade pessoal e o sentido do seu próprio valor, não se identificando inteiramente com o Estado. Priorizavam-se os valores humanistas em detrimento dos valores nacionais.¹²⁰

Esses valores, códigos e comportamentos da classe média deveriam ser válidos para todos os tempos e lugares. Entretanto, a sociedade cortesã aristocrática desprezou em parte esse modelo burguês, mantendo o código de honra guerreiro, reforçando assim a desigualdade, a dominação e a subordinação.¹²¹

O nosso personagem utilizou em seus discursos alguns traços dos códigos morais e humanitários desenvolvidos pela classe média alemã. Ele acreditava nos direitos dos seres humanos e no progresso natural da humanidade. Seus discursos sobre política e economia traziam à tona o ser europeu, a idéia de pertencimento e uma suposta superioridade psíquica, física, comercial, industrial e tecnológica.

¹¹⁸ ELIAS, Norbert. *Os alemães...*, p. 111.

¹¹⁹ Idem, p. 119. Quanto ao estudo dos termos cultura e civilização, Elias reforça que estes, no século XVIII, referiam-se a processos e que, no século XX, passaram a representar algo quase estático. Este autor afirma ainda que nesta passagem se esqueceu que o termo cultura referia-se a um processo de *cultivação*, de transformação da natureza pelos homens.

¹²⁰ Idem, p. 125.

¹²¹ Idem, p. 112.

Percebe-se que Sturz também se aproximou do conceito de civilização francês e inglês.

Sturz também trazia inquietações, principalmente no Brasil, com relação às questões de progresso que necessariamente deveriam passar, por exemplo, pelas mudanças administrativas no governo brasileiro, as quais trariam benefícios não somente para a colonização alemã, mas para o país como um todo. Para ele, o *futuro melhor*¹²² no Brasil ocorreria, sobretudo, longe do poder dos latifundiários, pois acreditava que no país deveria se fazer a reforma agrária. A existência de grandes propriedades era, segundo Sturz, “*hum obstáculo insuperável da civilização homogênea da nação, impossibilitada pelos grandes vultos da escravatura mantidos em pé pela lavoura grande*”.¹²³

Uma civilização baseada num “*estilo tropical*” era por ele gestada, pois acreditava que determinadas sociedades pudessem passar de um estágio inferior para um estágio mais avançado e por isso olhava com esperança e confiança para um *futuro melhor* no Brasil. Para que isso ocorresse tinha como um de seus objetivos principais modernizar a cultura brasileira, lançando mão da avançada cultura européia.¹²⁴ Enfim, para ele, era preciso implantar a civilização ocidental nos trópicos.

¹²² O *melhor futuro* simbolizava o conceito de *progresso*, assumindo na crença de Sturz o caráter de um ideal pelo qual se podia lutar com inteira confiança em sua realização final.

¹²³ AN, IR 3/3, Berlin 4 de Agosto de 1858.

¹²⁴ HERMANN, Wagener. Op. Cit., p. 136.

Nessa questão, Sturz referenciou Julius Froebel¹²⁵, o qual julgava que o “*formalismo*” nos países hispano-americanos era para o emigrante europeu “*um campo comodo pela nulidade da civilização*”, já que não encontraria “*hum contraste em princípios da civilização*”, havendo assim muitas vantagens na colonização de um país despovoado. Para ele, nas “*colônias Hispano-Americanas a emigração alemã tem todas as condições da civilização*”.¹²⁶

Froebel trouxe à tona a imagem da América Latina como sendo formada por países sem povos e por isso a civilidade européia não estaria ameaçada. Como num passe de mágica, índios, negros, outras etnias e descendentes desapareciam em toda a América. Ele deixava claro que a civilização não era atributo de todos. Das idéias de Froebel, Sturz concordou que a civilização ocidental era superior, mas não anulava a população existente na América.

Em vários de seus escritos, Sturz acreditava que na América do Sul o progresso seria inevitável, pois os avanços econômicos e científicos, aliados à virtude de uma administração burocrática, trariam enormes benefícios, melhorando ainda mais, no futuro, as condições da humanidade. Segundo ele, o progresso material de um país “*he a multiplicação dos meios de aproveitamento e do desenvolvimento dos seus recursos, do aumento de sua produção*”.¹²⁷ A eficácia desse modelo seria a concentração razoável da população livre trabalhadora e livremente consumidora.

¹²⁵ Sturz apresentou Julius Froebel como membro da Assembléia Alemã de 1848. Ele residiu nos últimos anos de sua vida nos Estados Unidos. Era editor por 5 anos da Gazetta Californiense e autor da obra *Da América*, considerada a melhor entre as obras escritas em alemão sobre emigração alemã nos Estados Unidos. Esta obra, segundo Sturz, recebeu elogios de Humboldt. Sturz transcreveu 15 cartas de J. Froebel em forma de texto com o título *O Futuro da Emigração Allemaã*. In.: Correspondência de D J. Sturz, 1840-1860, AN.

¹²⁶ Idem, ibidem.

¹²⁷ AN, IR 3/3. Ministério dos Negócios Estrangeiros. Legações e Consulado do Brasil em Berlim, 1848- 1872. Carta de Sturz datada em 5 de maio de 1856, Dresden. Destinatário não legível.

Sobre o futuro melhor, progresso e civilização referenciamos a sua obra *Efeitos benéficos das máquinas e dos combustível sobre a prosperidade das nações: Oferecido às sociedades irmãs do Rio, e Bahia, auxiliadoras da indústria e agricultura e as assembleias provinciais em que estão as esperanças do Brasil*, na qual tinha como um dos objetivos “derramar pelo povo idéias úteis e para elevar o país aquele grau de riqueza e ventura a que tem chegado muitos países”.¹²⁸ Segundo o autor, para o Brasil chegar a isto teria a seu favor a natureza. Para ele, o século XIX seria o século do progresso:

*Mesmo hoje (em 1835) estamos ainda em véspera d' outras maiores descobertas, que tem de ser devidas aos extensos meios d' acelerar o melhoramento e esclarecimento da sociedade, e a generosa fonte das Sciencias em já cristalinas águas, que borbulham em todas as partes do mundo através dos velhos abusos e prejuízos bebe ella largos sorvos a convicção das legítimas forças da Natureza e da simplicidade como forão creadas pelo Omnipotente.*¹²⁹

Ainda nesta obra, Sturz não concordava com Montesquieu no que se refere à idéia de que a introdução de máquinas deixaria muitos indivíduos sem trabalho. Para o autor, o Brasil, com a abundância das riquezas naturais, teria muitas vantagens em introduzir moinhos de água, trazendo comodidade para a vida no Império. Uma das vantagens das máquinas sobre o trabalho manual era de que estas aumentariam e melhorariam os produtos. A Inglaterra seria o país “*mais adiantado na applicação das forças inanimadas (...) a isto se deve principalmente sua superioridade em tudo; sua grandeza e riqueza*”.¹³⁰

¹²⁸ STURZ, Johann J. *Efeitos Beneficos das Máquinas e do Combustível como do aperfeiçoamento dos meios de transporte sobre a prosperidade das nações o ferecidas às sociedades irmãs do Rio, e Bahia, auxiliadoras da Indústria e Agricultura, e as assembleias provinciais em que estão fundadas as esperanças do Brasil*. Rio de Janeiro : Typographia Nacional, 1835, p. 04.

¹²⁹ Idem, *ibidem*.

¹³⁰ Idem, p. 05.

As máquinas, segundo Sturz, não tomariam o lugar do homem, mas poupariam *“tempo e força”*, podendo os indivíduos ocuparem-se com outro trabalho produtivo, sobretudo na agricultura. As máquinas também dariam lugar ao barateamento de produtos de consumo doméstico e de exportação *“porque permitem maior perfeição, cuidado e igualdade no fabrico de qualquer objeto”*.¹³¹

Com relação aos desempregados nos *velhos países* europeus e a resistência à introdução de máquinas, Sturz argumentou que a solução estava dada pelos economistas políticos que buscavam resultados gerais com a produção com menos custos e os desempregos seriam *“justificados pelo princípio que deve o bem particular ceder ao interesse geral”*.¹³²

O exemplo de países europeus, vistos por Sturz como mais adiantados em civilização quando da introdução de máquinas, foram declarados livres de direitos de importação por certo tempo. O governo brasileiro deveria seguir este exemplo concedendo a isenção de direitos de importação do carvão de pedra pela falta de combustível e de máquinas a vapor. Esta isenção deveria ser abolida parcial ou totalmente, após meio século. As máquinas teriam, então, contribuído *“não só para a felicidade, riqueza e ilustração do povo brasileiro, como também para o aumento da receita do seu thesouro”*.¹³³

¹³¹ Idem, *ibidem*.

¹³² Idem, *ibidem* (Grifos do autor).

¹³³ Idem, p. 10.

Os melhoramentos propostos por Sturz fundamentavam-se, em parte, na obra de Adam Smith, *Riqueza das Nações*, e seriam para o Brasil um meio de “acelerar” a civilização. Segundo Foucault, Adam Smith referiu a noção de riqueza à de trabalho: “O trabalho anual de uma nação é o fundo primitivo que fornece ao consumo anual todas as coisas necessárias e cômodas à vida e essas coisas são sempre ou o produto imediato desse trabalho ou compradas de outras nações com esse produto”.¹³⁴ Para Sturz, era “reconhecido por todos que são terra e trabalho o fundamento de toda a riqueza; he consequência forçosa que devem os capitães ser empregados n’hum ou n’outro, ou em ambos”.¹³⁵

Com relação ao trabalho forçado dos africanos, Sturz afirmou que sua aquisição deixou de ser legal e sua diminuição seria inevitável pela desproporção dos sexos, mas por falta de uma legislação adequada, a emigração européia não supriria a falta de trabalhadores no Brasil. Segundo ele, o meio eficaz que o país deveria adotar pela falta de braços e aumento de sua força produtiva seriam o trabalho, a inteligência, a ciência e as terras, as quais haviam de sobra para dezenas de séculos.

¹³⁴ Citado por FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas. Uma arqueologia das ciências humanas*. Trad. Salma Tannus Muchail. São Paulo : Martins Fontes, 1999, p. 304. A obra de Adam Smith, *A Riqueza das Nações*, escrita na década de 70 do século XVIII, tinha como alvos principais os monopólios, corporações, privilégios, entraves legais e consuetudinários, além de se pronunciar pela superioridade do trabalho assalariado. Veja-se BOSI, Alfredo. *Dialética da Colonização*. São Paulo : Companhia das Letras, 1992, p. 213.

¹³⁵ STURZ, Johann J. *Efeitos Benéficos ...*, p. 08.

2.1 CIÊNCIA E RAÇA NOS ESCRITOS DE STURZ

*O único fim da Ciência he a economia e o melhoramento das artes da vida.*¹³⁶

A ciência era para Sturz o braço mais elevado da humanidade e os portadores da ciência eram os europeus. A ausência deste modelo no Brasil justificaria sua inferioridade. Para ele, faltava ao Brasil um instituto que fosse o “centro de todos os esforços científicos”*, cuja tarefa especial seria o exame geológico em detalhes de todo o país. Com relação a este instituto afirmou:

*Na verdade um apreçamento claro do período em que vivemos, do seu espírito e de suas exigências aponta a necessidade de hum instituto público que formasse huma ponte de junção entre a administração do estado e a sciencia (...) e por isso deveria haver sobretudo no Brasil, payz tão atrasado em sciencias theoricas e practicas por causa de sua antecendencia portuguesa.*¹³⁷

Com relação a isso, Renan afirmou naquele século que “a base de uma nação civilizada é a ciência”¹³⁸ e Sturz partilhou desta idéia observando ainda que civilização e ciência deveriam andar juntas para “fazer brotar germes de hum novo porvir”.¹³⁹ Essa observação de Sturz deveria ser válida para o Brasil, pois para ele e para o naturalista Martius¹⁴⁰, o domínio dos homens sobre a natureza seria o gesto

¹³⁶ Idem. Citação que se encontra na capa da obra *Efeitos Benéficos...*

* Grifos do autor.

¹³⁷ AN, IR 3/3, Sturz, Johann J., Berlin 4 de agosto de 1858 (manuscrito sem título).

¹³⁸ Citado por TODOROV, Tzvetan. *Nós e os outros. A reflexão francesa sobre a diversidade humana*. Trad. Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro : Jorge Zahar Editor, 1993, p. 132.

¹³⁹ AN, IR 3/3, Sturz, J.J., Berlin 4 de agosto de 1858.

¹⁴⁰ Veja-se LISBOA, Karen Macknow. Op. Cit., p. 172.

fundador da civilidade. Em uma correspondência de Martius para Sturz,¹⁴¹ ele afirmou que os recursos naturais seriam a salvação do Brasil e para explorá-los seria preciso a aplicação de métodos e técnicas científicas. Em carta de 04 de agosto de 1840 para Sturz, Martius teceu as seguintes considerações sobre a agricultura:

*A agricultura trópica deve ser desenvolvida de princípios da physica mui diferentes. Mas esta he a questão que até hoje não tem sido feita scientificamente nem no Brasil nem em outro qualquer payz americano Tropico. A aplicação dos princípios da ciencia deveria ser feita na agricultura domestica tendo por base um conhecimento intimo.*¹⁴²

Contudo, para Martius, a grande dificuldade estava em “*achar methodos*” e, a princípio, partia da idéia de que não bastaria educar brasileiros na Europa, pois estes pouco contribuiriam para a nação brasileira, mas seria preciso buscar europeus ainda moços para aqui difundirem métodos e técnicas, sobretudo, agrícolas adaptadas à realidade de cada região. Posteriormente, métodos seriam criados em escolas práticas no Brasil.¹⁴³

Johann Sturz, ao enaltecer os cientistas europeus, afirmou que grandes proprietários de terras e outros brasileiros eram incapazes de realizar expedições científicas a serviço do governo. Sturz havia proposto, com a aprovação prévia de Humboldt e Karl Ritter, que o Barão von Nitchthoffen e o Dr. Wagner realizassem uma expedição científica pelo Brasil. Apesar de ter sido considerada uma ofensa à honra dos brasileiros por alguns políticos e latifundiários, a expedição foi realizada e, conforme Sturz, em dois anos já apresentava importantes resultados para a ciência.¹⁴⁴

¹⁴¹ AN, IR 3/3 Ministério dos Negócios Estrangeiros. 4 de agosto de 1846, p. 01.

¹⁴² AN, IR 3/3 Ministério dos Negócios Estrangeiros. 4 de agosto de 1846, p. 2. Veja-se o Anexo 2.

¹⁴³ Idem, ibidem.

¹⁴⁴ STURZ, Johann J. *Die Deutsche Auswanderung...*, p. 15.

Para Sturz, o apoio do imperador D. Pedro II era muito importante, principalmente porque este estava à frente de modelos evolucionistas e social-darwinistas, buscando construir cuidadosamente a imagem do país.¹⁴⁵ Essa construção se daria através de eventos denominados de exposições universais.

Segundo Lilia M. Schwarcz:

*Nesses eventos, o Brasil que já era conhecido como um lugar privilegiado para a visita dos viajantes naturalistas, passa pedagogicamente a apresentar-se como um país novo. Não mais a mata e a selvageria deveriam ser carta de apresentação da nação, mas uma imagem moderna, industriosa, civilizada e científica.*¹⁴⁶

Ainda segundo esta autora, a situação do país em fins da desastrosa guerra do Paraguai e da relativa estabilidade econômica advinda com a produção cafeeira, fariam com que se buscasse diferenciar o Brasil dos demais países latino-americanos com relação à civilidade e ao conhecimento europeus.¹⁴⁷ A monarquia buscava afirmar sua feição européia e o caráter civilizacional do império estava aberto para as tecnologias e as idéias de progresso ocidentais.¹⁴⁸ Por isso, Sturz não encontrou entraves para exportar algumas idéias da Europa para o Brasil. A obra anteriormente citada era um bom exemplo disto. Além disto, em 1851, a convite do governo imperial brasileiro, ele foi para a Inglaterra como comissário geral na Exposição Geral da Indústria em Londres.

¹⁴⁵ SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: Cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)*. São Paulo : Companhia das Letras, 1993, p. 31.

¹⁴⁶ Idem, p. 31-32.

¹⁴⁷ Idem, p. 30.

¹⁴⁸ SCHWARCZ, Lilia M. *As barbas do Imperador. D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. São Paulo : Companhia das Letras, 1998, p. 18.

Escritos de Sturz, Abrantes e Tavares Bastos¹⁴⁹ buscavam dar proximidade à feição européia através da imigração branca, a qual representaria um instrumento da civilização e o seu avesso seriam a escravidão e a grande propriedade. A abolição da escravidão era uma das medidas necessárias para tornar o Brasil um país civilizado. De modo geral, segundo Sturz, abolir a escravidão negra na América vinha de encontro aos interesses dinásticos de alguns países europeus, pois era um instrumento para diminuir o poder dos Estados Unidos. Quanto a isso, Sturz escreveu:

*Mas esta principia no meu ver a ter talvez o seu maior inimigo nos mesmos interesses dynasticos da Europa por opposição ao principio republicano, cujo assombroso sucesso na America do Norte não se deixaria de ver com prazer embaraçado por uma complicação interna que lhe produzisse entre os dois principios opostos que nunca forão vistos tão estremados em justaposição na história do mundo- o da liberdade individual levada ate o ultimo ponto apenas permitindo o mais leve controle, e da escravidão sem esperanças e mais atroz que jamais existiu em parte alguma outra do mundo (...).*¹⁵⁰

Esse interesse se levantava não só contra a escravidão nos Estados Unidos, mas contra a emigração para aquele país e contra toda a escravidão. Sturz acreditava que isto combinaria com o interesse colonial e de navegação ingleses, pois vários países europeus, entre eles a Alemanha estariam a favor da Inglaterra e contra os Estados Unidos por temerem que os anglo-americanos ocupassem os melhores portos no mundo. Uma futura guerra entre estes dois países levaria à

¹⁴⁹ Tavares Bastos (1839-1875) é considerado um dos expoentes do pensamento liberal brasileiro na segunda metade do século XIX. Foi parlamentar e publicista destacando-se como abolicionista, descentralizador, adepto da modernização na área dos transportes, da política, da administração e das liberdades civis. Veja-se SILVA, Lígia Osório. "Tavares Bastos e a questão agrária no Império". In: *História econômica e história de empresas*. São Paulo : HUCITEC/ABPHE, 1988, p. 3-31.

¹⁵⁰ IHGB, DL 310, 3 Berlin 18 de outubro de 1846. Artigo enviado por Sturz para o secretário do IHGB com o seguinte título: *Sobre a necessidade da emigração alemã para o futuro e segurança do Brasil*.

abolição da escravidão na América. Por isso, afirmou neste artigo que medidas deveriam ser promovidas para que se pudesse instalar imigrantes alemães no Brasil. A emigração para o Brasil era um assunto que recebia cada vez mais atenção em inúmeras publicações suas, em cartas para ele enviadas pelo conselheiro von Martius e pelo barão Alexandre von Humboldt.

Por considerar que a abolição da escravidão estava próxima, Sturz sugeriu que para a crescente necessidade de trabalhadores fossem trazidos, além de emigrantes europeus, os “*cules*”¹⁵¹ e quando não houvesse mais a necessidade destes, eles retornariam para a Ásia. Dessa maneira, estes trabalhadores que viriam para o Brasil, não representariam “*um atraso para o processo civilizatório*”. Segundo Reinhardt Wagner, diversas foram as tentativas em trazer *cules* para o Brasil, mas que não deram certo, pois a argumentação daqueles que estavam contra a sua vinda voltava-se para a questão racial. Principalmente nos anos de 1850 a 1870, havia uma série de tratados que, mesmo sendo a favor ou contra a vinda destes emigrantes, traziam preconceitos raciais.¹⁵²

Segundo memorando expedido pelo governo brasileiro, os relatórios oficiais fornecidos não davam crédito de que a emigração chinesa “*salvara as colônias inglesas em época muito arriscada*”¹⁵³, mas o governo em crise igual iria tentar um ensaio deste gênero de trabalho. Neste memorando, esclareceu-se que os *chins* seriam uma passagem para substituir o escravo negro. Mas, para o governo, a “*raça chinesa*” não era conhecida no Brasil. “*Os contratos dos trabalhadores deste gênero*

¹⁵¹ A denominação “*cule*” provém de Hindi, na Índia, e através da língua portuguesa espalhou-se para outras línguas ocidentais. Estes emigrantes da Ásia, em sua maioria chineses ou indianos, emigravam para regiões na Ásia, África, Caribe e Austrália, principalmente para trabalharem em áreas agrícolas. Veja-se REINHARDT, Wagner. Op. Cit., p. 37.

¹⁵² WAGNER, Reinhardt. Op. Cit., p. 58.

¹⁵³ Memorandum expondo as vistas do governo Imperial a respeito da colonização e emigração para o Brasil. Códice 807, v. 19 : Memórias, maço número 3. Arquivo Nacional, p. 13, (S/D).

não estavam a fácil alcance".¹⁵⁴ No documento, o governo tinha interesse em trazer chineses, mas faltava o apoio da câmara e da imprensa, além dos *"embaraços postos pelos agentes do governo dos Estados Unidos que proibiram o transporte de taes trabalhadores em navios americanos que sam os que os podem trazer por menos preço, e mais facilmente"*.¹⁵⁵

Nas observações de Sturz, os *cules* apresentavam as seguintes qualidades: *"os cules são fáceis de governar, elles são jornaleiros agricultores bons cidadãos quietos e de boa conduta, o mal e de que seu número não he sufficiente e que não há descendentes porque não vem mulheres com elles"*.¹⁵⁶ Os *cules* eram indicados para trabalhar em vários países da América, pois competiriam com a escravidão negra e indígena, aumentando a exportação do açúcar em Cuba, do café e do açúcar no Brasil e do algodão na América do Norte. Essas idéias seriam de *"grande alcance na questão do futuro aproveitamento das regiões Americanas dentro dos trópicos e do aproveitamento dos braços Asiaticos em grande escala"*.¹⁵⁷ Em outro artigo, Sturz procurou mostrar que havia uma falsa idéia sobre os *chins* reforçando suas boas qualidades e que estes teriam,

*devoção real a ordem e a paz que he remarcavelmente observador e industrioso e quanto á preservação ao trabalho não cede a raça nenhuma européia! Que os defeitos dos Chins procedem de sua incapacidade como theoréticos, da sua idolatria, do seu péssimo governo e do despotismo que os oprime.*¹⁵⁸

¹⁵⁴ Idem, p. 13-14.

¹⁵⁵ Idem, p. 15-16.

¹⁵⁶ In: *Times*, 24 de julho de 1858. Tradução de J.J. Sturz intitulada *A importância dos jornaleiros asiaticos nas colônias inglesas e em outros payzes da Zona Torrida*. Arquivo Nacional. Ministério dos Negócios Estrangeiros, 1848-1872. IR3/3.

¹⁵⁷ Idem, ibidem.

¹⁵⁸ AN, IR 3/3, *Jornal Debatts* de 7 de março, traduzido por Sturz.

Uma futura emigração de *chins* em larga escala seria, portanto, destinada para o Norte do Brasil.¹⁵⁹ Tavares Bastos¹⁶⁰ e Sturz concordavam com esta idéia. Segundo Sturz, estes trabalhadores, após obterem certa soma de capitais, voltariam ou seriam mandados para a Ásia. Para nosso personagem, a não-fixação de chineses estaria justificando a vinda de emigrantes alemães para colonizar o Brasil.

Entretanto, o memorando do governo via de forma negativa a vinda de emigrantes asiáticos, dando preferência a emigrantes europeus. A princípio, “os países mais próprios para a emigração eram a Basiléia, Francfort, Dresde, Bremen, Gênova, etc”.¹⁶¹ Porém, com relação aos emigrantes europeus, estes deveriam ser escolhidos, pois o governo deveria evitar que entrassem no Brasil “vagabundos, criminosos ou mesmo homens que nunca ajeitos aos trabalhos do campo, a elles não possam depois sujeitar-se”. Assim, o tipo ideal eram os “colonos industriais e moralizados”.¹⁶²

Este modelo também estava presente em um artigo publicado na Revista Americana¹⁶³, no qual rejeitava-se a introdução de escravos negros, mas afirmava-se a necessidade de “gente industriosa e de boa conducta” e os alemães eram os mais industriais suprimindo a falta de braços e de população. Segundo o artigo, “os *allemaes* já mesmo tem dado provas bem evidentes dos beneficios que podem trazer ao Brasil, e ali esta a Colonia Leopoldina so d’elles composta, que bem alto

¹⁵⁹ AN, IR 3/3, Ministério dos Negócios Estrangeiros. J. J. Sturz. Algumas breves observações sobre o folheto: Crítica pública de cartas públicas e de respostas sobre a questão da *Emigração Allemaã Brasileira*. Berlim, junho de 1858.

¹⁶⁰ Com relação a esta questão veja-se BASTOS, Tavares. *Os Males do presente e as esperanças do futuro*. p. 90. Microfilme 62593. BN. Sturz elogia a atuação de Tavares Bastos em documento anexado na obra *Die Deutsche Auswanderung (...)*, p. XXXVIII.

¹⁶¹ Memorandum, p. 10.

¹⁶² Idem, ibidem, p. 2.

¹⁶³ BN, Microfilme PR SOR 4560 (1) In: *Revista Americana. Extrato do Relatório do Exm. Ministro do Império apresentado a Assembléia Geral Legislativa em sessão de 14 de maio de 1847*. p. 17.

falla em seu favor".¹⁶⁴ Ainda conforme este artigo, havia a necessidade de afastar os "maus europeus" e, quanto aos chineses, afirmava-se:

Não se diga que só os africanos podem suportar o ardor do nosso clima e soffrer os estragos da folha da cana; os chins suportarão isso com mais paciência, com mais resignação, mesmo esses europeus empregados nos penossísimos trabalho da minas não sentirão alívio vendo-se nas lavouras de cana?

Nesse discurso, os chineses industriais e os negros africanos eram "recheados de immoralidades" e o aumento destes no Brasil seria um erro.¹⁶⁵ Este texto desclassificava os trabalhadores negros procurando reforçar que brancos europeus eram "superiores e trazedores da civilização" e os asiáticos ("raça média" na classificação de Le Bonn e Buffon) poderiam até ser usados, desde que não se fixassem no país. A classificação de Sturz parecia estar baseada nas idéias de Buffon: "no cume se encontram as nações da Europa setentrional; logo abaixo os outros europeus, depois vêm as populações da Ásia e da África, e, na parte mais baixa da escala, os selvagens americanos".¹⁶⁶

Com relação à classificação de trabalhadores imigrantes, o historiador alemão Heinrich Handelmann (1827-1891), em uma de suas obras consideradas clássicas sobre o tema (*História do Brasil*¹⁶⁷), justificou a emigração branca européia:

Comparado aos três continentes do chamado Velho Mundo, inesgotável matriz de povos vibrantes de vitalidade, forma vivo contraste, como se sabe, o Novo Mundo, a América; a raça índia, em geral, mostra pequena capacidade vital, e já se vai extinguindo em muitos lugares; e assim como no solo da América foi a imigração estrangeira que veio despertar a vida histórica, assim ela fica sendo contínua

¹⁶⁴ Idem, ibidem.

¹⁶⁵ Idem, p. 18.

¹⁶⁶ TODOROV, Tzvetan, 1993, p. 115.

¹⁶⁷ Usamos aqui a tradução de 1978. Esta obra foi publicada em 1860 em Berlin. Recorremos a esta obra, pois Handelmann retomou algumas idéias de Sturz no prefácio da primeira edição e nas considerações finais.

*necessidade para os seus países, a fim de que a vida histórica e o desenvolvimento espiritual e material prossigam sempre, como até aqui.*¹⁶⁸

Segundo Handelsmann, o parâmetro europeu de civilidade já se fazia presente em países americanos, “*porém entre os países onde a maior escala dessa necessidade existe e onde a todos os espíritos esclarecidos ela se faz mais profundamente sentir, o Brasil está atualmente em primeiro lugar*”.¹⁶⁹ O “vazio demográfico” deste gigantesco país seria só resolvido mediante a imigração européia. Quanto à dispersão de pessoas no Brasil, era preciso “*entreligar com os laços da civilização*”.¹⁷⁰

A obra de Handelsmann, *Geschichte von Brasilien*, foi publicada após a demissão de Sturz, colocando na introdução que este teria sido o primeiro a afirmar a seguinte verdade:

*A salvação do Brasil repousa na imigração unicamente espontânea de agricultores livres europeus, e são suas condições essenciais a extinção do tráfico de escravos africanos e o estabelecimento de sólido sistema de distribuição das terras a colonizar, juntamente com a generalização do imposto territorial e as devidas garantias legais.*¹⁷¹

Nesta obra, Handelsmann trouxe à tona idéias de um setor da elite brasileira, a qual partilhava da crença de que a população livre existente no Brasil rapidamente cairia na preguiça e na ociosidade:

Como se sabe, a população livre, mesmo o homem de condição comum, tem sido até aqui completamente indolente, preguiçoso e avesso a todo esforço físico; agora, despontando a penúria e, à falta de trabalhadores, elevando-se o salário

¹⁶⁸ HANDELMANN, Heinrich G. *História do Brasil*. Trad. Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. 3. ed. São Paulo : Edições Melhoramentos, 1978, p. 339.

¹⁶⁹ Idem, *ibidem*.

¹⁷⁰ Idem, *ibidem*.

¹⁷¹ Idem, p. 26.

*consideravelmente, poder-se-ia ser levado a admitir que sobreviria uma alteração a esse respeito.*¹⁷²

Com esse discurso, Handelsmann afirmou que a população livre existente no Brasil não seria ideal para construir o país do progresso, pois julgava o “*homen do povo*” como alguém que jamais se sujeitaria a fazer o trabalho do escravo, preferindo viver na pobreza e independente, já que “*prefere tal vida à riqueza, se, para alcançá-la, tiver que trabalhar*”.¹⁷³

Civilização, raça e progresso eram aspectos centrais para Handelsmann, os quais dariam o sustentáculo para o crescimento econômico do país. Estes conceitos excluía negros, índios e outros grupos étnicos, buscando construir de forma duradoura a fronteira entre imigrantes europeus e outras etnias. Esta postura também se fez presente em Sturz e ambos viam o conceito de *raça* como imutável quanto às crenças, valores, língua, regras de conduta etc. Em nenhum de seus escritos, Sturz fez menção aos índios, o que mostra sua omissão com relação a este segmento da sociedade brasileira, justificado pela necessidade extrema de dar voz apenas aos imigrantes alemães.

De modo geral, pode-se sugerir que Handelsmann fez uma releitura de escritos de Sturz, identificando o trabalhador livre europeu com o dinamismo e prosperidade e o trabalho escravo negro seria o seu oposto. Portanto, este deveria ficar segregado dos imigrados brancos da Europa.

Quanto a isso, Sturz era da mesma opinião de Handelsmann e do Kölner Zeitung: os alemães no Rio Grande do Sul, apesar da desordem, prosperariam.¹⁷⁴

¹⁷² Idem, p. 342.

¹⁷³ Idem, ibidem.

¹⁷⁴ STURZ, Johann J. *Die Deutsche Auswanderung...*, p. 20.

Com a abolição da escravidão, os colonos que se estabeleceram no Norte do Brasil iriam se juntar aos do Sul e os ex-escravos iriam para o Norte. Para Sturz, a convivência dos alemães com os negros não seria possível. A emigração alemã iria para o Sul *próspero* enquanto que no Norte haveria a “*decadência social*” devido às “*confusões*” na administração pública.¹⁷⁵ Nesta obra, o darwinismo social estava presente e como aponta Giralda Seyferth:

*O darwinismo social - principal doutrina racista vigente na passagem do século – radicalizou o primado das leis biológicas na determinação da civilização, afirmando que o progresso humano é um resultado da luta e da competição entre raças, vencendo os mais capazes (ou aptos)- no caso, os brancos, porque as demais raças, principalmente os negros, acabariam sucumbindo à seleção natural e social.*¹⁷⁶

Sturz, em sua obra *Die Krisis der deutschen Auswanderung und ihre Benutzung für jetzt und immer*, criticou a miscigenação crescente no Brasil. Para ele, o imigrante alemão deveria ir para um lugar onde tivessem etnias com afeições iguais ou semelhantes, um “*parentesco com a alma*”, e no Brasil também os portugueses apresentavam diferenças. A religião católica e o fanatismo dos portugueses estariam distantes dos alemães protestantes.

De fato, afirmou Sturz, os alemães não harmonizam com os descendentes de etnias sul-européias, muito menos com os criolos, cujos caracteres de descendência, com o decorrer dos anos, sob diversas circunstâncias, miscigenaram ou se corromperam. Para ele, a natureza os corrompeu através dos múltiplos cruzamentos com o sangue dos “*farbigen*” (mulatos). O autor comparou o Brasil com os Estados Unidos, dizendo que aqui havia em proporção com a população branca mais negros e mulatos do que naquele país.

¹⁷⁵ Idem, p. 20-21.

¹⁷⁶ SEYFERTH, Giralda. Op. Cit., p. 43.

Sturz, apesar de querer levar em consideração algumas das observações de Humboldt, o qual afirmou que se deveria ver as raças sem diferenças, contrariamente sustentou a idéia de que todo cruzamento não seria vantajoso (...*daß alle Kreuzungen nicht besonders viel taugen*).¹⁷⁷ Nesta obra, Sturz partilhou do determinismo racial, pois via de forma pessimista a miscigenação, entendendo-a como um erro e reforçando, dessa maneira, que as raças constituiriam fenômenos finais e imutáveis.

O autor buscou enaltecer o tipo puro e, portanto, este existiria se isolado de outros; por outro lado, buscou ver a mestiçagem como uma degeneração não só racial, mas sobretudo social. Idéia semelhante sobre o Brasil estava presente no trabalho de Gobineau (1853), que atribuía a decadência das civilizações aos “*excessos de mestiçagem*”.¹⁷⁸ Como pode ser deduzido desta discussão, o conceito de raça era um dos pontos de sustentação para explicar e compreender as diferentes sociedades, principalmente na América e na Europa. Sturz atribuía a “*péssima*” situação econômica, política e social na América Latina às raças luso-espanholas. Estas eram vistas como decadentes e como a mais pobre e incapaz das nações latinas na condução da estabilidade política e econômica.¹⁷⁹

Segundo Sturz, a miscigenação que “*menos prestaria*” seria aquela entre os descendentes de índios com negros. E a mistura dos mulatos com brancos mudaria o sangue destes últimos, corrompendo assim a sua descendência; por isso, não deveriam emigrar alemães para o Brasil, pois lá se tornariam futuros escravos:

¹⁷⁷ STURZ, Johann J. *Die Krisis...*, p. 80-84.

¹⁷⁸ SEYFERTH, Giralda. *Op. Cit.*, p. 43.

¹⁷⁹ STURZ, Johann J. *Die Krisis...*, p. 80.

*Quando pensamos que a grande maioria dos poderosos no Brasil nasceu desta raça, que a maioria dos homens brancos, raramente juntavam-se com mulheres brancas - assim pode nos faltar a respiração ao deixar ainda mais alemães emigrarem para lá para servir aos brasileiros corruptos.*¹⁸⁰

Este discurso de Sturz sobre as raças tornou-se mais visível em suas obras do período decadente, após várias decepções na vida pública. Em seus argumentos buscou enaltecer os alemães, bem como a si próprio, como a raça cujos valores eram dignos, desprezando os valores de outros povos. A imagem que Sturz fazia da alteridade, ou seja dos índios, dos negros, dos luso-brasileiros, dos hispano-americanos e asiáticos servia de objeto para a dominação e a conseqüente exploração econômica. Em tais casos, como afirmou François Laplatine, “o outro não é considerado para si mesmo. Mal se olha para ele. Olha-se a si mesmo nele”.¹⁸¹

2.2 OS ALEMÃES E O NATIONALKRAFT*

Em sua obra *Die Deutsche Auswanderung und die Verschleppung deutscher Auswanderer*, Sturz teceu diversos comentários sobre as qualidades dos

¹⁸⁰ STURZ, Johann J. *Die Krisis...*, p. 80. (*Wenn wir uns bedenken, daß der größte Teil der Machthaber Brasiliens aus solcher Race hervorgegangen ist, daß ferner meist nur weiße Männer, selten weiße Frauen hinüberbezogen, also fast die ganze jetzige Generation einen gekreuzte ist, - so kann uns wohl die Luft vergehen, noch mehr Deutsche hinüber wandern zu lassen, um der Brasilianischen corrupten Menschenvegetation zu dienen*).

¹⁸¹ LAPLATINE, François. *Aprender Antropologia*. Trad. Marie-Agnès Chauvel. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991, p.52.

* A tradução aproxima-se da expressão “força nacional”.

alemães.¹⁸² Para ele, os alemães eram conhecidos no exterior como os melhores agricultores porque tinham amor pelo trabalho e pela paz; nenhuma outra nacionalidade a não ser a alemã teria a força física e mental; só estes conduziam o arado e adaptavam-se em todo o lugar, principalmente se tivessem o seu pedaço de terra. Além disso, o grande número de filhos espalharia a cultura pela região.¹⁸³

De acordo com Sturz, outras nacionalidades traziam para o Brasil poucos agricultores. Como exemplo, cita os italianos que formavam $\frac{3}{4}$ da imigração na região do Prata. Suas atividades ligavam-se mais às indústrias e as famílias não eram tão numerosas. Os franceses tinham menos agricultores e filhos. Os suíços, em grande parte, voltavam para a pátria-mãe. Estes defeitos não estavam presentes nos alemães. A pátria dos filhos viria a ser a dos pais também. A Alemanha forneceria o alimento espiritual através da ciência e das artes.¹⁸⁴ Sobre o *Nationalkraft* dos alemães nos Estados Unidos, expressou o seguinte:

Que considerável é para cada alemão a consciência da grande capacidade de propagação do nosso povo! Enquanto nós em casa apenas observamos a repercussão da grandiosa corrente emigratória para a América, lá a população alemã já forma o núcleo do trabalho livre no campo, quase um dos principais pilares da cultura e da ciência; e o materialismo ainda em desenvolvimento nesta terra, será conduzido para o alto através da nacionalidade alemã. A posição da Alemanha na

¹⁸² STURZ, Johann J. *Die Deutsche Auswanderung...*, p. 26. Também Wappäus enalteceu as qualidades dos alemães em sua obra *Deutsche Auswanderung und Kolonisation* ao tentar convencer Sarmiento a apoiar a emigração alemã para a Argentina: *Die Deutschen werden überdies von der Nationalbevölkerung gern gesehen wegen ihrer sprüchwörtlich gewordenen Rechtschaffenheit, ihrer Arbeitsamkeit und ihres friedliebenden und ruhigen Charakters, und dieser Umstand verschafft ihnen und ihrer Aufnahme einen Vorzug vor den Tausenden von Fremden, welche jährlich sich daselbst niederlassen.* (Os alemães além disso são bem vistos pela população local devido à sua honradez, sua capacidade de trabalho, seu caráter tranquilo, e esta circunstância lhes dá preferência no acolhimento frente a milhares de estrangeiros que lá se estabelecem). In: WAPPÄUS, J. E. *Deutsche Auswanderung und Kolonisation*. Leipzig, 1848, p. 03.

¹⁸³ Idem, p. 21.

¹⁸⁴ Idem, ibidem.

*história mundial assim virá a ser a primeira, porque até agora sobretudo afastou a concentração nacional, apenas com armas da paz, através do poder humanitário e do espírito conquistará novas terras.*¹⁸⁵

Ainda nesta obra, o discurso sobre a *raça germânica* passou a ser a referência para o modelo de colonização baseado na pequena propriedade familiar. Com isso, Sturz desqualificava outros trabalhadores, considerando-os incapazes para a ação por iniciativa própria na agricultura; por tais motivos, fracassavam como pequenos proprietários. O critério para esta desqualificação era de natureza moral, determinada pelas qualidades físicas. Os alemães, pelas suas supostas qualidades para trabalhos agrícolas, eram um exemplo de colono eficiente. Esta idéia foi posta em prática pelo governo imperial. Sobre este tema, Giralda Seyferth afirmou:

*Ao direcionar os imigrantes para assentamentos em terras devolutas no Sul do País, o governo imperial acabou promovendo o estabelecimento de colônias inicialmente homogêneas, principalmente "alemãs" e "italianas", com presença mínima de brasileiros. A estes se fizeram restrições – quase sempre constantes de alvarás e recomendações por ofício a diretores de colônias e chefes de Comissão de Terras e Colonização (e que não aparecem na legislação)-, que regulamentavam a concessão de terras, tais como: atestados de casamento, espécie de comprovante de "moralidade", já que a concessão era "familiar"; imponderáveis provas de "bom comportamento" e "escrúpulos", eufemismos que permitiram a exclusão, sobretudo da população regional chamada de "cabocla"(...). Os pressupostos de inferioridade e a hierarquização baseadas em elementos de natureza racial (como determinantes de "capacidades") são mais do que óbvios quando está em jogo a idéia de "progresso" orientadora das políticas de colonização.*¹⁸⁶

¹⁸⁵ Idem, *ibidem*. (*Wie erhehend für jeden Deutschen ist das Bewußtsein der ungeheuren Ausbreitungsfähigkeit unseres Volkes! Während wir zu Hause nur bei scharfer Beobachtung die verschiedenartigste Rückwirkung jener großartigen Strömung nach Amerika fühlen vermögen, bildet dort die deutsche Bevölkerung schon nahezu den Kern der freien Landarbeit, fast eine der Hauptsäulen der Kunst und der Wissenschaft; und der Materialismus eine noch im Werden begriffenen Landes wird durch das Deutschtum dem Streben nach Höherem zugeführt. Deutschlands Rang wird dereinst in der Weltgeschichte um so mehr der Erste sein, weil es, bisher vor aller nationalen Concentration entfernt, nur mit Friedenswaffen, durch die Macht der Humanität und des Geistes immer neue Länder nach Außen erobern wird.*)

¹⁸⁶ SEYFERTH, Giralda. Op. Cit., p. 48.

Para Sturz, as qualidades morais e físicas dos alemães posteriormente exerceriam grande influência na América com efeitos (*Wirkung*) na Alemanha. Porém, apontou para um entrave que poderia tornar os alemães ociosos: a oferta da passagem livre iria desmoralizar a classe de trabalhadores livres alemães. Muitos destes trabalhadores, que não pertenciam aos “melhores”, iriam facilmente ser convencidos a emigrar devido à passagem livre, e estes eram pouco poupadores, cuidadosos e ativos, perdendo assim a confiança em si próprios e no trabalho que exigisse disciplina. Uma pessoa desta natureza perderia valor e seria muitas vezes um fardo para o país para o qual emigrasse. Esse efeito se estenderia a centenas de pessoas trazendo queixas com relação à qualidade dos alemães.¹⁸⁷

Por este motivo, Sturz defendia a livre emigração, pois aqueles sujeitos que emigrassem por livre decisão e com recursos próprios teriam maiores condições de prosperar. Para ele, o sujeito com boas experiências, ativo e poupador poderia possuir bens e dar a seus filhos melhores condições de vida. Este sujeito ajudaria a pátria e serviria de exemplo para os demais. Ao contrário, afirmou Sturz, os que emigrassem com a passagem paga e com a esperança de uma vida fácil viriam a constituir uma imagem negativa para outros imigrantes. Percebemos em Sturz que a própria posição de classe era um elemento de inferioridade, pois alemães sem posse não poderiam emigrar para não “desmoralizar” os demais.¹⁸⁸

Assim ficaria mais claro para Sturz e seus leitores que a grande massa qualificada de alemães no exterior preservaria a cultura e sua simpatia pela pátria-mãe, além da possibilidade de fortalecimento da economia nacional (*Nationaloekonomie*) e a conquista de poder para a Alemanha. Para isso, a

¹⁸⁷ STURZ, Johann J. *Die Deutsche Auswanderung...*, p. 05.

¹⁸⁸ Idem, *ibidem*.

expansão além-mar era de grande interesse para uma nação, tal como postulou o economista alemão Friedrich List, quando esteve nos Estados Unidos, na década de 1820:

*Um território extenso e uma grande população, dotados de múltiplos recursos naturais, são exigências essenciais da nacionalidade normal. Uma nação restrita em população ou território, especialmente se possuir uma língua distinta, pode apenas possuir uma literatura estropiada, e instituições estropiadas para promover sua arte e ciência. Um Estado pequeno não pode, em seu território, promover à perfeição os vários ramos de produção.*¹⁸⁹

A este respeito, Eric Hobsbawn observou que para Friedrich List era importante o tamanho de uma nação para *“formar uma unidade viável de desenvolvimento. Se caísse abaixo desse patamar não teria justificativa histórica”*.¹⁹⁰ Sturz, como veremos a seguir, partilhou de idéias semelhantes ao acreditar que uma Nova Alemanha além-oceano garantiria para a Alemanha o desenvolvimento econômico da nação.

List, em sua obra *Die Ackerverfassung, die Zwergwirtschaft und die Auswanderung* (A constituição agrária, a pequena economia e a emigração, de 1842), esperava com a emigração alemã para os Estados Unidos poder conquistar mercado para as manufaturas alemãs. Mercado este *“que é mais vantajoso e no futuro nos promete ser de enorme importância”*.¹⁹¹ Sturz, ao se referir a Friedrich List, afirmou que não deveríamos esquecer um publicista original e patriota louvando sua proposta de um comércio como um todo, mas o criticou por não observar a

¹⁸⁹ In: HOBBSAWN, Eric J. *Nações e nacionalismos desde 1780. Programa, mito e realidade*. Trad. Maria Celia Paoli e Anna Maria Quirino. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990, p. 42.

¹⁹⁰ Idem, ibidem.

¹⁹¹ In: REESE, Armim (Hrsg.). *Alle Menschen sind dort gleich: Die Deutsche Amerika-Auswanderung im 19. Und 20. Jahrhundert*. 1. Aufl. Düsseldorf: Schwamm, 1988, Anexo 3. (*...der vorteilhafte ist und in Zukunft von unermesslicher Wichtigkeit für uns zu werden verspricht ...*).

importância da navegação. A exigência de uma política de comércio nacional significava a concentração do mesmo. List teria esquecido a educação náutica (*nautische Erziehung*), mas na expressão de um poeta “*Es irrt der Mensch, so lang er strebt*” (Isto confunde o indivíduo enquanto ele ambiciona). List era, na opinião de Sturz, um ambicioso e, por isso, inesquecível.¹⁹²

Sturz acreditava que a emigração alemã era mais importante do que a simples posse de colônias e tão segura como a Índia para a Inglaterra, pois a raça germânica traria “*politische Freude*” (alegria política) e sobretudo “*Kunden*” (clientes) aumentando assim a *Nationalkraft* (força nacional) do povo alemão.¹⁹³

Além disso, de acordo com Sturz, a marinha mercante alemã poderia ter poder em países do Prata e no Japão. Colônias não eram, para ele, condição primordial de poderes marítimos. Segundo ele, a Rússia, a Áustria, os Estados Unidos e a Itália tinham frotas, mas não colônias. Por fim considerou que “*em cada país onde nossos emigrados prosperam teremos para nós uma colônia gratuita*”.¹⁹⁴

Em Sturz, o discurso sobre nação estava fundado na raça e era uma referência para o modelo de progresso. Sturz temia o desaparecimento das nações de menos vitalidade (Alemanha) perante os grandes progressos das nações poderosas. Os Estados Unidos eram para Sturz, a grande potência do futuro cujas raças estavam “*amalgamando e ordenando-se segundo as leis orgânicas da humanidade produzindo assim talvez dentro de poucos decênios uma potência nunca antes vista no mundo*”. A solução apontada por Sturz era “*a consolidação dos países europeus para influir em todas as partes do mundo civilizado tornando-se fortes e*

¹⁹² STURZ, Johann J. *Kann und Soll ein Neu-Deutschland geschaffen werden und auf Welche Weise?* Berlin : Nikolaische Verlag=Buchhandlung, 1982, p. 40.

¹⁹³ STURZ, Johann J. *Die Deutsche Auswanderung...*, p. 23.

¹⁹⁴ Idem, p. 22. (*Jedes Land, in dem unsere Auswanderer gedeihen, wird uns zur kostenlosen Colonie*).

sólidas e assim igualmente capazes de resistir”. Isso seria possível com “a amalgamação igual de sua população com as raças enérgicas de outros payzes”.¹⁹⁵

Em outro momento, Sturz, sob outra ótica, concordava em parte com Julius Froebel, o qual estava convicto de que não seria possível concentrar em território dos Estados Unidos uma população “*puramente alemã*”. Froebel afirmou que o “*estado da futura mais elevada civilização*” seria alcançado pela “*amalgamação do espírito Allemao com o espírito Angloamericano*”. Esses dois elementos seriam, para ele, os formadores da civilização americana:

O realismo Anglo Americano e o Idealismo Alemão são os dous contrastes historicos da civilização em que se tem a ponte da consciencia historica do nosso tempo. Entre estes dous poios espirituais esta collocada toda a bateria galvanica da historia do mundo presente, a estes dous polos não podem entrar em contacto sem fazer saltar o fogo que alumia a futura civilização americana.¹⁹⁶

Essa *amalgamação* poderia acontecer, segundo Sturz, através das atividades culturais como as festas de canto, de tiro ao alvo e de ginástica alemãs na América do Norte.¹⁹⁷ Esta possibilidade estava presente, segundo Sturz, nos discursos de Friedrich Lerow e Herr von Gerold, os quais viam nas festas alemãs uma maior aproximação entre alemães e norte-americanos.

Também Schunler Coifar a este respeito havia afirmado: “*porque seu objetivo é promover a unidade e a harmonia entre diferentes nacionalidades, as quais representam o poder, a civilização e o progresso da república americana*”.¹⁹⁸ Para Sturz, poucos conheciam como Herr Schunler Coifar o grande significado da moral

¹⁹⁵ AN, IR 3/3, Ministério dos Negócios Estrangeiros. Legações e Consulado do Brasil em Berlim, 1848-1872. Carta de Sturz datada de 5 de maio de 1856, Dresden. Destinatário não legível.

¹⁹⁶ AN, IR 3/3. *O Futuro da emigração*. Berlim julho de 1858. Sturz transcreveu 15 cartas de J. Froebel (Cf. Correspondência de D J. Sturz, 1840-1860). Grifos no original.

¹⁹⁷ STURZ, Johann J. *Die Deutsche Auswanderung...*, p. 08.

¹⁹⁸ Idem, p. 09. (*...weil sein Zweck sei, die Einheit und Harmonie der verschiedenen Nationalitäten zu fördern, welche die Macht, die Civilization, den Fortschritt der amerikanischen Republik repräsentieren*).

dos emigrantes alemães para a história dos Estados Unidos e para o seu futuro. Ele reconhecia a superioridade dos alemães entre as diferentes nacionalidades e acreditava que a influência dos alemães nos Estados Unidos poderia aumentar, principalmente através da absorção do elemento estrangeiro por meio de casamentos e com isso os alemães não perderiam o seu caráter nacional.

Na perspectiva de Sturz, estava claro que nos Estados Unidos grupos de outras nacionalidades como os suíços, os holandeses, os dinamarqueses e os noruegueses não eram fortes suficientemente para preservar suas nacionalidades. Estes se juntariam aos alemães pela semelhança dos costumes e com essa união os alemães ganhariam muitos milhões nos próximos 50 anos.¹⁹⁹ Com relação ao discurso sobre a força e o caráter nacional, havia a luta de Sturz em torno da identidade étnica. Neste aspecto, como apontou Pierre Bourdieu:

Em torno de propriedades (estigmas ou emblemas) ligadas à "origem" através do "lugar" de origem, bem como das demais marcas que lhe são correlatas, como, por exemplo, o sotaque, constituem um caso particular das lutas entre classificações, lutas pelo monopólio do poder de fazer ver e de fazer crer, de fazer conhecer e de fazer reconhecer, de impor definição legítima das divisões do mundo social e, por essa via, "de fazer e desfazer os grupos".²⁰⁰

Na obra *Die Deutsche Auswanderung und die Verschleppung deutscher Auswanderer*, Sturz procurou mostrar a possibilidade de perspectivas para a Alemanha com a presença de alemães nos Estados Unidos. Esse seu posicionamento torna-se claro após decepções, principalmente no Brasil, pois a escravidão e a grande propriedade eram entraves para o desenvolvimento da nação.

¹⁹⁹ Idem, p. 10.

²⁰⁰ BOURDIEU, Pierre. *A Economia das trocas linguísticas. O que falar quer dizer*. Trad. Sérgio Miceli. São Paulo : Edusp, 1996, p. 108.

A grande propriedade era “*huma pura perda da riqueza e de força nacional (...) hum obstáculo insuperável da civilização homogênea da nação*”.²⁰¹

Nesta obra e em outras três obras que serão abordadas no capítulo seguinte, Sturz reforçou suas críticas à sociedade brasileira, propondo um novo rumo na América do Sul para a emigração alemã: a região platina.

²⁰¹ AN, IR 3/3. Ausland 1858, Augsburg junho e julho de 1858. Traduzido por J. J. Sturz, Berlim, 3 de agosto de 1858.

CAPÍTULO III

A CRISE DA EMIGRAÇÃO ALEMÃ

Walter

Ei Vater, warum steigen wir den nicht
Geschwind hinabin dieses schönes Land,
Statt daß wir uns hier ängstigen uns plagen?

Tell

Das Land ist mild und gütig, wie der Himmel,
Doch die's bebauen, sie genießen es nicht
Den Segen den sie pflanzen.²⁰²

Friedrich Schiller.

Nos inícios da década de 1860 aumentava, de modo geral, a desconfiança nos Estados alemães com relação à emigração para o Brasil. Embora essa questão já fosse polêmica na imprensa alemã, a partir de então discutiu-se com mais frequência a idéia de que os alemães deveriam ficar longe das terras brasileiras. Informações obtidas através das obras de Thomas Davatz, Robert Avé-Lallemant, Friedrich Gerstäcker e outros personagens que escreveram sobre o Brasil contribuíram para pressionar o governo da Prússia para que o sistema de parceria e a situação dos imigrantes alemães fosse discutida pelo parlamento. A extensa literatura crítica produzida por Sturz é considerada importante para a formação da opinião pública, principalmente na Prússia, e para a retomada de discussões no Parlamento sobre o tema²⁰³. Reinhardt Wagner²⁰⁴ aponta para a curiosa

²⁰² “Walter: Ei pai porque nós não embarcamos depressa para esta linda terra, ao invés de ficar aqui nos amedrontando e reclamando. Tell: Esta terra é suave e benévola como o céu, porém cultivá-la, você não aprecia a benção que plantou”. Friedrich Schiller (1759- 1805).

²⁰³ STRUPP, Christoph. Op. Cit., p. 25.

²⁰⁴ WAGNER, Reinhardt. Op. Cit., p. 92.

peculiaridade de ser um apaixonado pela causa da não-emigração para o Brasil. Por esta causa, ele empenhou-se quando estava convicto de que as reformas por ele propostas não sairiam do papel. As três obras abordadas neste capítulo tratam desta questão de forma mais detalhada.

Nas obras que seguem: *Die Krisis der Deutschen Auswanderung und ihre Benutzung für jetzt und immer* (A crise da emigração alemã e sua utilização agora e sempre); *Kann und soll ein Neu-Deutschland geschaffen werden und auf welche Weise?* (Pode e deve ser criada uma Nova-Alemanha e de que modo?) e *Neue Beiträge über Brasilien und die La Plata-Länder* (Novas contribuições sobre o Brasil e os países do Prata), Sturz reforçou seus argumentos contra a emigração alemã para o Brasil, as quais foram escritas após sua demissão do Consulado Geral do Brasil na Prússia.

Nestas obras, o autor tinha a intenção de esclarecer a opinião pública, principalmente alemã, da situação política no Brasil, desqualificando o país para a emigração e conseqüentemente para a formação de uma *Nova Alemanha*. Porém, principalmente nas duas últimas obras, Sturz persistiu na sua utopia de uma *Nova Alemanha* além-oceano, através da construção de novos argumentos ao redirecionar o olhar sobre a América do Sul, principalmente para o Uruguai. Na obra *Neue Beiträge über Brasilien und die La Plata-Ländern* (1865) retomou algumas questões abordadas em outras obras, mas com novas fontes.

3.1 A CRISE DA EMIGRAÇÃO ALEMÃ E SUA UTILIZAÇÃO AGORA E SEMPRE

Em sua obra de 1862, *Die Krisis der deutschen Auswanderung und ihre Benutzung für jetzt und immer*, Sturz escreveu quais eram na sua opinião as “sombras” do reinado brasileiro: a mistura de raças e os latifundiários egoístas que em sua grande maioria tomavam ilegalmente grandes áreas de terras. Estes, além de explorar os arrendatários (*Pächter*), cultivavam a terra de forma ineficiente. Também criticou a total desproteção do colono, preso nas amarras do sistema de parcerias, cujos maltratos e mortes apareciam publicamente sem maiores preocupações por parte das autoridades brasileiras.²⁰⁵

A corrupção e a falta de moral de políticos e funcionários públicos, o perigo do recrutamento obrigatório para o exército brasileiro, o abuso da influência da igreja católica e a queda geral da moral, para a qual a luxúria do clero contribuiu, foram outras questões por ele abordadas nesta obra. Para fundamentar suas críticas, anexou inúmeras fontes como provas. Essas fontes eram na sua grande maioria fatos por ele vivenciados, relatos de outros autores, cartas e comentários.²⁰⁶

Um dos fatos mais criticados pelo autor foi o egoísmo dos latifundiários, pois a péssima distribuição de terras seria a primeira causa para não aconselhar a colonização com alemães. Isto ele procurou assim expressar:

*Consideramos, porém, apenas a economia brasileira, assim topamos de imediato com o desconhecimento da mais simples teoria política e com o egoísmo horrível, que desde sempre a oligarquia deixou vir a tona.*²⁰⁷

²⁰⁵ STRUPP, Christoph. Op. Cit. p. 25.

²⁰⁶ Idem, ibidem.

²⁰⁷ STURZ, Johann J. Die Krisis..., p. 81. (Halten wir nur hingegen die Brasilianische Staatwirtschaft, so stosen wir sofort auf die grauenhaftete Verkennung der einfachten Staastlehren und auf den grauenvolsten Egoismus, den sich je eine Oligarchie zu schulden kommen ließ).

Conforme Sturz, os chamados *Land-Haie* (latifundiários) tinham como objetivo principal acumular terras e quando vendiam faixas de terras para as linhas de trem, estas tinham um preço altíssimo. Tudo isso, dizia ele, estava expresso numa velha canção: “*um inteiro desconhecimento dos mais simples princípios de uma economia política saudável.*” ²⁰⁸

Com relação à abolição do tráfico de escravos, Sturz afirmou que latifundiários continuavam introduzindo escravos negros e, quando possível, brancos. De acordo com o autor, os brancos, através da emigração, não precisariam ser comprados. Dessa forma, uma das maiores “despesas” para os *Land-Haie* estava eliminada, pois os custos baixariam com os imigrantes arrendatários. Ao contrário, os escravos negros eram caros e em caso de morte perdia-se o capital. Segundo Sturz, o branco não custava nada e suportava o trabalho árduo e o clima, e ao morrer era apenas mais um número perdido, sendo substituído com facilidade. ²⁰⁹

Quanto ao sistema de parceria, ele afirmou que era lucrativo para os latifundiários, mas para os trabalhadores era uma espécie de escravidão. Este sistema fora empregado com chineses e com alemães, sendo estes últimos tratados com indiferença e intolerância pelo governo sob todos os aspectos. Os alemães se sentiam enganados pelos agentes e pelos latifundiários. O conteúdo disso, afirmou Sturz, resultou na América do Norte no romance *Dukel Tom's Hütte* (A cabana de Dukel Tom), e no Brasil conteúdo semelhante resultaria em centenas de romances sem que o autor ou autora precisasse usar muita imaginação para escrevê-lo. ²¹⁰

²⁰⁸ Idem, p. 82. (*Eine ganzliche Verkennung der einfachten Principien einer gesunden Volks- und Staatwirtschaft*).

²⁰⁹ Idem, p. 83.

²¹⁰ Idem, p. 84.

Para ele, os *Land-Haie* haviam reconhecido que a persistência em suas críticas poderia significar uma ameaça. Por isso, estes procuraram impedir suas ações, inventando leis e defendendo os interesses dos “*criolos*” portugueses.²¹¹

Uma questão que intrigou intensamente o autor foi o fato de que muitos dos escritos sobre viagens realizadas por geógrafos e cientistas não mencionarem praticamente nada sobre a questão da terra e do direito. Ele afirmou que até mesmo o Dr. Avé-Lallemant, o qual viu dez vezes mais com clareza a situação confessional dos imigrantes do que o conselho da igreja evangélica de Berlim (*Evangelisches Oberkirchenrath*), pouco sobre isto se referiu. A obra de Avé-Lallemant, *Reißen in Südbrasilien*, tinha como objetivo buscar a salvação do Brasil através da emigração alemã. Sturz criticou essa sua posição por não abordar os problemas que os imigrantes encontraram no Brasil, cujo silêncio decepcionou milhares destes no *Novo Mundo*.²¹²

O autor viu com pessimismo a preservação da identidade étnica alemã no Brasil. Ele questionou como isto seria possível. Para Sturz, os alemães, ao emigrarem, identificavam-se com o caráter nacional alemão (*National-Charakter*) buscando preservar e cultuar suas tradições; porém o empecilho para isto seriam as amarras com suas dívidas que cada vez cresciam mais, necessitando assim trabalhar até a morte em terra estrangeira e sem direito algum.²¹³ Além disso, para ele, quase não existiam instituições brasileiras para os imigrantes: “*Igrejas, escolas. Tudo isto inexistente para a maioria dos imigrantes, livros alemães também não.*

²¹¹ Idem, p. 85.

²¹² Idem, p. 84-85.

²¹³ Idem, *ibidem*.

Médicos e farmacêuticos são meramente para brasileiros ricos e quase nunca disponíveis para colonos alemães".²¹⁴

Quanto às instituições de ensino, de acordo com o autor, havia institutos com bons profissionais, mas poucos, não se podendo falar de um bom sistema educacional. O problema sanitário no interior e nas cidades também era alvo das preocupações deste personagem.²¹⁵ Segundo Giralda Seyferth, no início da ocupação do Sul do Brasil por europeus, os colonos reivindicavam escolas, igrejas, assistência médica, vias de comunicação para o escoamento dos excedentes da produção agrícola, expedição de títulos provisórios ou permanentes de propriedade dos lotes e outros serviços públicos. Estas reivindicações, quase sempre sem atendimento, eram acompanhadas de reclamações sobre a má qualidade da terra, a qual impossibilitava a prática de uma agricultura racional devido aos terrenos acidentados e cobertos por florestas.²¹⁶

Com relação aos dados estatísticos da população brasileira, Sturz considerou necessário melhorar as instituições para que houvesse um sentimento de segurança, ou seja, com números era possível ter um indicativo do país enquanto nação em progresso. Um dos exemplos de instituições preocupadas com a ciência era o IHGB (Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro), o qual recebia grande atenção do imperador. Porém, Sturz criticou os seus membros por não se dedicarem à questão da distribuição de terras e medições. De acordo com o autor, seus

²¹⁴ Idem, p. 85. (*Kirchen, Schulen. Alles das existiert für die Mehrzahl der Emigranten so gut wie gar nicht, deutsche Bücher eben so wenig. Aerzte, Apotheker sind leddiglich für reiche Brazilianer und fast nie für deutsche Kolonisten vorhanden*).

²¹⁵ Idem, p. 96.

²¹⁶ SEYFERTH, Giralda. "Identidade étnica, assimilação e cidadania: a imigração alemã e o Estado brasileiro". In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. N. 26, ano 9, out. 1994. ANPOCS, p. 105.

membros não questionavam a questão agrária preferindo se dedicar a coisas abstratas e confortáveis.²¹⁷

Com relação aos membros deste instituto, Manuel Luís Salgado Guimarães observou recentemente que entre os mais destacados havia a preocupação “*em não definir a instituição como oficial, mas fundamentalmente como uma instituição científico-cultural, e por isso mesmo neutra em relação a disputas de natureza política-partidária*”.²¹⁸ Este autor, ao examinar a lista dos 27 fundadores do IHGB, traçou o perfil intelectual destes. A maioria desempenhava funções no aparelho de Estado e parte destes pertencia a uma geração nascida em Portugal, vinda para o Brasil durante a invasão napoleônica à Península Ibérica. “*Tal experiência marcará certamente a socialização desta geração, criada nos princípios de recusa ao ideário e práticas da Revolução Francesa e de fidelidade à casa reinante de Bragança*”.²¹⁹

Na questão do direito no sistema de parceria, Sturz criticou a institucionalização da vontade dos proprietários e não dos trabalhadores imigrantes. Um dos reflexos disto estava no reconhecimento dos casamentos protestantes, ou seja, dependeria da vontade dos proprietários para que se tornassem válidos. Ainda segundo o autor, os filhos dos protestantes eram vistos como bastardos, sem o direito de receber a herança advinda com o suor e o sangue de seus pais. Com relação a isso ressaltou:

²¹⁷ STURZ, Johann J.. *Die Krisis...*, p. 100.

²¹⁸ GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. “Nação e civilização nos trópicos: O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional”. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, n. 1, 1988, p. 9-10.

²¹⁹ Idem, p. 09-10.

*A fuga da história ou aquilo que é de significado semelhante, não ficou de fora no Brasil. Com a corrupção dos latifundiários na avareza, barbárie, preguiça e pietismo também todas outras terríveis consequências chegaram a ser um agravo.*²²⁰

Isto teria envenenado a existência moral e física dos habitantes. A *barbárie* era por ele apontada como uma das causas do aumento de doenças como a cólera, a febre amarela, a sarna e a sífilis. Estas doenças tinham se tornado mais freqüentes com a escravidão, cujas maiores vítimas encontravam-se em toda a população, principalmente os pobres.

Outra questão abordada por Sturz foi a moralidade no Brasil, pois de acordo com o autor, esta não existia na vida pública e tampouco na vida privada: “ao contrário em nenhum lugar aumentava mais a falta de vergonha e a imoralidade do que no Brasil.”²²¹ Um dos exemplos por ele mencionado referia-se ao clero. Segundo ele, era conhecido que sacerdotes do Rio de Janeiro mantinham prostitutas em suas residências, e alguns tinham filhos com estas mulheres. Mas, o reverso disso estava no fato destes verem os filhos de união com protestantes como sem honra, tomando destes os bens que seus pais lhes haviam deixado, além de declará-los juridicamente como bastardos.²²²

Segundo ele, Lallemant narrou outros exemplos da imoralidade no Brasil: em dezembro de 1859, em um navio a vapor com o conforto e luxo europeu, embarcariam passageiros da considerada classe alta da sociedade brasileira e estrangeiros. Conforme Sturz, Lallemant esperava nesta viagem conhecer o comportamento de brasileiros. Sua decepção iniciou ao entrar no camarote coletivo,

²²⁰ STURZ, J.J. *Die Krisis* (...), p. 85-86. (*Der Flucht der Geschichte, oder was gleichbedeutend ist, (...) ist bei Brasilien nicht ausgeblieben. Mit der Versumpfung der Land Magnatem in Geiz, Graussamkeit, Faulheit und Pietisterei sind auch all die furchtbaren Folgen jener Lasst gekommen.*)

²²¹ STURZ, J.J. *Die Krisis* (...), p. 98. (... *im Gegenteil geht's nirgends ungescheuter und unmoralischer zu als in Brasilien.*)

²²² Idem, *ibidem*.

pois lá viu dois indivíduos, um semi-nu vestindo apenas cuecas e o outro estava nu “como se tivesse crescido entre os índios”. Sturz viu isto como uma falta de vergonha e sobretudo porque a bordo descobriu-se que um deles era um juiz do Estado.²²³

Na obra *Die Krisis der deutschen Auswanderung und ihre Benutzung für jetzt und immer*, Sturz procurou fazer valer um certo conjunto de regras de seu grupo social, cujos códigos morais deveriam valer para todos. Algumas considerações elaboradas por Michel Foucault auxiliam no entendimento dessa postura:

Por “moral” entende-se igualmente o comportamento real dos indivíduos em relação às regras e valores que lhe são propostos: designa-se, assim, a maneira pela qual eles se submetem mais ou menos completamente a um princípio de conduta; pelo qual eles obedecem ou resistem a uma interdição ou a uma prescrição; pela qual eles respeitam ou negligenciam um conjunto de valores; o estudo desse aspecto da moral deve determinar de que maneira, e com que margem de variação ou de transgressão, os indivíduos ou os grupos se conduzem em referência a um sistema prescritivo que é explícita ou implicitamente dado em sua cultura, e do qual eles têm uma consciência mais ou menos clara.²²⁴

Principalmente na obra *Die Krisis...*, Sturz insistiu na questão da moral pública, da justiça, da administração e do clero. Quanto ao clero, trouxe o exemplo do padre Vigário Francisco Martins de Castro, o qual, juntamente com outros padres, teria queimado livros da igreja. Estes padres estariam escondendo algo sobre as suas condutas com mulheres e os filhos destas relações.²²⁵

O que causou grande indignação a Sturz era o fato da instituição religiosa no Brasil não cumprir com sua tarefa de intermediar um conjunto de valores e regras, pois a ação dos padres não correspondia com o código moral cristão. Segundo

²²³ Idem, p. 98.

²²⁴ FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade II : O Uso dos Prazeres*. Tradução de Maria T. da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro : Edições Graal, 6.ed. 1984, p. 26.

²²⁵ STURZ, Johann J. *Die Krisis (...)*.p. 97.

Foucault, estes códigos são de “*fortíssima codificação*”.²²⁶ Ainda sobre a questão da moral, Sturz julgou o clero como decadente, cuja decadência estaria nos próprios religiosos. De acordo com o autor alemão, o catolicismo como religião oficial tinha mais relação com o clero do que com o povo. Nesse sentido, ele concordava com o viajante W. Heine, que afirmava:

*No Brasil domina uma religião oficial, a católica romana, as demais são apenas toleradas e isto diz tudo. Enquanto o Brasil tem uma religião estatal, mesmo a constituição liberal será apenas um túmulo: por fora mármore e ouro e por dentro morte e podridão. Eu posso dizer isto livremente porque eu mesmo sou um católico.*²²⁷

Ainda com relação ao clero, Sturz estava indignado com o fato de que muitos destes também vindos da Alemanha não consideravam casamentos mistos realizados naquele país e o enterro de protestantes em cemitérios católicos era um escândalo. Em vista disto, Sturz comentou que elaborou, em 1858, algumas reformas necessárias nos seminários e no clero, mas não chega a citá-las.²²⁸

A falta de moralidade, para Sturz, estava relacionada com a onda de violência. Citou o exemplo do Maranhão, onde a população estava reunida em uma igreja para realizar eleições para deputado, quando entrou um “*magnata*” armado e expulsou todas as pessoas ali reunidas. A igreja teve de ser fechada devido ao derramamento de sangue e as eleições tiveram de ser transferidas para data posterior. Com ironia, Sturz afirmou que isto “*era um exemplo claro do verdadeiro direito constitucional no Brasil!*”²²⁹

²²⁶ Veja-se FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade II*. (...), p. 29.

²²⁷ STURZ, Johann J. *Die Krisis* (...), p. 89. (*Es herrscht in Brasilien eine Staatsreligion, die römisch-katholische, die andern sind nur toleriert und das besagt Alles. So lange Brasilien eine Staatsreligion hat, wird es selbst bei der freisinnigsten Verfassung nur ein Grab sein: außen Marmor und Gold, innen Morder und Verwesung. Ich kann das um so freier sagen, als ich selbst ein Katholiker bin.*)

²²⁸ STURZ, Johann J. *Die Deutsche Auswanderung* (...), p. 15.

²²⁹ STURZ, Johann J. *Die Krisis* (...), p. 87.

Ainda sobre esta questão, citou o exemplo de Koseritz, o qual tinha uma tipografia em Pelotas que fazia oposição ao governo provincial do Rio Grande do Sul. Em 11 de dezembro de 1858, três homens a cavalo ameaçam-no com o uso da violência física. *“Isto [diz ele] é liberdade de imprensa brasileira! Tudo isto é apenas brincadeira de criança com relação a crueldade com a qual bandidos brasileiros podem procurar as suas vítimas”*.²³⁰ Em suas críticas, a corrupção de funcionários públicos e da imprensa e o terrorismo levariam a uma guerra civil.²³¹

Segundo Sturz, seria quase impossível para os europeus, em pleno século XIX, ter uma idéia precisa dessa violência e dessa arbitrariedade, sendo que os próprios ministros, deputados e senadores brasileiros eram vistos pela sua atuação na câmara e até em documentos oficiais como caçadores de pessoas (*Menschenjagd*) e como uma calamidade (*Landplage*).²³² Essa mesma câmara, afirmou o autor, impôs o serviço militar obrigatório, através das leis de 10 de junho de 1822 e de 19 de agosto de 1837, que declarava todos os brasileiros de 18 a 35 anos obrigados a prestarem o serviço militar. Com estas leis, procurou-se pôr ordem no recrutamento e colocar as condições para a dispensa. Para Sturz, os imigrantes seriam muito infelizes ao serem recrutados para defender a nova pátria.²³³

Em *Die Krisis der deutschen Auswanderung und ihre Benutzung für jetzt und immer*, o autor buscou, através de inúmeros exemplos, esclarecer a opinião pública, principalmente na Alemanha, de que a emigração alemã para este país não seria possível devido à falta de “civilização”. Suas decepções com relação a várias questões mostravam que não tinha esperanças por mudanças no país.

²³⁰ Idem, ibidem. (*...ist brasilianische Pressefreiheit! Das alles ist nur Kinderspiel gegen die Grausamkeit, mit welcher brasilianische Banditen von Handwerk ihre Opfer heimsuche können.*)

²³¹ Idem, ibidem.

²³² Idem, ibidem.

²³³ Idem, p. 88.

Anteriormente acreditava que no Brasil o modelo de organização que propunha mudaria a administração do governo e de suas instituições. Assim, o país poderia se tornar superior entre as nações sul-americanas.²³⁴

Esta obra foi elogiada por Trauttwein von Belle por conter documentos, tabelas e projetos para a criação de uma *Sociedade Central para a Emigração Alemã* e também por apontar meios para o desenvolvimento da marinha, comércio e indústria da Alemanha. Ele questionou como a Alemanha poderia se tornar uma nação poderosa utilizando-se do ditado de Goethe em Tasso: “*O que deve valer precisa agir e servir*”; mas isto os alemães já praticavam nas colônias além-oceano. Por isso sugeriu a seguinte alteração: “*O que quer valer precisa ser um poder!*”.²³⁵

Segundo Trauttwein, era possível atingir o poder através de guerras, da troca de mercadorias ou da colonização em terras longínquas. Este último meio seria possível, desta vez seguindo o conselho de Sturz: “*Tu precisas expandir-te a ti próprio*”.²³⁶ Isto seria possível através do aprendizado da geografia nas escolas, na vontade de migrar do povo alemão e no espírito empresarial dos jovens. Com os imigrantes alemães, inúmeras relações com outros portos seriam estabelecidas devido a sua capacidade de trabalho braçal e mental, devido os seus valores morais e econômicos e sua força inovadora.²³⁷

Sturz teria, segundo este artigo, reivindicado conforto e higiene nos navios que partiam de Bremen com emigrantes, para que estes não fossem transportados como mercadorias empacotadas. Para ele, os navios ingleses faziam menos mortos

²³⁴ AN, IR 3/3, Berlim, 3 de agosto de 1858. Extraído do jornal Ausland: A última Campanha no Rio da Prata em consideração especial das relações entre o Brasil e os Estados do Rio do Prata.

²³⁵ BELLE, Trauttwein. Die Krisis der Deutschen Auswanderung. In: *Magazin für Literatur des Auslandes*. Nr. 61, 1862 p. 600. (Goethe: *Was gelten soll, muß wirken und muß dienen*. Trauttwein: *Was gelten will, muß eine Macht sein!*)

²³⁶ Idem, ibidem. (*Du mußt dein selbst zu ihrem selbst erweitern.*)

²³⁷ Idem, p. 601.

em suas viagens do que os alemães. Segundo Trauttwein, os interesses mercantis e marítimos estavam ligados com a emigração, pois “a emigração alemã é uma questão nacional prioritária”.²³⁸ Era uma questão nacional não só pela perda do capital humano e material, mas por estar relacionada com a existência da honra e do poder da nação. Para o autor do artigo, os emigrantes deveriam se sentir em outros países como eternos alemães, um “*signum indelebile*”.²³⁹

Outra questão abordada por Trauttwein sobre esta obra de Sturz referia-se a boa perspectiva para comerciantes no Uruguai, pois o Brasil, pela falta de bons portos, lá escoaria seus produtos. A concorrência na região do Prata não seria temida porque outros países europeus como a Inglaterra, França, Holanda, Portugal tinham outros pontos de comércio e considerava que “uma propagação dos alemães é possível aqui. Nós precisamos disso, porque nós temos que conquistar pontos para o comércio alemão”.²⁴⁰ Por isso, Sturz sugeriu que a política comercial teria esta tarefa, pois a concentração de alemães significava que estes não estavam “perdidos” para a pátria-mãe. Além da política comercial, órgãos públicos deveriam influenciar a opinião pública através da imprensa.²⁴¹

²³⁸ Idem, ibidem. (...die deutsche Auswanderung ist eine nationale Frage ersten Ranges.)

²³⁹ Idem, ibidem.

²⁴⁰ Idem, p. 602. (... eine Ausbreitung der Deutschen ist hier möglich. Die brauchen wir, weil wir deutsche Zielpunkt des deutschen Handels gewinnen müssen!)

²⁴¹ Idem, ibidem.

3.2 DEVE E PODE SER CRIADA UMA NOVA ALEMANHA E DE QUE MODO?

*Daß sich die deutsche Auswanderung jetzt an einem Wendepunkt befindet, woraus ganz unvermeidlich neue Richtungen folgen müssen.*²⁴²

Na obra *Kann und soll ein Neu-Deutschland geschaffen werden und auf welche Weise?* Johann Sturz buscou chamar a atenção para a formação do *Deutscher Zentralverein für Auswanderungsangelegenheiten* (Sociedade Central Alemã para Questões da Emigração) propondo a utilização da emigração num “sentido nacional”. O autor acreditava que com a guerra civil norte-americana, os emigrantes alemães poderiam ser conduzidos para a região do Prata. Com esta guerra, haveria uma crise na emigração alemã e, de acordo com Sturz, muitos emigrantes retornariam para a Alemanha e outros deixariam de se dirigir para os Estados Unidos.

Sendo assim, a corrente migratória que se direcionava em massa para aquele país, seria conduzida para outro lugar. Com isso, o autor pretendia obter um resultado prático, “porque nos abre a oportunidade para dar a pátria-mãe uma direção útil”.²⁴³

O fato de os alemães não obterem força política significativa nos Estados Unidos, obscurecia a “satisfação” e o “orgulho” de uma grande nação

²⁴² STURZ, Johann J. *Kann und Soll* (...), p. 03. (A emigração alemã se encontra agora em um momento de transição, de onde precisa inevitavelmente seguir novas direções.)

²⁴³ Idem, p.5. (...weil sie uns die Möglichkeit eröffnet, der deutschen Auswanderung eine für das Mutterland nützlichere Richtungen zu geben.)

colonizadora.²⁴⁴ De tal forma que Sturz tinha a impressão de “*ver nossa carne e sangue sumir em um elemento estranho*”.²⁴⁵ Os alemães, por mais que novas gerações continuassem a falar a língua alemã, não chegariam ao comando do Estado e a força alemã na América do Norte servia apenas para concorrer com a Alemanha no comércio e na indústria. Sturz concluiu então que a emigração alemã para lá traria prejuízos e por isso ela deveria ser conduzida para outros países, tornando-se esta uma questão nacional (*Nationalangelegenheit*).²⁴⁶

Sturz procurou convencer o leitor de que a expansão da Alemanha era também uma questão de honra e poder, de efeitos práticos para uma perspectiva de futuro. Para ele, a emigração era um fenômeno crescente e coletivo e por isso deveria ser assim pensada: “*a emigração é uma função orgânica da nossa vida nacional, assim inteiramente normal para o corpo nacional como para cada pessoa as funções naturais de seu corpo*”.²⁴⁷

Para ele, a emigração também tinha uma função moral e ética com a *benção* (Weihe) da religião, pois estava escrito na bíblia: “*Sejam férteis, multipliquem-se e habitem a terra*”.²⁴⁸ Por isso, todas as “*nações fortes*” deveriam colaborar para que as terras pouco povoadas fossem colonizadas. De acordo com a exposição de Sturz, a maior parte da Alemanha já estava suficientemente povoada, tão povoada que não poderia se pensar num maior crescimento populacional. Não era desejável

²⁴⁴ Sturz, ao abordar a questão do orgulho nacional, sentia a necessidade de igualar os Estados alemães ou torná-los superiores a outros países como a Inglaterra e a França e isso poderia ocorrer através do direcionamento da emigração alemã. Ele procurou eleger alguns fatos históricos como as migrações para criar novamente o sentimento de orgulho nacional. Segundo Elias, *no passado, devido o caráter intermitente do desenvolvimento alemão, havia grande incerteza sobre o valor e o significado de ser um alemão ou uma alemã*. Veja-se ELIAS, Norbert. *Os Alemães*. p. 28-29.

²⁴⁵ Idem, p. 05 (... *unsere Fleisch und Blut in einem fremden Elemente verschwinden zu sehen*.)

²⁴⁶ Idem, p. 06.

²⁴⁷ Idem, p. 07. (*Die Auswanderung ist eine organische Function unseres Nationallebens, und für den Nationalkörper ganz eben so normal, als es für den einzelnen Menschen die natürlichen Functionen seines Leibes sind*).

²⁴⁸ STURZ, Johann J. *Kann und Soll* (...), p. 8 (*Seit fruchbar und mehret Euch, und füllet die Erde*.)

que as matas existentes na Alemanha virassem pequenos bosques, que os pastos e os rebanhos desaparecessem e que todos os campos fossem trabalhados, que não existissem mais animais para o trabalho, que os campos com trigo virassem pequenas hortas de batatas, que o povo se espremesse nas fábricas e que todo o solo tivesse que servir para o ganho material, faltando, dessa forma, parques para as crianças e os cemitérios. Sturz procurou mostrar ao público alemão que a emigração era um mal necessário; se bem direcionada, faria da Alemanha uma grande nação colonizadora.²⁴⁹

Para o autor, cultura e natureza se relacionavam com equilíbrio, pois a emigração era o caminho “*natural*” para diminuir o excesso populacional. Uma de suas justificativas para o expansionismo alemão no momento em que vivia, estava na história, ou seja, considerava a emigração como um impulso natural entre os povos germânicos, cujo movimento emigratório era notável, principalmente a partir da Idade Média. Para ele, essa vontade podia ser sentida em seu momento presente junto aos estudantes que faziam longas caminhadas (*Wanderungen*).²⁵⁰

Porém, para ele esse movimento emigratório teria diminuído no final da Idade Média, e outros povos, tais como os holandeses e os ingleses, começaram a intensificar a emigração, fundando suas colônias. De acordo com o autor, também a Guerra dos Trinta Anos, que teria devastado um terço da população na Alemanha, reteve o fluxo da emigração. Com isso, teria desaparecido a vontade de emigrar. Esta vontade teria ganho novos estímulos com o desenvolvimento da comunicação

²⁴⁹ Idem, p. 08.

²⁵⁰ Idem, p. 09.

entre os povos, trazendo assim informações e imagens de outras terras.²⁵¹ Sobre este contexto, Norbert Elias considerou que:

*No contexto do desenvolvimento alemão, esses trinta anos de guerra representaram uma catástrofe. Deixaram marcas permanentes no habitus alemão. Na memória dos franceses, ingleses e holandeses, o século XVII é descrito como um dos mais brilhantes em relação ao desenvolvimento destes povos, um período de grande criatividade cultural e de crescente pacificação e civilização. Para a Alemanha, entretanto, esse século foi um período de empobrecimento, inclusive de empobrecimento cultural, e de crescente brutalidade entre as pessoas.*²⁵²

Conforme Sturz, havia na Europa Ocidental um silêncio com relação ao Oriente, e segundo ele, as transformações vieram quase sempre das migrações efetuadas por estes povos. A antiga civilização helênica teria começado com migrações; as migrações militares romanas contribuíram para a romanização de grande parte da Europa, o que podia ser sentido ainda nos dias atuais. Questionou o que seria dos romanos sem as migrações, pois, em sua compreensão, eles não seriam um *Kulturvolk*. Sturz enalteceu o grupo de germanos, os quais teriam formado a Prússia e os grupos que foram para as terras centrais do Donau e para o leste dos Alpes, formando a monarquia austríaca. Para ele, Viena e Berlim não existiriam sem a colonização alemã.²⁵³

Através das migrações, o autor procurou despertar um sentimento nacional a partir da cultura ancestral e o sucesso da colonização no passado deveria ser um exemplo para o presente e o futuro do povo alemão. Sturz, ao referir-se à nação, fez uso de um conceito considerado por Eric Hobsbawm “*historicamente muito recente*” e o seu significado mais freqüente na literatura era político, o que pode ser

²⁵¹ Idem, p. 09-10.

²⁵² Elias, Norbert. *Os Alemães (...)*, p. 19.

²⁵³ STURZ, Johann J.. *Kann und Soll (...)*, p. 12.

percebido nas obras de Sturz.²⁵⁴ Com relação à política do poder, em nome de uma nação, Norbert Elias observou o seguinte:

*Quando a política do poder passou a ser adotada em nome de uma nação, certos aspectos centrais da figuração que os Estados formavam entre si permaneceram inalterados (...). Mas a política de poder, adotada em nome de uma nação e não de um príncipe, não podia continuar sendo concebida e representada como a política de ou para uma pessoa. Era uma política levada a cabo em nome de uma coletividade tão vasta que a maioria de seus membros não se conheciam nem podiam se conhecer uns aos outros.*²⁵⁵

Na obra *Kann und Soll...*, Sturz procurou mostrar que, frente a outras nações consideradas poderosas, a Alemanha também teria a capacidade para a colonização. A colonização era também entendida por ele como uma propagação de Estados-nações e a ausência da posse de colônias significava fraqueza. Para ele, os alemães formavam uma potência poderosa; porém triste era o fato de se fixarem em outras terras e o suor de seu trabalho e seus frutos serem usufruídos por estranhos.²⁵⁶

O descobrimento da América teria aumentado o palco da história do mundo e algumas nações haviam alcançado posição de destaque. Conforme Sturz, a nação alemã perdera poder justamente nesse período de descobertas transatlânticas. Por tal motivo, era importante criar um sentimento nacional com vistas a colonizar outro país: *"Que grande é o sentimento para uma nação, a qual pode estender seus braços sobre o mar, e em distantes costas ver surgir filhas nações, aonde domina a língua materna e costumes e a pátria-mãe se encontra lá rejuvenecida!"*²⁵⁷

²⁵⁴ HOBBSBOWN, Eric J. Op. cit., p. 30-31.

²⁵⁵ ELIAS, Norbert. *Os Alemães...*, p. 138.

²⁵⁶ STURZ, Johann J. *Kann und Soll (...)*, p. 13.

²⁵⁷ Idem, p. 14. (*Welche ein großes Gefühl ist es doch für eine Nation, die ihre Arme über das Meer austrecken kann, und an fernen Gestaden Tochnationen erwachten sieht, wo die heimliche Sprache und Sitte herrscht, und des Mutterland sich selbst verjüngt wiederfindet!*).

Para Sturz faltava este sentimento para o desenvolvimento interno da própria nação. Questionou qual era o “sentimento” (*Gefühl*) dos alemães na divisão das colônias além-oceano, pois em nenhuma delas se falava oficialmente a língua alemã. Observou que mesmo nações pequenas, como Holanda e Portugal, colonizaram impondo suas línguas e, por isso, era preciso tentar outro caminho: a emigração.²⁵⁸

A emigração alemã era, depois da inglesa, a segunda mais importante; porém Sturz criticava o fato dos alemães serem atraídos para o Brasil através de propaganda enganosa. Para ele, alguns lugares do mundo cresciam com o trabalho dos alemães; por isso fez um apelo para que se fizesse algo que unisse esses corpos (*Körper*) além-oceano com a pátria-mãe, ou seja, era preciso criar “vínculos emocionais” entre estas diferentes regiões do mundo habitadas pelos germânicos.²⁵⁹ Ele acreditava que a América do Norte perdera a força de atração para a emigração alemã, e, como esta não havia cessado, a Alemanha tinha como tarefa “*conduzir a emigração alemã tanto quanto possível para uma certa região que promete grandes vantagens tanto para o emigrante como para a pátria- mãe.*”²⁶⁰

Ele cita algumas vantagens que esta concentração traria para o comércio e a navegação da Alemanha. A marinha mercante alemã era muito importante, segundo Sturz, e deveria ocupar, após os ingleses e os norte-americanos, o terceiro lugar. Porém, não ocupava esta posição porque muitos navios alemães serviam outros

²⁵⁸ Idem, ibidem.

²⁵⁹ Segundo Elias os vínculos emocionais eram, num grau muito superior, de natureza simbólica – vínculos com os símbolos da coletividade. (...) Seja qual fosse a forma adotada, esses símbolos, para uma coletividade e seus vários aspectos, tornaram-se pontos focais para a ligação emocional das pessoas à coletividade(...). In: ELIAS, Norbert. *Os Alemães...*, p. 138.

²⁶⁰ STURZ, Johann J. *Kann und Soll...*, p. 17. (*Die gesamte deutsche Auswanderung so viel als möglich auf ein bestimmtes Gebiet zu lenken und zwar auf ein solches Gebiet, welches sowohl für die Auswanderer, als für das Mutterland, den möglich großen Vortheil verspricht*).

países. O comércio também não era tão expressivo, pois os alemães comerciavam em toda as partes do mundo, mas não havia nenhum lugar onde tivessem o monopólio. Somando-se a isto, a importação e a exportação eram feitas de forma indireta, ou seja, de segunda mão, em muitos portos estrangeiros. Além disso, o comércio e a marinha mercante não eram unidos como em outros países.²⁶¹ Com estes argumentos, Sturz pretendia mostrar que a única solução para o expansionismo seria a concentração de alemães além-mar.

Para que houvesse uma expansão do comércio, ele sugeriu a seguinte regra: *“o que deve se expandir, precisa antes se contrair para que a força de expansão exploda da contração”*.²⁶² Sturz comparou a Inglaterra e a Alemanha, afirmando que esta última não estava tendo a capacidade de expansão do comércio. A Inglaterra era uma ilha com muitos portos e a Alemanha tinha apenas uma pequena costa marítima desenvolvida e seus principais portos estavam fechados durante o inverno: *“portanto em todo caso concentração da emigração!”*²⁶³

Neste seu propósito, a tarefa principal consistia em procurar uma região para concentrar a emigração alemã. Para isso, ele estabeleceu três condições principais:

- 1- uma terra onde fosse possível, através do povoamento, ter uma certa influência;
- 2- onde a população não fosse tão numerosa e a população local *menos capaz* que a alemã; os imigrantes poderiam ali preservar a nacionalidade alemã;
- 3- uma região que no futuro não fosse concorrente da Alemanha, além de não ser tropical e escravista.²⁶⁴

²⁶¹ Idem, p. 18.

²⁶² Idem, p. 21. (*Was sich expandieren soll, muß sich zuvor contrahieren, da die expansivkraft aus der contraction entspringt*).

²⁶³ Idem, ibidem. (*Also jedenfalls Concentration der Auswanderung!*).

²⁶⁴ Idem, p. 21.

Conforme Sturz, a zona quente não poderia jamais ser povoada e desenvolvida por europeus, mas deveria ficar sempre uma terra para negros e para os *farbige* (mulatos). Para isto, a América espanhola estaria em melhores condições, pois tinha uma certa simpatia para com a cultura alemã. Conforme Sturz, o importante para isso era não se tratar de uma “*cultura rival*”. Para ele, era preciso notar que muitas regiões da América espanhola seriam mais adequadas. Concluiu então que o local ideal para a emigração alemã seria a região do Prata.²⁶⁵

Em seu discurso, Sturz frisava que na América do Sul centenas de alemães iriam divulgar os produtos alemães, contribuindo mais com o fortalecimento da Alemanha do que os milhões que foram para os Estados Unidos. A diferença estava no fato de que em um território pouco habitado, como os países da região do Prata, os alemães, como representantes legítimos de uma “*cultura superior*”, iriam influenciar as demais populações ali existentes.²⁶⁶

Com relação às viagens marítimas, estas teriam para Sturz um grande impulso com a emigração. Segundo ele, os navios, ao saírem de portos alemães, levariam consigo mercadorias diversas. Em suas viagens de retorno, certamente os capitães trariam outras mercadorias. A navegação constituiria assim a grande rede de comércio. De acordo com o autor, o desenvolvimento da colonização alemã ocorreria, sobretudo, através do uso da criatividade e do trabalho dos alemães, ao contrário da população crioula indolente (*indolente Kreolen*). Essa criatividade

²⁶⁵ Idem, p. 24-25. Sobre a região do Prata, afirmou: *Ein Land von vorwiegend fluvialer Entwicklung, wie das Plata=Gebiet, scheint also gerade am ehesten geeignet, ein neues Deutschland zu werden, weil Deutschland selbst einen ähnlichen Charakter hat.* (Um país com um grande desenvolvimento fluvial como a região do Prata, parece primeiramente ser mais apropriado para se tornar uma Nova Alemanha, porque a própria Alemanha tem caráter semelhante).

²⁶⁶ Idem, *ibidem*.

aumentaria a fabricação de produtos de exportação, pois de parte da região do Prata só se tinha produtos da criação de gado.²⁶⁷

Para Sturz, o comércio nesta região se encontrava em situação incipiente. Isto somado a população *não culta* de menos de dois milhões não poderia, para ele, ser o ponto de apoio para um grande comércio alemão que forneceria produtos em grande escala, fabricados na Alemanha, em troca de produtos da América do Sul.²⁶⁸

Todavia, o futuro brilhante que este comércio abriria poderia ser visto num mapa mundial a partir de seus vários caminhos, saindo por exemplo do porto de Hamburgo. Nesse caminho, que traçou para os navios alemães, ele mostrava entrepostos na África e na América e com isso "*keine Kraft und kein Material unbenutzt bleibt*".²⁶⁹

A emigração, como força viva e impulso pessoal, eram aspectos importantes para Sturz, pois os imigrantes seriam agentes comerciais ou, pelo menos, deveriam sê-lo e ao mesmo tempo os pioneiros da "*civilização em terras não povoadas*".²⁷⁰ Para Sturz, eram os homens que faziam o comércio e não as mercadorias. Mas era dada pouca atenção à política aduaneira (*Zollvereinspolitik*) na Alemanha. Na união aduaneira (*Zollverein*), a navegação era menosprezada e, para Sturz, isto se explicaria de forma natural porque na sua origem era uma associação de intercâmbio entre vários países. Para ele, o mundo era movimentado pela navegação e maiores mudanças no comércio mundial haviam ocorrido através desta. Ele afirma: "*Pensem em Colombo e Gama! e o comércio segue por si a navegação*".²⁷¹

²⁶⁷ Idem, p. 33.

²⁶⁸ Idem, p. 34.

²⁶⁹ Idem, p. 35 ("que não fique nenhuma força e material sem utilização").

²⁷⁰ Idem, p. 36.

²⁷¹ Idem, p. 37. (*Man denke nur an Columbus und Gama! e der Handel folgt der Schifffahrt von selbst*).

Com a ocupação do Prata pelos alemães, começaria a troca de mercadorias. De acordo com Sturz, o comércio cresceria através da troca direta, pois a troca indireta diminuía os lucros. Uma troca em massa, como era o mercado mundial, poderia ocorrer onde houvesse um complemento de ambas as partes e isto era por ele idealizado na América do Sul.²⁷²

No nono capítulo, Sturz afirmou que era necessário observar as coisas sob outro aspecto: “*A importância política que a colonização alemã pode conquistar no Prata*”.²⁷³ Nessa perspectiva, os alemães deveriam buscar na região do Prata uma hegemonia sobre toda a América do Sul. Para tanto, o ideal seria concentrar os alemães no Sul da região do Prata e estes teriam a vantagem de uma mais alta “*Bildung*”²⁷⁴ e assim poderiam dominar as demais regiões da América do Sul, já que “*todas as terras trópicas (...) terão que se curvar frente aos senhores do Prata*”.²⁷⁵ Assim, ele pretendia direcionar a emigração alemã para no futuro se tornar um Império, através do qual pudesse dominar o elemento alemão, pois “*isto ocorrerá naturalmente*”.²⁷⁶ E por fim considerou que os alemães iriam fazer valer a sua superioridade sobre espanhóis, índios, mestiços e outros povos através de sua *Bildung*.

Sturz esperava com isso preservar a nacionalidade alemã e isto ocorreria com determinada organização inicial: “*Aonde pode ser feito o começo com a colonização alemã?*”.²⁷⁷ A região mais adequada seria o Uruguai, cujo clima, localização e solos

²⁷² Idem, ibidem.

²⁷³ Idem, p. 40. (...welche politische Wichtigkeit die deutsche Colonisation am Plata gewinnen kann).

²⁷⁴ *Bildung* é utilizado pelo autor no sentido de formação intelectual, sendo parte integrante da própria *Kultur*. Norbert Elias observa que a auto-legitimação da classe média alemã pela virtude e suas realizações (*Bildung*) adquirem maior ênfase no século XVIII. Veja-se ELIAS, Norbert. *Über de Prozeß...*, p. 89-95.

²⁷⁵ Idem, ibidem. (...alle Tropenländer, (...) werden sich vor dem Herrn der Platanmündung bügen müssen).

²⁷⁶ Idem, p. 41. (...es macht sich ganz natürlich).

²⁷⁷ Idem, p. 45. (*Wo ist der Anfang mit der deutsche Colonization zu machen?*).

eram favoráveis, além dos bons portos para grandes navios. Sturz lançou então uma nova questão: “*Como é possível conduzir a emigração alemã para o Uruguai?*”²⁷⁸

Conforme Sturz, não se poderia obrigar as pessoas a emigrar para lá; mas era preciso instruir e oferecer vantagens através da imprensa, e, por meio indireto, o emigrante iria se decidir pelo Uruguai. Do governo alemão, diz Sturz, não se poderia esperar muito. Sua proposta era então oferecer — tanto para empresários quanto para emigrantes — lucros, vantagens, segurança e prosperidade.²⁷⁹

A colonização, para Sturz, era um negócio complicado e seu êxito dependia de circunstâncias específicas para tornar-se um projeto seguro: deveria se formar uma sociedade que em uma certa região adquirisse terras baratas que seriam vendidas a colonos alemães, com uma margem de lucros para os empreendedores. Esta era a proposta para a ocupação alemã do Uruguai. Para ele, estas terras ocupadas com imigrantes, em poucos anos dobrariam, triplicariam o seu valor e em alguns lugares ficariam dez vezes mais caras. Isso podia ser visto nos Estados Unidos (Califórnia e Wisconsin) e na Austrália. Ao final desta obra, Sturz afirmou que estava aceitando dos leitores, sobretudo dos empresários, sugestões e críticas.²⁸⁰

A obra *Kann und Soli...* foi considerada, em um artigo da *Magazin für Literatur des Auslandes*, de grande repercussão na Alemanha, pois inúmeros jornais expressivos haviam escrito sobre seu projeto de direcionamento da emigração alemã para o Uruguai. Segundo o autor do artigo, no seu projeto, Sturz pretendia obter grandes extensões de terras na região do Prata através de uma sociedade acionária e as terras seriam vendidas em parcelas para os imigrados.²⁸¹

²⁷⁸ Idem, p. 47 (*Wie ist es möglich, die deutsche Auswanderung nach Uruguay zu lenken?*).

²⁷⁹ Idem, ibidem.

²⁸⁰ Idem, ibidem.

²⁸¹ “Deutschland und das Ausland: J.D. Sturz und die deutsche Auswanderung”. In: *Magazin für Literatur des Auslandes* n. 61, Leipzig, 1862, p. 119. (Anexo 3).

Nesse artigo, o autor elogiou a sugestão de Sturz em fundar uma *Allgemeine Auskunfts-bureau für Auswanderungs-Angelegenheiten* (Escritório de informações gerais sobre questões da emigração) em Berlim, pois assim seriam evitados abusos contra imigrantes alemães, além de ser um meio para obter vantagens para a mãe-pátria. Este escritório deveria ser dirigido por Sturz, oferecendo publicações sobre colônias alemãs de todo o mundo.²⁸²

Em outro artigo, o autor observou que o próprio título da obra era uma questão que Sturz procurou responder, sublinhando a importância de serem esclarecidas algumas informações, tais como a direção da emigração e a disposição de capital para tal. Sturz deixou seus projetos de colonização à disposição dos estadistas e economistas para que estes se manifestassem a respeito.²⁸³

3.3 NOVAS CONTRIBUIÇÕES SOBRE O BRASIL E OS PAÍSES DO PRATA

Na obra *Neue Beiträge über Brasilien und die La Plata-Länder*, Johann Sturz afirmou que nunca havia se colocado a favor de uma emigração alemã em todo o território brasileiro, mas apenas para a região Sul. Mostrou também sua decepção com a situação no Brasil e por não receber os devidos agradecimentos pela sua atuação como cônsul. Sua demissão era por ele entendida como forma de represália por ter evitado a entrada de “*escravos brancos*”, contrariando os interesses de especuladores e de latifundiários.²⁸⁴

²⁸² Idem, ibidem.

²⁸³ Veja-se também em artigo da mesma revista: *Deutschland und das Ausland: Neu-Deutschland am La Plata*, p. 95.

²⁸⁴ STURZ, Johann J. *Neue Beiträge über Brasilien und di La Plata-Länder*. Berlin : J.J. Sturz, 1865, p. 1.

Sua luta para que a emigração alemã se direcionasse para o Brasil trouxe decepção ano após ano, estando cada vez mais convicto de que os “*estorvos morais e materiais*” não seriam vencidos. Estes estorvos poderiam ser, para ele, descritos com as seguintes palavras: monopólio de terras, escravidão, intolerância, corrupção das leis e falta de portos marítimos.²⁸⁵ O autor entendia que uma Nova Alemanha na região do Prata teria grandes perspectivas. Para isto trabalhava há anos buscando a ajuda do Estado para receber a emigração alemã. Porém, alguns trabalhos publicados, em sua maioria em forma de circulares — enviadas a centenas de pessoas no Uruguai, para a Confederação da Argentina e para o Paraguai — eram raramente utilizados na elaboração de leis.²⁸⁶

Os seus contatos com homens influentes nos países do Prata visavam, há mais de dez anos, o consulado geral da Confederação Argentina, cuja aceitação do cargo lhe fora impossibilitada pelo governo brasileiro. Então, esperava concentrar seus esforços no Uruguai. Para ele, no Brasil se temia uma colonização alemã forte no país vizinho e que fosse atrativa para emigrantes.²⁸⁷

No exercício do cargo de cônsul, afirmou que não recebeu do governo brasileiro dinheiro para incentivar emigrantes através de anúncios em jornais. Ele também não havia aceitado ser um lucrativo agente para os negócios da emigração, pois havia recebido convites para esta atividade em cinco províncias do reino. Argumentou ainda que não deixou nenhum emigrante alemão ir ao Brasil, a não ser um par de técnicos designados para empregos já determinados, dos quais não tirara nenhum centavo para a passagem, enquanto que outros cônsules endividavam

²⁸⁵ Idem, p. 02.

²⁸⁶ Idem, p. 03.

²⁸⁷ Idem, p. 03-04.

colonos, através da cobrança de 3 ½ Thaler por pessoa enviada para as colônias de parceria.²⁸⁸

Dos vários temas abordados por Sturz, a guerra no Prata parecia ser um grande entrave para seus projetos. Apoiado em um ensaio de Elisée Reclus²⁸⁹ no *Jornal Revue des Deux Mondes: Der Krieg in Uruguai und die Republiken von La Plata* (A guerra no Uruguai e as repúblicas do Parata) reforçou as pretensões de iniciar o povoamento alemão naquela região. Elisée Reclus era um escritor francês autônomo. Neste artigo, descreveu a situação da América do Sul e da América do Norte. Para Reclus, o Uruguai estava sendo devastado pela guerra, fato este constante nas repúblicas hispânicas da América do Sul. Ele acreditava que após a queda de Rosas, as Repúblicas do Prata seriam favorecidas através de períodos ininterruptos de paz e de um futuro brilhante baseado no poder e na civilização.²⁹⁰

Reclus contava com o apoio de alguns geógrafos e historiadores para seus projetos, os quais consideravam que o Paraguai, a Argentina e a Banda Oriental eram uma terra só, e, cedo ou tarde, tornar-se-iam a região de uma só nação. Os inimigos internos seriam vencidos.²⁹¹

Ao comparar o Brasil com a região platina, Reclus afirmou que haviam no Prata Estados livres e uma população crescente, riqueza e diferentes classes sociais que se civilizariam mais rapidamente do que os brasileiros. O Brasil deixaria de ter

²⁸⁸ Idem, p. 07.

²⁸⁹ Reclus era geógrafo francês, anarquista ou comunista libertário, como preferia ser classificado. Militou contra a política oficial de seu país; esteve entre os organizadores da Comuna de Paris e posteriormente preso e exilado. Durante o exílio, escreveu *A Nova Geografia Universal* e *O Homem e a Terra*. Na elaboração destas obras, um em 19 volumes e o outro em 6, contou com a colaboração de autores diversos, entre eles o Barão do Rio Branco na parte referente ao Brasil. De acordo com Manuel Andrade, o estudo de suas obras são fundamentais para a compreensão do mundo moderno, pois nelas Reclus mostra o mecanismo de dominação colonial, o problema do êxodo rural e o crescimento das cidades, o problema das estruturas agrárias etc. Veja-se ANDRADE, Manuel Correia. *Introdução a Elisée Reclus*. São Paulo : Ática, 1985, p. 7-20 (Coleção Grandes Cientistas Sociais, n. 49).

²⁹⁰ Idem , p. 51.

²⁹¹ Idem , ibidem.

uma “*posição favorável*” na América do Sul porque possuía grandes latifúndios e o sistema escravocrata. Para o autor, a diferença entre as instituições brasileiras e destes países era maior a cada ano e havia o crescimento de um sentimento nacional na América do Sul espanhola que se desenvolvia contra os interesses do Brasil na região do Prata.²⁹²

Reclus dicotomizou a futura situação no Brasil e nos países do Prata. Enquanto de um lado a escravidão era vista como “*natural*”, de outro, os imigrantes de diferentes procedências eram todos livres, tornando-se assim um só povo. No Brasil, a crise interna, pela qual toda a nação passaria, não atingiria o ponto máximo; enquanto isto as repúblicas espanholas haviam saído desta fase. A nação espanhola da América do Sul estava se unindo, enquanto que a população brasileira, através da escravidão e do monopólio das terras, se dissolveria social e politicamente.²⁹³

De acordo com o crítico francês, o triunfo da liberdade sobre a escravidão nos Estados Unidos dificilmente traria braços escravos para as repúblicas sul-americanas. O Brasil não poderia importunar os países vizinhos com a sua escravidão. Nas repúblicas do Prata, sempre mais o elemento da civilização se desenvolveria para se tornar uma pátria de toda a humanidade e com o tempo iria se associar com outras repúblicas latino-americanas que teriam uma função não menos importante que a “*república germânica*” do norte da América.²⁹⁴

²⁹² Idem, p. 53.

²⁹³ Idem, ibidem.

²⁹⁴ Idem, p. 55.

Sturz anexou o discurso de autoridade²⁹⁵ de Reclus, dando uma maior legitimidade a sua obra por reconhecer que muitas de suas idéias reafirmavam os seus ideais na região do Prata. De acordo com Sturz, ele despertou, entre alemães e ingleses, interesses na compra de terras no Uruguai. Para isto, Sturz elaborou um catálogo no qual destacava grandes extensões de terras à venda. Porém, tudo em vão, afirmou ele. A crise comercial do mês de outubro de 1857 fez com que os maiores interessados, como o senhor Merck e o príncipe Schönburg, desistissem da compra de terras. As pesquisas sobre a qualidade do solo foram feitas por Sturz, lhe restando, após a crise, a decepção, pois os preços das terras haviam aumentado o dobro em dois anos. Para ele, esses preços poderiam ser ainda mais altos se as terras tivessem sido adquiridas por alemães e, como ele planejou, posteriormente serviriam de base para a colonização alemã.²⁹⁶

Outra fonte que Sturz fez questão de mencionar foi a tradução de uma palestra sua de 1864 dirigida aos brasileiros. A esta, anexou ainda uma lista de circulares, palestras e relatos de forma resumida. Todo este material foi enviado por ele para pessoas, corporações, institutos, reuniões de elaboração de leis e para redações de jornais, perfazendo um total de 300 exemplares.²⁹⁷

Nesta lista, colocou uma parte de suas publicações sobre colonização elaboradas durante os sete dos dezesseis anos nos quais trabalhou como Cônsul

²⁹⁵ Segundo Bourdieu, a especificidade do discurso de autoridade (curso, sermão etc.) reside no fato de que não basta que ele seja compreendido (em alguns casos, ele pode inclusive não ser compreendido sem perder seu poder), é preciso que ele seja reconhecido enquanto tal para que possa exercer seu efeito próprio. Tal reconhecimento (...) somente tem lugar como se fora algo evidente sob determinadas condições, as mesmas que definem o uso legítimo: tal uso deve ser pronubiado pela pessoa autorizada a fazê-lo, o detentor do cetro (spektron), conhecido e reconhecido por sua habilidade e também apto a produzir esta classe particular de discursos (...) devendo enfim ser enunciado nas formas (sintáticas, fonéticas etc.) legítimas. In: BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas linguísticas. O que falar quer dizer*. Trad. Sérgio Miceli. São Paulo : Edusp, 1996. p. 91.

²⁹⁶ Idem, p. 29.

²⁹⁷ Idem, p. 43-44.

Geral do Brasil na Prússia. Sturz sentia-se na obrigação de publicar algumas cartas, mesmo que algumas destas já estivessem na obra *Die Krisis der deutsche Auswanderung...*, não “temendo o preço” das mesmas por considerá-las dignas. Definia estas publicações como espécie de “direito de defesa” contra críticas sobre a sua honra.²⁹⁸

Porém, Sturz estava surpreso que as críticas direcionadas a ele não estivessem impressas em português e sim em alemão, principalmente nos jornais *Deutsche Zeitung* de Porto Alegre e no *Rudolstädter Allgemeinen Auswanderungs-Zeitung*. Nestes jornais, era acusado de ter erroneamente aconselhado o governo imperial brasileiro sobre a questão da colonização e as consequências disto eram a infelicidade e a insegurança do país. Sturz respondeu afirmando que a infelicidade do país fora provocada pela ilusão criada pelos seus dirigentes. Ele esperava ao menos que estes jornais pedissem desculpas pela indignação que lhe causaram.²⁹⁹

Em suas publicações, retomou o a postura de não faltar com a verdade e para esta tarefa não pediu dinheiro do governo, de latifundiários e de donos de navios. Sobre suas atividades como cônsul, ele afirmou que não trouxe nenhum colono para o Brasil, além de não admitir abusos na questão da emigração alemã.³⁰⁰

Sturz esperava que suas obras *Kann und Soll...* e *Die Krisis...* tivessem um grande significado e êxito porque se referiam a questões futuras. No posfácio da obra *Neue Beiträge...*, Sturz afirmou que a mesma era útil quanto ao interesse pela liberdade dos diferentes povos na região do Prata, assim como pelo trabalho livre e pelo livre comércio no Sul da América.³⁰¹

²⁹⁸ Idem, p. 44.

²⁹⁹ Idem, Ibidem.

³⁰⁰ Idem, p. 45.

³⁰¹ Idem, p. 78.

Sturz observou ainda que suas informações na obra *Neue Beiträge...* seriam muito importantes para a História do Brasil e possuía muitos outros documentos em mãos. Para ele, os governantes do Estado no Brasil eram “*criaturas*” dos latifundiários e, devido à abolição inevitável da escravidão, apenas planejavam sua substituição pelo proletariado europeu, especialmente alemães. Estes latifundiários se sentiram com mais poder com a ajuda do governo, de seus diplomatas e agentes na Europa, principalmente na Alemanha e em Portugal.³⁰²

3.4 STURZ E OUTROS PERSONAGENS

As questões propostas por Sturz sobre a emigração alemã para o Brasil e para a região platina influenciaram outros personagens, que ora atacavam ora defendiam suas idéias. As obras acima mencionadas — *Neue Beiträge über Brasilien und die La Plata-Länder* e *Die Deutsche Auswanderung und die Verschleppung deutscher Auwanderer* — são ilustrativas quanto a isso por tecer algumas considerações sobre alguns personagens citados por Sturz e de outros que escreveram sobre o mesmo. Portanto, temos por intenção aqui abordar os diálogos de Sturz com outros personagens.

Sturz, em seus contatos na Alemanha e na Inglaterra, teria influenciado outros personagens a atuarem na questão da emigração alemã. Um deles foi Hermann Blumenau, que obteve maiores informações sobre o Brasil com Alexander von

³⁰² Idem, *ibidem*.

Humboldt, Fritz Müller e outros e, mais tarde, em Londres com Sturz, o que contribuiu para posteriores projetos de colonização neste país.³⁰³

Johann Sturz conheceu Hermann Blumenau em 1842, em Londres, fornecendo-lhe ricas informações sobre projetos de colonização. Blumenau teria encarado com muita seriedade seus projetos, decidindo, posteriormente, sua ida para o Brasil. Em Erlangen foi promovido doutor, através das recomendações de Sturz, pois este acreditava que o título ajudaria Blumenau na concretização de seus planos. Depois de 1843, Sturz manteve com Blumenau uma estreita relação através de cartas e contatos pessoais.³⁰⁴

Posteriormente, algumas ações de Blumenau foram criticadas por Sturz. Ele não concordava com o uso de escravos em colônias alemãs e com as pretensões de Blumenau quanto à organização da colônia Blumenau em Santa Catarina. Blumenau, ao perceber a postura de Sturz, possivelmente o teria colocado na sua obra *Deutsche Kolonie Blumenau in der Provinz Santa Catharina in Süd-Brasilien*, em seu segundo capítulo, como um dos inimigos (*Gegners*) do Brasil.³⁰⁵

De acordo com Sturz, quando de sua demissão em 1858, Blumenau possuía grandes extensões de terras, calando-se, por tal motivo, sobre os abusos cometidos no sistema de parceria. Ele também não se posicionara contra o espírito corporativista (*Esprit de Corps*) dos grandes proprietários, pois, caso contrário, o dinheiro subsidiado para a sua colônia seria cortado e seria impossível a sua venda, além de não ser nomeado diretor do empreendimento.³⁰⁶

³⁰³ Veja-se FOUQUET, Karl. *Dr. Hermann Blumenau*. São Leopoldo : Rotermund S/A, 1979, p. 18-22; SUDHAUS, Fritz. Op. Cit., p. 73; e KANSTATT, Oscar, Op. Cit., p. 51.

³⁰⁴ STURZ, Johann J. *Neue Beiträge...*, p. 32.

³⁰⁵ BLUMENAU, Hermann. *Deutsche Kolonie Blumenau in der Provinz Santa Catharina in Süd-Brasilien*. Rudolstadt : Druck und Verlag von G. Froebel., 1856, p. 10-17.

³⁰⁶ STURZ, Johann J. *Die Deutsche Auswanderung...*, p. 13.

Sturz também criticou Blumenau pela sua pretensão em se tornar um grande proprietário de terras com pouco dinheiro, esmolando algumas léguas de terras do governo ou tentando obter grandes áreas por preços baixíssimos. Ele passou a vê-lo como um inimigo da reforma agrária, pois havia reconhecido anteriormente na Alemanha que este era o único meio de salvação do Brasil. Este era, para Sturz, o primeiro golpe que recebia de um alemão.³⁰⁷

Para o autor, Blumenau e Henry Lange³⁰⁸ almejavam sobretudo prêmios sem terem para isto uma tarefa específica, fazendo do Brasil um “*eldorado*” para os emigrantes. De acordo com Sturz, Lange tinha conhecimento da situação da colônia Blumenau, porém não forneceu o número de estrangeiros, de alemães naturalizados brasileiros, de brasileiros e de escravos que haviam nesta colônia.³⁰⁹

Lange também não apontava os motivos da pouca produção de trigo, centeio, cevada e batata na colônia Blumenau, os quais poderiam ser vendidos no Rio de Janeiro sendo bem pagos. Para Sturz, os colonos eram induzidos a plantar café e cana-de-açúcar, culturas constantemente prejudicadas pela geadas e insetos. Sturz questionou o silêncio de Lange com relação às extensas terras que Blumenau tomou como suas após a venda da colônia. Questionou também a falta de informações sobre os grandes inimigos dos colonos que eram as formigas, os macacos, as capivaras, entre outros, e por fim o modo de ser dos brasileiros, a falta de portos marítimos e a demagogia dos jesuítas.³¹⁰

³⁰⁷ STURZ, Johann J. *Neu Beiträge...*, p. 32.

³⁰⁸ Henry Lange era geógrafo e não chegou a visitar o Sul do Brasil, mas obteve informações sobre o país através de correspondências com Hermann Blumenau e Karl von Koseritz. Posteriormente escreveu a obra *Südbrasilien. Die Provinzen São Pedro do Rio Grande do Sul, Santa Catharina und Paraná mit Rücksicht auf die Deutsche Kolonisation*. Veja-se STUMPF, Josef; KNEFELKAMP, Ulrich (Hrsg.) *Brasiliana. Vom Amazonienland zum Kaiserreich*. Heidelberger Biblioteksschriften 35, 1989, p. 139.

³⁰⁹ STURZ, Johann J. *Die Deutsche Auswanderung...*, p. 17. (Anexo 4).

³¹⁰ Idem, *ibidem*, p. 17-19.

Outro personagem que manteve um laço amigável e epistolar com Sturz foi Cari Friedrich von Martius, naturalista alemão que, junto com Johann Baptist von Spix, realizou uma expedição pelo Brasil (1817-1820). Martius discutiu com Sturz diversas questões referentes à emigração alemã para o Brasil.

Numa de suas cartas, datada de 30 de maio de 1846, afirmou que através de uma organização de padres católicos levaria alemães deste credo religioso para o Brasil. Além das ordens religiosas, destacou ainda a importância dos bandeirantes na tarefa desbravatória e civilizatória no Brasil.³¹¹

Nas cartas, Martius discordava de Sturz quanto à ocupação de fronteiras e a grande questão da emigração. Para Martius seria uma grande sorte para o Brasil se a emigração alemã tivesse “força” e “vocação” para colonizar suas terras. Trabalhadores urbanos não deveriam emigrar, pois havia o perigo de sua multiplic  o em cidades da costa brasileira. Outro perigo para Martius era a emigra  o de franceses, devido aos seus vícios e seus elementos de agita  o política. Como Sturz, ele também defendia a ocupa  o da América do Sul por colonos alemães.³¹²

Quanto às fronteiras, Martius tinha a Rússia como modelo, ou seja, enquanto um país crescia economicamente, também fortalecia suas fronteiras. Porém, temia as pretensões de empresários norte-americanos e ingleses no Amazonas e no Paraguai e por isso afirmou que melhor seria “*impelir para frente os destacamentos, em todos os pontos da terra desabitada*”.³¹³ Para isso, os jesuítas e os monges

³¹¹ Uma parte destas cartas f  i publicada por Schramm. São cartas enviadas por Martius a Sturz com observa  es críticas do organizador, em notas de rodapé. Veja-se SCHRAMM, Hugo. *C. F. Ph. v. Martius. Sein Lebens- und Charakterbild, insbesondere seine Reiseerlebnisse in Brasilien*. Bd. II, Leipzig, 1869. (Anexo 5).

³¹² Idem, p. 113-118. Carta de 24 de abril de 1853, München.

³¹³ Idem, p. 121. Carta de Schlehdorf, 28 de Agosto de 1853. (*Also vorschieben der Destacamento auf allen Punkten, in's herrenlose Land hinein*).

italianos poderiam contribuir decisivamente, estabelecendo um sistema saudável entre os índios do Amazonas. Nas colônias do Alto Paraguai deveriam se estabelecer índios e paulistas. Ele citou a América do Norte como um bom exemplo desse expansionismo, pois levou a imigração do litoral para o interior.³¹⁴

Em outra correspondência, Martius mostrou-se favorável em conduzir a emigração alemã para o Brasil, mas nos Estados Unidos haviam vantagens como a venda de terras e a "*procedência branca*" da população norte-americana. No Brasil, o problema não estava na constituição, mas nos contratos de parceria, na dinastia e no jovem imperador.³¹⁵

Aconselhou Sturz a não ser tão radical em suas atividades consulares.³¹⁶ Para isso, sugeriu como deveria agir no consulado: Fazer um resumo em estilo diplomático dos acontecimentos econômicos e políticos para ministros; agir de forma mais passiva; escrever pouco e não autografar para não criar inimigos. Para ele, Sturz deveria se conformar em ser "*afilhado do Brasil*".³¹⁷

Após a demissão de Sturz, Martius lhe escreveu que não tinha esperança de mudanças no Brasil e que ele deveria tentar assegurar rendimentos em outra atividade. Para isso, sugeriu-lhe que trabalhasse como agente de uma sociedade inglesa interessada em assegurar a produção de algodão no interior do Ceará, da Bahia e de Pernambuco. Nesta atividade, também havia a possibilidade da exploração de minas de diamante. Martius sugeriu-lhe ainda que comprasse terras nesta região para depois revendê-las.³¹⁸

³¹⁴ Idem, p. 122.

³¹⁵ Idem, p. 146-147, 30 de abril de 1855.

³¹⁶ Idem, p.157, Schlehdorf 19 de outubro de 1857.

³¹⁷ Idem, p. 158.

³¹⁸ Idem, p. 163, München 10 de janeiro de 1859.

Samuel Gottfried Kerst foi outro personagem que esteve em contato com Sturz, declarando-se contrário à emigração alemã para o Brasil. A princípio, percebia a colonização no Sul do Brasil e na região do Prata como a ideal para a condução da emigração. Em uma palestra de 1852, com o título *Die Länder der Stromgebiet des La Plata mit Rücksicht auf dem deutschen Handel und die deutsche Auswanderung* (As terras da bacia do Prata com consideração sobre o comércio e a emigração alemã), apresentou o plano para a condução estatal da emigração alemã para o Sul da América.³¹⁹

Em sua obra *Über Brasilianische Zustände der Gegenwart mit Bezug auf die deutsche Auswanderung nach Brasilien* (A situação brasileira atual em relação a emigração alemã para o Brasil), afirma que Sturz poderia dar informações seguras sobre o Brasil porque:

*O senhor Sturz é conhecido na Alemanha como um homem de bem, assim como um servidor zeloso, assíduo e fiel desse império e do governo, e assim não temo em apelar para as diferenças existentes em alguns pontos da questão da colonização no Brasil em sua lealdade e em referir-me sobre seu juízo com relação a pureza das minhas intenções.*³²⁰

De modo geral, Kerst tece nesta obra perspectivas e críticas sobre o Brasil apontando para as falhas no seu sistema de colonização. Ele pretendia ainda contribuir para que o conhecimento da situação no Brasil e na Alemanha sobre a emigração progredissem, assim os brasileiros veriam por si a necessidade de relações com a Alemanha. Além disso, pretendia que na Alemanha fossem tomadas

³¹⁹ SUDHAUS, Fritz. Op. Cit., p. 81.

³²⁰ KERST, S.G. *Über Brasilianische Zustände der Gegenwart, mit Bezug auf die Deutsche Auswanderung nach Brasilien*. Berlin : Verlag von Beit und Comp., 1853, p. 3. (Herr Sturz ist in Deutschland als ein Ehrenmann und ebenso als ein eifriger, fleisiger und treuer Diener jenes Kaisers und seiner Regierung bekannt, und so scheue ich mich denn nicht, (...) über einzelne Punkte der brasilianischen Kolonisations-Angelegenheit bestehenden Differenzen, an seine Loyalität zu appellieren und auf sein Urtheil über die Reinheit meiner Absichten zu verweisen).

medidas para impedir as ações de agentes brasileiros. Os emigrados deveriam ser protegidos pelo governo alemão através de associações (*Vereine*).³²¹

O Visconde de Abrantes (Miguel Calmon du Pin e Almeida), conhecido pela divulgação de seu escrito *Memórias sobre os meios de promover a colonização*, discutiu em Berlim com Sturz a questão da terra e da colonização relacionados à emigração alemã para o Brasil, adotando como modelo os Estados Unidos e as colônias inglesas na Austrália. Abrantes dedicou-se ao estudo do tema, publicando posteriormente o escrito em português.

Para Sturz, este era um manual de instruções para o governo, para o público brasileiro e especialmente para os legisladores do país. Porém, Sturz enfatizou que, apesar da importância deste escrito, até aquele momento as propostas não haviam saído do papel.³²² De acordo com Sturz, após o retorno de Abrantes para o Brasil, em julho de 1846, Manuel de Araújo Porto Alegre³²³ teria enviado de Hamburgo para o Brasil 800 colonos para colônias de parceria. Para ele, Araújo conhecia bem o escrito de Abrantes, concordando com o mesmo, mas adotando outra prática.³²⁴

Manuel de Araújo Porto Alegre foi um dos personagens mais criticados por Sturz por ter conduzido a emigração alemã para colônias de parcerias. Segundo Sturz, Araújo o via como um grande inimigo. As atividades de Araújo, Schmidt, Barros e outros com relação ao angariamento de soldados na Alemanha, com grandes lucros, foram alvos de críticas de Sturz.³²⁵

³²¹ Idem, *ibidem*.

³²² STURZ, Johann J. *Die Krisis...*, p. 104.

³²³ Manuel de Araújo Porto Alegre, foi professor, diplomata, Cônsul Geral do Brasil na Prússia em 1859, após demissão de Sturz e membro do IHGB. Ardoroso defensor das estreitas relações entre a monarquia e intelectuais. Veja-se GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. *Op. Cit.*, p. 12.

³²⁴ Idem, p. 105.

³²⁵ Idem, p. 106-107.

Conforme Sturz, há vinte anos estava se dedicando à emigração, colonização e escravidão na América, o que indicava um princípio de vida, uma tarefa do seu ser (*Dasein*), ocupado com uma grande obra de civilização. Nessa sua tarefa de vida, teve um grande inimigo: Manuel de Araújo Porto Alegre.³²⁶ Na obra *Neue Beiträge...*, várias foram as páginas utilizadas para criticar Araújo devido aos altos preços cobrados aos emigrantes por vistos no porto de Hamburgo, além da demora para obtê-los. Este teria reagido às denúncias de Sturz nos anos de 1843 a 1845.³²⁷

Sturz anexou fonte datada de 7 de novembro de 1859, na qual Araújo recebeu elogios e uma medalha de ouro do Ministro-Presidente de Hamburgo (não cita o nome) pelo seu trabalho e junto a esta medalha encontrava-se uma carta deste ministro sobre a relação amistosa entre o Brasil e a Alemanha. O prêmio foi entregue pelo Dr. Geffken, tradutor da obra de Reyband: *le Brésil*. Segundo Sturz, suas críticas a esse acontecimento contribuíram para a sua demissão. Para ele, já fazia 22 anos desde 1838 que os princípios básicos para a emigração livre não haviam se modificado. Sua insistência com as constantes publicações recheadas de críticas eram para muitos estadistas brasileiros o motivo de sua demissão.³²⁸

No posfácio de sua obra *Neue Beiträge...*, Sturz anexou outro documento sobre a “*leviandade e a falta de escrúpulos*” de um cônsul geral do Brasil na Alemanha (Manuel de Araújo) por ter explorado emigrantes alemães. Sturz teria feito a ele algumas perguntas claras e simples sobre a emigração, mas Araújo teria evitado respondê-las. Porém Araújo escreveu sobre algumas destas questões em francês, as quais Sturz fez questão de traduzir para esta obra.³²⁹

³²⁶ Idem, p. 101.

³²⁷ Idem, ibidem.

³²⁸ STURZ, Johann J. *Neue Beiträge...*, p. 24.

³²⁹ Idem, p. 79. (Anexo 6).

Segundo Araújo, o governo brasileiro facilitava a imigração com igualdade de direitos, sendo assegurado aos imigrantes terras já medidas. As terras eram vendidas por preços baixos, estando à venda no Espírito Santo, em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul, e apresentavam clima favorável. Cada profissão poderia ser exercida sem discriminação entre estrangeiros e brasileiros. Os contratos de parceria continuariam, mas os proprietários de terras não desejavam mais este sistema. Nesta questão, Johann Jacob von Tschudi poderia ser consultado. Para Sturz, o exemplo de Tschudi como uma autoridade para a questão da parceria podia ser visto como um erro. Em dez anos, Sturz não tinha encontrado nenhum alemão ou viajante que não houvesse criticado o sistema de parceria.³³⁰

Ainda neste documento, Manuel de Araújo Porto Alegre afirmou que não conhecia o senhor Froebel e nem sua obra. Para ele, os contratos de parceria eram garantidos através da lei. Estava também orgulhoso com a justiça e a honestidade dos brasileiros. O culto era livre e a tolerância e as igualdades perante a lei eram totais no Brasil. O imigrante católico não se diferenciava dos protestantes a não ser na celebração dos cultos. Nas cidades, como no interior do país, existiam templos para ambas confissões e o governo pagava o mesmo salário para um pastor evangélico e um padre católico. Os casamentos eram válidos e protegidos por lei, caso fossem feitos dentro dos regulamentos.³³¹ Ainda de acordo com Araújo, o direito privado era o mesmo em qualquer terra civilizada, muito melhor para os pobres, pois no Brasil não existiam privilégios. Cada cidadão era igual perante a lei e a posição e honra deveriam ser alcançados através de sua capacidade e mérito. Os costumes, de forma geral, eram melhores do que na Europa, porque no Brasil não

³³⁰ Idem, p. 79-80.

³³¹ Idem, p. 80.

havia miséria. O Brasil era um país civilizado, possuindo a mais perfeita constituição liberal do mundo. Qualquer profissão ou título era alcançado por mérito e assim eram bem vistos em todo o mundo.³³²

De acordo com Sturz, Araújo se apresentava como salvador do Brasil por levar para este país trabalhadores europeus. Aliás, afirmou Sturz, estes eram pessoas dependentes e assim continuariam. Discordava, portanto, de Araújo e seus amigos latifundiários que acusavam o *Berliner Central-Verein für Colonisations-Angelegenheiten* de ser uma organização a seus serviços, reafirmando a condução desta organização para seus objetivos iniciais, ou seja, instituição de proteção aos emigrantes.³³³

Ao mencionar nomes de inimigos oficiais (*officielle Betrüger*), Sturz citou também Joseph Hörmeyer, redator do *Aktenstücke brasilianischer Seits in Colonisations-Angelegenheiten* em Viena; G. Froebel, tipógrafo e redator durante treze anos do jornal de propaganda em Rudolstadt; e Koseritz, redator do jornal *Deutsche Zeitung*, distribuído semanalmente no Rio Grande do Sul. Sturz observou que nenhum destes jornais havia publicado artigos sobre o seu empenho. O *Jornal do Comércio* escreveu sobre Sturz as seguintes linhas: “desobediente servidor público que não quer apoiar a propaganda sobre a parceria”.³³⁴ Segundo Sturz, seus inimigos o estavam desacreditando em sua própria terra natal, através da população alemã no Rio Grande e na região do Prata.³³⁵

³³² Idem, *ibidem*.

³³³ Idem, p. 22.

³³⁴ STURZ, Johann J. *Neue Beiträge...*, p. 05. (...*ungehorsamen Staatsdiener, der nicht die Parceria-Werbungen unterstützen wolle* ...).

³³⁵ Idem, *ibidem*.

Sturz teceu argumentos para mostrar a falta de moral de Hörmeyer e Koseritz em uma carta de 6 de fevereiro de 1855. Nesta carta, foi criticado por Koseritz pelo fato de escrever muito, mas tudo em vão e considerava uma pena sua estada no Brasil e seu trabalho poderia ser reconhecido em repúblicas espanholas, mas não no Brasil. Koseritz afirmou que já sabia da transferência de Sturz da Prússia para a Itália; assim estaria longe da Alemanha e não poderia se dedicar à questão da emigração, pois seus modelos eram temidos por várias pessoas.³³⁶

Sturz fez questão de citar alguns documentos sobre a exposição francesa e o prêmio de 10.000 Francos dado à colônia Blumenau e sobre escritos de Koseritz no *Deutsche Zeitung* de 03 de Agosto de 1867. O prêmio especial fora instituído conforme artigo 30 do regulamento para pessoas, instituições, institutos e lugares que tivessem uma organização especial para o desenvolvimento da harmonia entre todos que trabalhavam em atividades similares contribuindo para o bem moral, material e intelectual da classe trabalhadora.

Para Koseritz, o prêmio era oferecido para as colônias brasileiras em geral, mas com o artigo 30 do regulamento era preciso um empresário colonial e Blumenau era conhecido na Europa. Koseritz havia escrito um memorial sobre a colônia Blumenau e sua história, detalhando sua fundação e estatísticas da situação atualizada da colônia. Como prova do bem estar de todos os colonos, afirmou que estes haviam recebido casas prontas com pagamento facilitado. Segundo Sturz, estas casas não correspondiam aos números divulgados por Koseritz e tratava-se na realidade de “cabanas”.³³⁷

³³⁶ STURZ, Johann J. *Neue Beiträge...*, p. 10-11.

³³⁷ STURZ, Johann J. *Die Deutsche Auswanderung...*, p. 27.

Koseritz afirmou ainda que ao lado da agricultura havia a indústria, algo questionado por Sturz. No Brasil, o triunfo deveria ser completo e sua colonização deveria ter como modelo a colônia de Blumenau, por ter realizado da melhor forma a grande tarefa para o bem estar moral, material e intelectual do imigrante. Este prêmio seria melhor do que inúmeros livros sobre o Brasil, pois muitos jornais publicariam algo a respeito.³³⁸

Sturz criticou a posição de Koseritz na imprensa em Porto Alegre, o qual afirmou que Araújo, cônsul do Brasil na Prússia naquele período, nascido em Porto Alegre, trabalhava honestamente e Sturz era criticado por estes na questão da colonização. Quanto a isso, Sturz os via como incapazes de julgar o seu trabalho.³³⁹

Sturz mencionou nesta obra outra correspondência de Adolph von Varnhagen de 27 de junho de 1857 na qual o autor estava disposto a ajudá-lo na concretização de seus projetos concordando que colonos alemães só viessem ao Brasil se tivessem seus próprios pedaços de terra. Criticou o sistema de parceria, mas achava que Sturz pedia muito de uma só vez em seus projetos, pois, mesmo na Inglaterra, as reformas caminhavam lentamente. Os impostos para a terra deveriam ser no início irrisórios; caso contrário, não seriam aprovados. Varnhagen concluiu que em muitas questões principais concordava com Sturz; porém, em outras não. Nesta correspondência, Varnhagen lhe enviou o sumário de História Geral do Brasil.³⁴⁰

Sturz, apoiado nas diversas críticas e elogios recebidos através de correspondências, retomou um dos fatores atrativos para a emigração: a liberdade.

³³⁸ Idem, *ibidem*.

³³⁹ STURZ, Johann J. *Neue Beiträge...*, p. 22.

³⁴⁰ Idem, p. 12. (Anexo 7).

Ele argumentou, num tom conclusivo, que quem pretendia emigrar certamente iria para um país sem escravidão e onde pudesse ser proprietário de seu lote de terra, ter meios de transporte para os seus produtos e escolas para educar suas crianças, o que certamente havia nos Estados Unidos.³⁴¹

Publicou uma carta de Ernst Merck, Cônsul Geral austríaco, na qual considerava que o Uruguai não seria um país favorável para a emigração alemã porque não era um país muito conhecido, não participava dos círculos do comércio e o momento não era oportuno. Em resposta datada de 27 de setembro de 1856, em Hamburgo, Sturz assegurou que seu projeto para o Uruguai seria a base para uma grande colonização alemã. Para tanto, seria necessário adquirir de 300 a 500 léguas ou mais de terras. Estas terras seriam adquiridas por empresários que certamente teriam lucro com a venda das mesmas.³⁴²

Quanto ao Brasil, afirmou que de fato tivera azar com a escolha de seus colegas, tais como Abrantes e o senador Souza Franco, porque estes ficaram apenas nas promessas. Para Sturz, ambos haviam mostrado que muito entendiam da emigração e sabiam que muitas reformas eram necessárias e que sem uma taxa sobre o uso da terra não seria possível uma emigração alemã expressiva para o Brasil, mesmo que ainda persistisse a escravidão. Sturz achou justo queixar-se de seus conterrâneos, pois estes haviam lhe declarado todo o apoio, porém o haviam desiludido.³⁴³

³⁴¹ Idem, p. 16-17.

³⁴² Idem, p. 28.

³⁴³ Idem, p. 30-31.

Com relação a outras decepções, teceu comentários sobre alguns colegas seus quando deixou o Brasil em 1841. Estes, devido ao seu apoio quanto à instrução e à colaboração, tinham um grande círculo de relações e uma quantidade significativa de bens materiais. Para ele, estes alemães haviam se tornado brasileiros mudos e cegos para tudo aquilo que não fosse de seus próprios interesses. Estes colegas eram, a princípio, alemães de boa educação e com as melhores intenções.

Ele mencionou ainda um alemão, porém sem citar o seu nome, com o qual havia se decepcionado. Era filho de um alemão residente no Brasil e fizera sua formação (*Ausbildung*) na Alemanha por recomendações suas prometendo-lhe por escrito ser um colaborador na questão emigrantista. Ainda no Havre, este teria lhe enviado uma carta na qual dizia: “*Eu trabalharei assim para que já em dois anos se dirija a corrente de emigrantes alemães para o Brasil*”.³⁴⁴ Conforme Sturz, ao regressar ao Brasil, completou 17 anos, mas não tinha mais coração e fidelidade com a Alemanha, tornando-se um brasileiro, e os alemães lhe eram rivais em sua carreira. Ao invés de incentivar a emigração, comentou Sturz, havia se tornado um inimigo dela e um verdadeiro ignorante (*Knownothing*) brasileiro.³⁴⁵

Com relação ao senado, Sturz mencionou um documento com discursos de três senadores sobre o seu trabalho e suas publicações. Este documento também estava no *Jornal do Comércio* nr. 208 de 28 de julho de 1858. No plenário do senado, Sturz foi um dos assuntos, motivando o Visconde de Jequitinhonha a pedir

³⁴⁴ Idem, p. 32. (*Ich werde so dafür arbeiten, dass sich in 2 Jahren schon ein Strom deutscher Auswanderer nach Brasilien richten wird*).

³⁴⁵ Idem, ibidem.

para que seus escritos não fossem parar em arquivos, pois a grandeza de seu trabalho, publicado com seu próprio dinheiro, trazia questões centrais para o Império Brasileiro como, por exemplo, as plantações, a colonização, os meios de comunicação, as questões hidráulicas, geográficas e geológicas.³⁴⁶

Ainda segundo o Visconde, Sturz tinha amplos interesses exercia funções que extrapolavam as obrigações de seu cargo. Seus escritos deveriam não só ser enviados ao senado, como também para corporações e indivíduos. Ainda nesta seção, Jequitinhonha agradeceu Sturz pelo seu empenho, não só pelo seu trabalho como cônsul, mas também pelas publicações direcionadas à formação da opinião pública. Esta seção foi encerrada pelo Dr. Angelo Munniz Ferraz, com agradecimentos a Sturz pelas suas informações e documentos.³⁴⁷

O autor fez menção a elogios recebidos de Sinimbu³⁴⁸ pelo seu trabalho e estudos publicados, porém, Sturz o criticou por ser presidente da província da Bahia, ministro do Interior e casado com uma alemã e, mesmo assim, nada ter feito pela questão da terra e da imigração. Afirmou também que os melhores planos para a emigração e colonização morriam na mão de alguns e acreditava ser necessário impedir isto. Para ele, Sinimbu, Marquês d' Abrantes e o Visconde d'Uruguai receberam seu apoio para a questão da terra e da colonização em 63 cartas publicadas. Porém, acreditava que a metade do conselho do Estado (*Staatsrath*) mais obedeciam aos latifundiários e aos barões do café do que ao império propriamente.³⁴⁹

³⁴⁶ Idem, p. 40.

³⁴⁷ Idem, ibidem. (Anexo 8).

³⁴⁸ Cansanção de Sinimbu foi Ministro dos Estrangeiros em 1859, e acumulou os Ministérios da Justiça e Agricultura em 1862. Segundo ele, a imigração não poderia dispensar a iniciativa privada, mas estava mais ligada aos interesses da grande lavoura, enquanto ao Estado caberia a formação de núcleos de pequenos proprietários. Veja-se MACHADO, Paulo P. Op. Cit., p. 69.

³⁴⁹ Idem, p. 43.

Algumas críticas a Sturz foram escritas por Fritz Sudhaus que via nas suas publicações cada vez mais radicalismo. Um exemplo disto seria a obra *Brasilianische Zustände und Aussichten*. Sudhaus criticou Sturz ao mencionar que sempre trabalhava com as mesmas coisas: escravidão, monopólio de terras, sistema de parceria, comportamento da elite brasileira, questão religiosa, situação de direito do emigrante, relações morais e costumes no Brasil de modo geral.³⁵⁰ Sudhaus, em suas críticas, afirma que Sturz ficou muito preso à teoria e pouco de concreto fez, assim como o governo prussiano. Elogiou os planos concretos de Blumenau e do Hamburger Kolonisationsverein. Ainda segundo ele, Sturz, apesar de honesto e humanista, começou a cometer muitas falhas ao ver a questão da emigração não como um todo, mas com exemplos isolados.³⁵¹

Para Sudhaus, a força de vontade dos bravos pioneiros nas colônias do Sul do Brasil não teria sido levada em consideração por Sturz. Observou que seu erro foi transpor a cultura de um velho país para um país novo em formação. Afirmou também que o Brasil não permaneceria para sempre católico e Blumenau teria razão ao afirmar que uma colônia forte naturalmente garantiria os direitos que os colonos reivindicavam.³⁵²

Este autor acreditava que Sturz havia influenciado W. Schultze na questão da colonização, estimulando-o a viajar para o Sul do Brasil em 1858, resultando daí trabalhos cartográficos e nove escritos, dentre os quais três voltados à colonização alemã. Sudhaus acreditava que o escrito de H. Schenke, *Mahnruf gegen die deutschen Auswanderung nach Brasilien* (Apelo contra a emigração alemã para o

³⁵⁰ SUDHAUS, Fritz. Op. Cit., p. 99.

³⁵¹ Idem, p. 102.

³⁵² Idem, ibidem.

Brasil)³⁵³, tinha um estilo muito parecido com o de Sturz. O conteúdo e a forma de organizar seus argumentos seriam, para Sudhaus, semelhantes aos dos anos 50. Ressaltou também que a influência de Sturz ainda se fazia sentir no momento em que vivia.³⁵⁴

³⁵³ Schenke acreditava que a tarefa do Estado alemão seria concentrar sua força nacional. Para ele, esta estaria se perdendo no Brasil, por isso os alemães não deveriam emigrar para lá. Ele criticou no Brasil o papismo, a indolência, o jesuitismo e a sociedade corrompida. Veja-se SCHENKE, H. *Mahnruf gegen die Auswanderung nach Brasilien*. Berlin, 1873, p. 03-04.

³⁵⁴ SUDHAUS, Fritz. Op. Cit., p. 152.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O troco mutuo ha de aqui ser maior extencao de anno em anno, he garantido pelo fato que a producao e consumcao do Brasil estão crescendo vigorosamente. (AN, IR 3/3, Carta de Sturz para o Rei da Prússia).

Was sind denn unsere Auswanderer? Sie sind ja unsere Handelsagenten, [...] dazu gleichzeitig die Pioniere der Civilisation (Kann und Soll ..., p. 36).

Das deutsche Element in den Vereinigten Staaten als das hervorragendste unter den verschiedenen Nationalitäten, deren harmonisches Zusammenwirken der Union Macht und Civilisation sichert. (Die Deutsche Auswanderung ..., p. 9).³⁵⁵

Na tentativa de historicizar o personagem e seu mundo, muitos dos discursos de Johann Jacob Sturz se entrecruzaram com conflitos, contradições e normatizações. A pesquisa enveredou, em muitos casos, pelos caminhos da incerteza e da indeterminação próprios de empreendimentos dessa natureza. Contudo, alguns passos valiosos foram dados para a compreensão de atos e palavras do autor, pois, como afirma Michel Foucault, o discurso nada mais é do que um jogo de escrituras e de trocas que se anulam, assim, em sua realidade, inscrevendo-se na ordem do significante.³⁵⁶

Nessa trajetória, o estudo das ações de Sturz buscou expressar parte significativa de um universo cultural cujas relações de amizade, interesses pessoais

³⁵⁵ *O que são então os nossos emigrantes? Eles são sim nossos agentes comerciais, [...] e simultaneamente os pioneiros da civilização. (Kann und Soll...,p. 36). O elemento alemão nos Estados Unidos como o mais distinto entre as diferentes nacionalidades, cuja cooperação em harmonia assegura poder e civilização para a União (Die Deutsche Auswanderung..., p. 09).*

³⁵⁶ FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 3. ed. São Paulo : Edições Loyola, 1996, p. 49.

e projetos utópicos muitas vezes estiveram alinhados aos valores da classe média alemã: moralidade, ideais de igualdade e de humanismo. Percebe-se que estes valores deveriam nortear sua atividade como Cônsul Geral do Brasil na Prússia, pois acreditava nas virtudes de uma administração burocrática, na inevitabilidade do progresso e nos avanços científicos e econômicos. Para que isto se concretizasse em solo brasileiro seriam necessárias algumas reformas, tais como a distribuição de terras que, no seu entender, constituía um dos principais entraves para o progresso do Brasil.

Entre os caracteres que delineiam a figura de Sturz está o fato de não procurar fazer do seu cargo de Cônsul Geral do Brasil na Prússia um refúgio seguro, mas sim proclamar o que considerava injusto, deixando suas marcas através de seus atos e escritos. Para isso, produziu uma imensa literatura através da qual não só apresentou críticas à sociedade brasileira, mas propôs um modelo de “civilização” em contraposição ao “*semi-barbarismo*”. Mediu o “atraso” do Brasil. Seu modelo de civilização faria com que o país fosse compelido a alcançar o pelotão de frente em relação aos critérios da Europa Ocidental do século XIX. Sturz definiu o acesso à civilização em função dos valores da época: produção econômica, progressos técnicos e científicos, religião monoteísta, propriedade privada, família monogâmica e moral vitoriana.

A proposta de levar a “civilização” para o Novo Mundo era uma de suas justificativas teóricas para uma prática expansionista, pois, na corrida por colônias além-mar, outros países europeus, como a França e a Inglaterra, eram, para ele, precursores por assegurarem assim mercados exportadores e importadores.

O sentimento de posse de colônias, associado ao nacionalismo, poderia ser construído com a emigração alemã direcionada para uma região onde não houvesse a concorrência de outros países europeus. Primeiramente, Sturz cogitou, a partir de suas viagens como funcionário de uma companhia de mineração inglesa, que o Brasil seria o lugar ideal para tal projeto. Uma *Nova Alemanha além-mar* ganhou novos contornos com a ocupação do cargo de Cônsul Geral do Brasil na Prússia. A partir de então, levou este propósito até o final de sua vida.

Suas decepções, principalmente com as instituições públicas brasileiras, levaram-no a direcionar seus projetos para a região platina. Sua insistência com relação à condenação da emigração alemã para o Brasil, após a demissão do consulado, chamou a atenção do público alemão do período e posteriormente de historiadores interessados, em muitos casos, em avaliar a repercussão de suas críticas. Entre eles, Christoph Strupp considera que Sturz foi um dos publicistas que mais contribuiu para a discussão desta questão. Além disso, observa que “*se o seu trabalho de esclarecimento realmente intimidou ‘milhares a dar um passo que inevitavelmente teria levado a uma grande miséria e a falência certa’ (Schramm-Macdonald), é incerto, mas com certeza não ficou sem repercussão*”.³⁵⁷

É principalmente após a demissão de Sturz que se verifica a produção de vários escritos sobre questões raciais. Para ele não foi possível mudar e salvar o país devido à miscigenação racial. Índios, negros e mulatos (*farbigen*) estavam presentes no seu discurso, mas com lugar predestinado: os trópicos. Já o Sul do país seria o lugar destinado aos imigrantes “*capazes*” de serem pequenos

³⁵⁷ STRUPP, Christoph. Op.Cit., p. 25. Ob seine Aufklärungsarbeit tatsächlich Tausende vor einem Schritte zurück(schreckte), der sie unfehlbar dem größten Elende und sicheren Untergange entgeengeführt hätte (Schramm-Macdonald) sei dahingestellt, aber ohne Wirkung blieb sie gewiß nicht.

proprietários. Nessa classificação racial, Sturz indicou com clareza somente os imigrantes alemães para a colonização no Sul do Brasil e posteriormente na região do Prata.

Após sua demissão do consulado brasileiro na Prússia, Sturz persistiu em suas críticas à sociedade brasileira, apontando então para a região Platina como um lugar possível para realizar sua utopia maior: uma Nova Alemanha além do oceano. Esse discurso está presente principalmente em escritos como *Kann und Soll ein Neu-Deutschland geschaffen werden und auf welche Weise?* e *Neue Beiträge über Brasilien und die La Plata-Länder*. Nesta obras, procurou formular questões e respostas para atender necessidades e interesses de diferentes grupos. Conforme Sturz, o Estado pouco colaborou nesta questão e, por isso, buscou convencer empresários e emigrantes para a colonização na região do Prata. Os empresários deveriam investir na compra de terras no Uruguai, as quais seriam revendidas a colonos alemães. Estes, ao emigrarem para aquele país, deveriam estar convencidos de que seria possível possuir uma pequena propriedade.

Com tal projeto, Sturz pensou que seria possível inventar uma América do Sul alemã, a exemplo da América do Norte de ingleses, mas não obteve êxito. Então, a partir de escritos como *Die Deutsche Auswanderung und die Verschleppung deutscher Auswanderer* direcionou olhares para os Estados Unidos, concluindo que os alemães poderiam significar poder para a Alemanha e que futuramente os americanos e os alemães dominariam o comércio na Ásia, novamente sob o emblema da civilização.

Todavia, o modelo de civilização do autor estabelecia uma fronteira nítida entre os povos europeus, principalmente alemães, e outros povos. Apesar do século que nos separa do personagem, o tema continua atual e, como afirmou Eric

Hobsbawm, atualmente a fronteira entre civilização e barbárie na Europa ou em qualquer lugar do planeta ocorre entre ricos e pobres, entre aqueles que têm acesso ao luxo, à formação e informação sobre o mundo e os que nada têm.³⁵⁸

³⁵⁸ HOBBSAWM, Eric. Welche Sinn hat Europa? In: *Die Zeit*. Themen der Zeit Nr. 41 4 out., 1996, p. 40.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A) FONTES

Arquivo Nacional (AN) Rio de Janeiro:

1. Ministério dos Negócios Estrangeiros, Legação do Brasil em Berlim, Consulado do Brasil em Berlim 1848-1872. IR 3/3

- O Futuro da Emigração Alemã, Berlim 1848.
 - A importância dos jornaleiros asiáticos nas colônias Inglesas em outros payzes da zona Tórrida, 1858.
 - Algumas breves observações sobre o folheto: Crítica pública sobre a questão da Emigração Allemã Brasileira, Berlin, 1858.
 - Extraído da Gazetta Berlinense n. 143, 23 de junho de 1858.
 - Memória entregue ao rei da Prússia por J.J Sturz como súdito particular e não como cônsul
 - O Congresso da emigração em Francofurt 1848.
 - Correspondência de von Martius para J.J. Sturz, München, 4 de Agosto de 1846.
 - Carta Confidencial de Visconde do Uruguai para Sturz, Paris 14 de Abril de 1856.
 - Carta Confidencial (remetente ilegível) para Sturz. Genova, 5 de Abril de 1856.
 - Carta de Sturz (destinatário ilegível). Dresden 5 de Maio de 1856.
 - Extraído do Ausland, 24-26 e 29 junho e julho de 1858. A última Campanha no Rio do Prata em consideração especial das relações entre o Brasil e os Estados do Rio do Pratta.
2. Ministério de Negócios Estrangeiros. Código de Fundo BA SDE Secretária de Administração. Corpo Diplomático 2. 1844-1861, IR 2/3
- Exonerando João Diogo Sturz, 12 de outubro de 1858.

3. Codex 807, Volume 19:

- Memórias. Especial: *Memorandum* em que são expostas as vistas do Governo Imperial a respeito da colonização e emigração para o Brasil.

Arquivo Histórico do Itamarati (AHI) Rio de Janeiro:

1. Repartições Consulares Brasileiras

240/1/14 – Inventário do Cônsul Geral do Brasil na Prússia (Livro de registro, caixa com despachos etc.) Berlim 1842.

240/1/14 – Ofício 3 Londres 1843.

240/1/15 – Ofícios n. 13 e 15. Berlim 1847.

240/1/16 – A Revolução Alemã e os Estados Unidos, Nüremberg 1849.

2. Missões Diplomáticas Brasileiras

202/3/2 - Legação do Império do Brasil, Segunda seção n. 2-9, 12 e 22. Berlim 1857-59.

202/3/2 - Tradução da Carta do Barão de Bülow 1842.

202/3/1 - Confidencial 20 de setembro de 1856.

Biblioteca Nacional (BN) Rio de Janeiro:

Microfilme PR SOR 4560 (1) Artigo sobre Colonização na Revista Americana.

Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) Rio de Janeiro:

DL 310, 3 Berlim 18 de Outubro de 1846. Sturz envia um artigo para o secretário do IHGB sobre a necessidade da emigração para o futuro e segurança do Brasil.

Jornais

FOLHA de São Paulo. São Paulo, n. 26.251, ano 80, 15 fev., 2001.

DIE Zeit. Berlim, n. 41, 04 out., 1996.

B) BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, Manuel Correia. *Introdução a Elisée Reclus*. São Paulo : Ática, 1985.

BARRETO, Abeilard. *Bibliografia Sul-Riograndense. A contribuição portuguesa e estrangeira para o conhecimento e integração do Rio Grande do Sul*. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1976 (Vol. II, K-Z).

BASTOS, Tavares. *Os males do presente e as esperanças do futuro*. Microfilme 62593. BN.

BELLE, Trautwein. "Die Krisis der Deutschen Auswanderung". In: *Magazin für Literatur des Auslandes*. Nr. 61, 1862.

BLUMENAU, Hermann. *Deutsche Kolonie Blumenau in der Provinz Santa Catharina in Süd-Brasilien*. Rudolstadt : Druck und Verlag von G. Froebel., 1856.

BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo : Companhia das Letras, 1992.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas linguísticas. o que falar quer dizer*. Trad. Sérgio Miceli. São Paulo : Edusp, 1996.

CANSTATT, Oscar. *Kritisches Repertorium der Deutsch-Brasilianischen Literatur*. Berlin, 1902.

CHARTIER, Roger . A História Hoje: dúvidas, desafios, propostas. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 7, n. 13, 1994.

COLOMBO, Sylvia. "Visões do poente. Le Goff e Hobsbawm mapeiam o Ocidente". In: *Folha de São Paulo*, São Paulo, ano 80, n. 26.251, 15 Fevereiro, 2001. pp. E 1 e E3.

CUNHA, Jorge Luiz da. *Rio Grande do Sul und die Deutsche Kolonisation*. Santa Cruz do Sul: Gráfica Léo Quatke da UNISC, 1995.

DAVATZ, Thomas. *Memórias de um colono no Brasil*. Trad. Sérgio Buarque de Holanda. Belo Horizonte : Ed. Itatiaia; São Paulo : Editora da Universidade de São Paulo, 1980.

DEUTSCHLAND UND DAS AUSLAND: J.D. "Sturz und die deutsche Auswanderung". In: *Magazin für Literatur de Auslandes* n. 61, Leipzig, 1862.

DUBOC, Julius. *Plaudereien und Mehr*. Aus der Studien-Mappe. Hamburg, 1884.

ELCHO, R. "Sturz, der Menschenfreund". In: *Die Gartenlaube*. 1878 (Heft 11).

ELIAS, Norbert. *Os alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro : Jorge Zahar Editor, 1997.

ELIAS, Norbert. *Soziogenetische und psychogenetische Untersuchungen. Bd. 1: Wandlungen des Verhaltens in den weltlichen Oberschichten des Abendlandes*. 20 Aufl. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1997.

ENCYCLOPEDIA E DICCIONARIO INTERNACIONAL. Organizado e redigido com a colaboração de distintos homens de sciencia e de letras brasileiros e portugueses. W. M.Jackson: Lisboa, Rio de Janeiro, São Paulo. Vol. XVIII.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade II : O uso dos prazeres*. 6.ed. Trad. de Maria T. da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro : Edições Graal, 1984.

_____. *A ordem do discurso*. 3.ed. São Paulo : Edições Loyola, 1996.

_____. *A verdade e as formas jurídicas*. Trad. Roberto C. de Melo Machado e Eduardo J. Morais. Rio de Janeiro: Nau Editora, 1996.

_____. *As palavras e as coisas. Uma arqueologia das ciências humanas*. Trad. Salma Tannus Muchail. São Paulo : Martins Fontes, 1999.

FOUQUET, Karl. *Dr. Hermann Blumenau*. São Leopoldo : Rotermond S/A, 1979.

GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. "Nação e civilização nos Trópicos: O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional". In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, n. 1, 1988.

HANDELMANN, Heinrich G. *História do Brasil*. Trad. Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. 3. ed. São Paulo : Edições Melhoramentos, 1978.

HELL, Jürgen. "Die Politik des Deutschen Reiches zur Vewandlung der drei brasilianischen Südstaaten in ein überseeisches Neudeutschland (1890-1914)". In: *Lateinamerika*. Semesterbericht des Lateinamerika-Instituts der Universität Rostock, 1966.

HERMANN, Wagener (Hrsg). "Sturz, Johann Jacob". In: *Neues Konversations=Lexikon. Staats und Gesellschafts=Lexikon*. Bd. 20. Berlin, 1865.

HOBBSBAWM, Eric J. *Nações e nacionalismos desde 1780. Programa, mito e realidade*. Trad. Maria Celia Paoli e Anna Maria Quirino. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

_____. "Welche Sinn hat Europa?" In: *Die Zeit*. Themen der Zeit. Nr. 41, 4 de out. de 1996.

- KERST, S.G. *Über Brasilianische Zustände der Gegenwart, mit Bezug auf die Deutsche Auswanderung nach Brasilien*. Berlin : Verlag von Beit und Comp., 1853.
- KIEFER, Sabine. *Blumenau. Ein Fall von charismatischen Herrschaft*. Köln, 1992. (Magisterarbeit).
- LAPLATINE, François. *Aprender Antropologia*. Trad. Marie-Agnès Chauvel. 5.ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- LE GOFF, Jacques. "Progresso/Reação". Trad. Irene Ferreira. In: LE GOFF, Jacques (Org.). *História e Memória*. Campinas: Unicamp, 1990.
- _____. "Wie schreibt man eine Biographie?". In: *Wie geschichte geschrieben wird*. Mit Beiträge von Fernand Braudel, Natalie Zemon Davis, Lucien Febvre, Carlo Ginzburg, Jacques Le Goff, Reinhardt Koselleck, Arnaldo Mogliano. Trad. Matthias Wolf. Berlin : Verlag Klaus Wagenbach, 1990 und 1998.
- LISBOA, Karen M. *A Nova Atlântida de Spix e Martius: Natureza e civilização na viagem pelo Brasil (1817-1820)*. São Paulo : Hucitec, 1997.
- MACHADO, Paulo P. *A política de Colonização do Império*. Porto Alegre : Editora da UFRGS, 1999.
- MARTIUS, Carlos de. "Colonisação". In: *Revista Americana*. Rio de Janeiro, 1848. Microfilme PR SOR 4560 (1).
- REESE, Armim (Hrsg.). *Alle Menschen sind dort gleich: Die Deutsche Amerika-Auswanderung im 19. Und 20. Jahrhundert*. 1. Aufl. Düsseldorf : Schwamm, 1988.
- RIDLEY, Hugh. "Annäherungen an den dynamischen Zeitgeist. Geographische Zeitschriften im Vormärz". In: LAUSTER, Martina (Hrsg.). *Deutschland und der europäische Zeitgeist. Kosmopolitische Dimensionen in der Literatur des Vormärz*. Bielefeld : Aisthenis Verlag, 1994.
- SCHENKE, H. *Mahnruf gegen die Auswanderung nach Brasilien*. Berlin, 1873.
- SCHRAMM, Hugo. *C. F. Ph. v. Martius. Sein Lebens-und Charakterbild, insbesondere seine Reiseerlebnisse in Brasilien*. Bd. II, Leipzig, 1869.
- SCHRAMM-MACDONALD. "Sturz, Johann Jacob". In: *Allgemeine Deutsche Biographie*. Bd. 37. Leipzig, 1984.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: Cientistas, instituições e questão racial no Brasil - 1870-1930*. São Paulo : Companhia das Letras, 1993.
- _____. *As barbas do Imperador. D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. São Paulo : Companhia das Letras, 1998.

SEYFERTH, Giralda. "Construindo a Nação: Hierarquias Raciais e o Papel do Racismo na Política de Imigração e Colonização". In: MAIO, Marcos Chor; SANTOS, Ricardo Ventura (Orgs.). *Raça, ciência e sociedade*. Rio de Janeiro : Fiocruz/CCBB, 1996.

SILVA, Lígia Osório. Tavares Bastos e questão agrária no Império. In: *História Econômica & História de Empresas*. São Paulo : HUCITEC/ABPHE, 1988.

SPIX, Johann Baptist von; MARTIUS, Carl Friedrich Phillip von. *Viagem pelo Brasil (1817-1820)*. Trad. Lúcia F. Lahmeyer. Rio de Janeiro : Imprensa Nacional, 1938 (3 volumes e atlas).

STAROBINSKI, J. "A literatura: o texto e seu intérprete". In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (Orgs.) *História: novas abordagens*. Rio de Janeiro : F. Alves, 1976.

STENOGRAPHISCHE BERICHTE ÜBER DIE VERHANDLUNGEN DES PREUSSISCHEN HAUSES DER ABGEORDNETEN. Seção de 4 de junho de 1861.

STRUPP, Christoph. "Von der Alten in die Neue Heimat. Deutsche Auswanderer auf dem Weg nach Lateinamerika". In: *Matices*. Zeitschrift zu Lateinamerika, Spanien und Portugal. Jg. 4, nr. 15, 1997.

STUMPF, Josef; KNEFELKAMP, Ulrich (Hrsg.) *Brasiliana. Vom Amazonenland zum Kaiserreich*. Heidelberger Bilioteksschriften 35, 1989.

STURZ, Johann J. *A review, financial, statistical and commercial of the empire of Brazil and its resources: together with a suggestion of the expediency and more of admitting Brazilian and other foreign sugars into Great Britain for refining and exportation*. London : Effingham Wilson, 1837. Microfilme 62593, BN.

_____. *Kann und Soll ein Neu-Deutschland geschaffen werden und auf Welche Weise?* Berlin : Nikolaische Verlag=Buchhandlung, 1982.

_____. *Die Krisis der Deutschen Auswanderung und ihre Benutzung für jetzt und immer*. Berlin : Sieckthier, 1862.

_____. *German Emigration to British Colonies*. Microfilme BN 62593.

_____. *Neue Beiträge über Brasilien und die La Plata- Ländern*. Berlin : J. J. Sturz, 1865.

_____. *Die Deutsche Auswanderung und die Verschleppung deutscher Auswanderer*. Berlin : Verlag von Fr. Rortkamp, 1868.

_____. *Efeitos Beneficos das Máquinas e do Combustível como do aperfeiçoamento dos meios de transporte sobre a prosperidade das nações*

oferecidas às sociedades irmãs do Rio, e Bahia, auxiliadoras da Indústria e Agricultura, e as assembleias provinciais em que estão fundadas as esperanças do Brasil. Rio de Janeiro : Typographia Nacional, 1835.

SUDHAUS, Fritz. *Deutschland und die Auswanderung nach Brasilien im 19. Jahrhundert.* Hamburg : Hans Christians Druckerei und Verlag, 1940.

TODOROV, Tzvetan. *Nós e os outros. A reflexão francesa sobre a diversidade humana.* Trad. Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993 (Vol. 1).

WAGNER, W. Reinhardt. *Deutsche als Ersatz für Sklaven Arbeitsmigranten aus Deutschland in der brasilianischen Provinz São Paulo 1847-1914.* Frankfurt am Main : Vervuert Verlag, 1995.

WAPPÄUS, J. E. *Deutsche Auswanderung und Kolonisation.* Leipzig, 1848.

WEHNER, Karl. *Johann Jacob Sturz und die deutsche Auswanderung.* Frankfurt a. M., 1923. (Dissertação).

ANEXOS

ANEXO 1

Imagem de Johann Jacob Sturz desenhada por Adolf Neumann. Elcho, R. Sturz, der Menschenfreund. In: *Die Gartenlaube*. n.11, 1878, p. 183.



ANEXO 2

Carta III de 4 de Agosto de 1846, do Senhor Conselheiro de Martius a J. D. Sturz, sobre que hoje he mister no Brazil;

Estimado Senhor e amigo;

Agradeço-lhe muito a remessa das Gazettas Brasileiras. Estas dão a conhecer mais altamente de que outra coisa alguma o presente estado do payz – e até (...) sobre o seu futuro. Elias confirmão a these que já por várias vezes tenho estabelecido nas minhas correspondências com o Senhor: que é mister no Brazil sobretudo (...) são conhecimentos para pôder penetrar-se de sua própria situaçam e para pôder não somente reconhecer os seus defeitos mas também os recursos que tem (...). De tempo em tempo apparece alguem n'estes órgãos da opinião pública que não he menos sincero nos seus desejos para o bem de sua pátria que nos outros meios-Brasileiros; este faz um sermão de penitência das coisas presente, prédica contra a indolência, preguiça, escravidão, intolerância, contra o falso e demasiado orgulho nacional, contra a inimizade dos Estrangeiros (...) attaca esta ou aquella instituição e ou realmente faz alguma proposta de amelhoramento e mostra os meios para obter.

Hum quer o estabelecimento do maior número de escolas, outro hum amelhoramento da biblioteca e terceiro quer que se administram as minas (...) por conta do estado (...) para diminuir-se a divida do estado. Mas todas estas vozes bem intencionadas são (...) Deserto. Daonde vem isto?

Ainda hoje não posso reconhecer outra causa d'esta- do que do que lhe indiquei a mais tempo com minhas cartas anteriores: (...) que os Brasileiros conhecam (...) seu bello payz, que são mais familiares com seus recursos naturais, procurando muitas vezes longe o que está debaixo dos seus proprios pes. Falta portanto alli primeiro a contemplação, a localização dos conhecimentos, pois grandes injustiças terão se não se quisesse reconhecer há conhecimentos e espírito também entre os brasileiros, que sua intelligencia tem aquela grandeza, que he propria dos payzes do Sul, que aprendem com huma facilidade pouco commum e quanto a versatilidade espiritual. Mas he cousa mui differente exercer hum espirito assim pela tradição de longo curso de tempo e a história política gradualmente tem ensinado,- ou acham o caminho acertado (...) donde as suas formas políticas ainda estão na sua origem, no seu começo e donde a mesma natureza do solo e de seus produtos deve primeiro ser estudado.

Quando na Inglaterra uma cabeça vigorosa quer promover os interesses da pátria ou mesmo os seus próprios interesses (...) ella não necessita já inventar hum methodo. (...) Mas mui differente he no Brazil. Lá a cabeça boa e activa deve primeiro inventar hum methodo para que possa empregar a sua actividade (...). Vossa Senhoria pode também tomar minhas palavras assim no Brasil, assim cada individuo tem a tarefa de inventar o methodo da sua actividade espiritual (...). O que sera pois mister no Brasil para estabelecer e espalhar o methodo de huma agricultura saã., das artes technicas, do commercio para ensinar donde cada hum

por si deve pôr as mãos que segundo a sua residencia ou em conformidade com os seus meios necessarios estão a sua disposição para que possa madurar.

Resposta: deve haver um ensino que deve ser adaptado inteiramente as circunstâncias, o qual partindo dos princípios gerais da Lógica, dos axiomas fundamentais, das sciencias inductivas utilize este nas suas relações locais do Brasil, sem voltar sempre as relações Europeias que não tem por la emprego ou utilidade tão geral. Se quisesse espalhar lá os princípios da agricultura Allemaã ou da Bélgica, ou da Ingleza segundo as melhores columnas da Literatura (...) n'este caso frequentemente havia de chegar-se a caminhos errados, a conclusões inteiramente erroneas. A agricultura tropica deve ser desenvolvida de principios da physica mui differentes. Mas esta he o que até hoje não tem sido feito scientificamente nem no Brazil nem em outro qualquer payz Tropico. (...)

Recommendo-me a continuacão de sua amizade

Ao Ilm. Senhor J.D. Sturz
Cônsul Geral do Brasil na Prússia

ANEXO 3

„Deutschland und das Ausland. J.D. Sturz und die Deutsche Auswanderung“. In: *Magazin für die Literatur des Auslandes*. Nr. 61, 1862, p. 119.

Friedrich Gerstäcker sagt am Schusse eines in der „Austria“ (dem officiölen Organ des österreichischen Handelsministeriums) enthaltenen Artikels über Brasilien und die großen Nachteile der deutschen Auswanderung nach diesem Lande: „Ich bin nur einmal der Meinung und der Ueberzeugung, daß mit der geringsten Anstrengung der ganze südliche Theil Amerika's (hauptsächlich die La Plata-Staaten und Uruguay, welches Letztere jedoch keinesfalls mit der unterwühlten „Argentinischen Republik“ identificiert werden darf) den Deutschen gehören würde; aber das ist eine zu weitläufige Sache, um sie auf Papier auseinander zu setzen. Es ist eine Sache der Zeit, wenn sie einfach und geschickt eingeleitet wird.“

In Nr. 8 unserer Zeitschrift befindet sich ein Artikel über die von dem Früheren brasilianischen Generalkonsul, Herrn Sturz, herausgegebenen Schrift: „Kann und soll ein Neu-Deutschland geschaffen werden und auf welche Weise?“ worin, mit Rücksicht auf die jetzt in der Vereinigten Staaten herrschenden Wirren, in Folge deren jede Auswanderung dahin für die nächste Zeit als ein gefährliches Unternehmen erscheint, der Staat Uruguay als künftiges deutsches Auswanderungs-Gebiet empfohlen wird.

Die Idee des Herrn Sturz hat vielfachen Anklang gefunden, wie wir aus der Anzeigen der Schrift in mehreren geachteten deutschen Journalen ersehen haben. Zwar scheint der Plan, den Herrn Sturz entwickelt hat, große Landesstrecken am La Plata durch eine deutsche Aktien-Gesellschaft zu erwerben und diese an Auswanderer zu parcellieren, nicht leicht auszuführen; wohl aber möchte die Erfahrung des wackeren Mannes, der sein ganzes Leben dem Wohl der Deutschen jenseits des Weltmeeres gewidmet hat, zu benutzen sein, um auswandernde Landsleute, die sich in jedem Frühjahr zahlreich melden, davor zu bewahren, daß sie brasilianischen Werbern in die Hände fallen und als Halbsklaven nach Brasilien wandern. Wir erinnern daher an die ebenfalls von Herrn Sturz vorgeschlagene Errichtung eines Allgemeinen Auskunfts-bureau für Auswanderungs-Angelegenheiten in Berlin. Dadurch würden nicht allein viele Unkundige vor Mißgriffen bewahrt werden können, sondern es wäre dadurch auch der deutschen Auswanderung ein gemeinsamer Mittelpunkt gegeben, so daß sie zu nationalen Zwecken und zum Vortheile des Mutterlandes geleitet und benutzt werden könnte.

Ein solches „Auskunfts-bureau“ zu dessen Errichtung ein Verein von deutschen Patrioten, die es mit ihrem armen Landsleuten in Nord-Amerika, in Brasilien und anderswärts wohlmeinen, zuzamentreten sollte, und dessen Leitung keinen besseren Händen als denen des Herrn Sturz anvertraut werden könnte, müßte die von ihm in allen Gegenden der Welt gesammelten Nachrichten über deutsche Niederlassungen allmonatlich in einem lithographirten oder gedruckten Berichte publizieren, dessen Kosten, mit Einschluß der Bureaukosten, durch jenen Verein von Beschützern der deutschen Auswanderung zu decken sein würden. Jedes Mitglied des Vereins, zu dem sich hoffentlich eine recht zahlreiche Betheiligung findet, würde vielleicht nicht

mehr als zwei Thaler jährlich zu zahlen haben, um dafür erstlich jenen Monatsbericht zu erhalten und zweitens besondere Auskünfte und Vermittelungen für Auswanderer zu erlangen.

Hiedurch würde zugleich dem Manne, der anerkanntermaßen im Interesse deutsche Auswanderer die größten persönlichen Opfer gebracht und der jetzt in Folge dessen die härtesten Entbehrungen erduldet, eine gerechte Entschädigung zu Theil werden. Wir richten diese Bitte nicht bios an unsere Leser, sondern auch hauptsächlich an die Redactionen anderer deutschen Blätter, die dem ehrenwerthen Manne auch ihrerseits ein Zeichen der Theilnahme geben möge.

ANEXO 4

Correspondência de Hermann Blumenau para Johann J. Sturz. In: Sturz, Johann J. *Die Deutsche Auswanderung und die Verschleppung Deutscher Auswanderer*. Berlin : Verlag von FR. Rortkamp, 1868. Em anexo pp. LXXIII-LXXVI.

14. September 1846

Als Resultat meiner Erklärung und Uebergabe Ihrer Papiere an Sinimbu erhielt ich von diesem den beikommenden Brief an Sie nebst Prospect der „Gacetta official“ worin er Sie ersucht, alle Sachen, Notizen, Cicolare u.s.w. die sich für die „Gacetta“ eignen, ihm zuzusenden. Der Packetbrief ist Ihnen jedenfalls zugekommen, wennn er nicht in Berlin unterschlagen (Sehr richtig prophezeit! Aber in Berlin wurde er nicht unterschlagen!) wird. Sinimbu schrieb Ihnen eben Gesagtes, und dass Sie dadurch besonders Empfehlung bei der Regierung verschaffen würden, wenn Sie **ihm** dergleichen Sachen einschickten, und dass er mit meiner (!) Colonisationsgeschichte übereinstimmt und sie begünstigen wolle. Sie werden nur wenigstens die Genugthung gewinnen, dass Ihre Sachen einen grossen Leserkreis (doch!) finden und auch hier beachtet (wie so!) werden, während sie im „Correio von Bahia“ nicht so beachtet werden (?) Um Alles in der Welt bitte ich Sie aber, die **verdamnten Slavengeschichten, Abolition, Slavenhandel** und dergleichen ganz und gar ruhen zu lassen. Sie richten damit nichts aus, verderben sich das, was Sie schon haben. Ich **selbst komme persönlich in Gefahr***; Sie kennen die Slavenhändlersorte, und dass sie wenig Umstände macht. Man aht mich gewarnt, auf meiner hut zu sein gegen einen schlimmen Streich! Es ist grausam, mich bloß zu stellen. Man weiss das hier recht gut, was Sie darüber denken und sagen, und gesteht selbst ein, dass in 20 Jahren nicht 1/5 in 40 Jahren nicht 1/50 der jetzigen Slavenbevölkerung vorhanden und quasi ausgestorben sein wird, aber man **will Nichts davon** hören! und da halte ich es für sehr zur unrichten Zeit, sich Feinde zu machen, wo Sie zum Durchbringen des Colonisationsplans Freude so nöthig haben. (Gewiss war es notwendig, die Wahrheit zu sprechen, um zu den Ueberzeugung zu bringen, auf denen allein die Reformen durchgeführt werden konnten, welche Colonisation, d.i. freie allgemeine Einwanderung zuliessen.) Namentlich ist Ihr letzter Circularbrief, den Sie mir von Havre nachgeschickt, wieder ein Brand in's Feuer und kann unsere ganze Sache total verderben (sic!, wenn Ihr Name dabei viel genannt wird. (...)) Ich dürfe bei meiner Sache jetzt kaum erwähnen, dass ich mit Ihnen dabei (?) betheilt sei, wenn ich nicht Alles wieder verlieren wolle, was ich vielleicht schon erlangt**; Ihre Hinweisung auf die Hamburger würde diesen vielmehr schaden als nützen!(...)

* Dieses war eine durchaus eingebildete und ich behaupte noch heute, erheuchelte Gefahr. Nie habe ich nach meinen ersten Einführungen Blumenau's Namen weder an einen Brasilianer, noch je in meinen Circularen oder Artikeln genannt. Blumenau wollte nur Grabesstille in der Landfrage haben, weil er, wie ich wohl merkte, nach eine Landschenkung trieb.

** 4 Monate nach Ankunft im Lande!

ANEXO 5

Carta de Cari Friedrich von Martius para Johann J. Sturz. In: SCHRAMM, Hugo. C.F. PH. v. Martius. *Sein Lebens- und Charackterbild, insbesondere seine Reiseerlebnisse in Brasiiien*. Bb. II, Leipzig, 1869.

Mein Lieber Freund!

... Aufrichtig wird es mir freuen, wenn Sie meine offenen Bemerkungen über Ihre officiële Stellung nicht übel nehmen, sondern beherzigen. Ihre ungewöhnliche Thätigkeit, Ihr Ausgreifen ins Handeln, wo Berichten genügt, ist für dort exotisch; auch ich habe mir mit dem „Lehrenegeben“ geschadet, wie mir ein befreundeter Minister gesagt. Glauben Sie mir: man verzeiht eher Schwächen, als Superiorität und eher diese als oft wiederkehrende Unbequemlichkeit. Wäre ich so glücklich, eine so schöne Besoldung wie Sie zu beziehen! Ich wollte meine Konsulatsgeschäfte ganz anders verstehen! Ich thäte zweierlei: 1) von Zeit zu Zeit gäbe ich meinem Minister wohlausgearbeitete Revues von allen nationalökonomischen und politischen Ereignissen, die ihn interessieren könnten, in einer reinen, amtlich ernsten Haltung, nicht im Conversationsstyl und mit möglicher Eleganz und Kürze, 2) Ich machte den Machthabern sub rosa Eröffnungen über Alles, was diesen persönlich angenehm und interessant sein könnte. Ausserdem aber würde ich mich vielmehr passiv verhalten. Ich würde nur wenig schreiben, und sogar nicht autographieren, denn damit macht man sich keine Freunde, sondern nur Feinde, die Einem auf den Dienst passen. Ein Deutscher wird kein Brasilianer, und wir beide dürfen zufrieden sein, wenn wir Afilhados do Brasil sind. Nehmen Sie aufrichtigen Winke nicht anders an, denn als den Ausdruck wahrer Sympathie. Sie sind, wie ich, zu alt, um nicht auch an den Abschluss der Thätigkeit zu denken, und da dächte ich, sollte man es sich zur Pflicht machen. (...) Ach, könnte ich mich doch ganz zurückziehen! Aber noch liegt eine schwere Verpflichtung auf mir, weil ich auch nicht eingedenk war des heidnischen, aber weisen: Halte Maass! Ich habe heute, Gott Lob! Gute Briefe von meinem Sohn. Er ist in Göttingen schon gut situirt und wird, so Gott will, mir Freude machen.

Lassen Sie bald von Sich hören, auch wie es jetzt in Berlin aussieht, wo Sie Sich hoffentlich mit Humboldt, Olfers und Ritter gut stellen werden. Wo ist jetzt Dias und Gavalha? Dass Sch... sein Deutschland zu verleugnet, war jüngst in dem Novaraberichte auch angedeutet. Leben Sie wohl.

Schlehdorf, den 19. Oct. 1857.

Ihr ergebenster Martius

ANEXO 6

Correspondência de Manuel de Araújo Porto Alegre para B. Ruff. In: STURZ, Johann J. *Neue Beiträge über Brasilien und die La Plata-Länder*. Berlin : Johann J. Sturz, 1865, p. 79-80.

General-Consulat von Brasilien in Preussen
Karlsbad. 6. Juli 1863.

Herrn B. Ruff in Magdurg

Wollte ich Ihr schätzenwerthes Schreiben vom 29. Juni erschöpfend beantworten, so müsste ich ein Buch oder ausgedehntes Memoire schreiben, was mir Beides nicht möglich ist; indessen werde ich versuchen, die Hauptpunkten sowohl zu beantworten, wie es mir hier, im Bade und ohne Archive sowie die zur Erledigung sämtlicher Ihrer Fragen unerlässlichen Dokumente möglich ist.

Wenn ich Ihren Brief richtig aufasse, so würde Folgendes die Antwort darauf sein:

„Die Brasilianische Regierung engagiert in diesem Augenblick keine Kolonisten; sie erleichtert nur die Auswanderung, indem sie durch das Haus Steinmann zu Antwerpen 100 Franken pro Kopf geben lässt; dieses Haus ist hierzu durch meine Regierung bevollmächtigt. Unsere Gesetze sichern des Auswanderern mit den Staatsangehörigen gleichen Schutz. Das Geschick jedes Auswanderers, welcher an Bord des Schiffes die Erklärung abgibt, in eine der Regierungs-Kolonien eintreten zu wollen, ist gesichert, denn die Regierung übernimmt ihn und schafft ihn nach der Kolonie, wo er ein grosses, schon abgemessenes (?)^{*} Stück Land und alle

* Die Anführung dieses Herrn als gutheissende Autorität für die Parceria kann nur als ein vorsätzlicher Betrug bezeichnet werden. Er hat in diesen 10 Jahren nicht einen einzigen deutschen oder sonstigen Reisenden in Brasilien gegeben, der sich nicht auf das Entschiedenste und meistens mit Empörung gegen die Parceria ausgesprochen hätte. Die einzige Ausnahme hiervon macht der sächsische Lieutenant Waldemar Schultz, der leider kein Wort darüber gesprochen hat. Dieses ist um so auffallender, als derselbe mit dem vorausangekündigten Zwecke nach Brasilien gegangen ist, um alles auf Auswanderung dahin aus Deutschland Bezügliche auf das genaueste zu erforschen, und als bereits vor seinem Abgange dahin völlig vertraut mit dem Unfug der brasilianischen Werber gewesen war. Sein zweijähriger Aufenthalt in Brasilien, die Einführungen und Empfehlungen, die ihm gegeben waren, und welche sogar zu einer sehr vortheilhaften Anstellung bei der Regierung während seiner ganzen Urlaubszeit geführt hatten, Alles war dazu angethan, ihm die richtigste Beurtheilung aller eingeschagenden Verhältnisse zu ermöglichen; über diese aber, ebensowenig als über den factischen Landbesitz, den zu ergründen er sich zur besondern Aufgabe gemacht hatte, hat er bis jetzt auch nicht die kleinste Mittheilung gemacht, die, wenn er sie gleich bei seiner Rückkehr vor nun 6 Jahren gemacht hätte, viel Unglück und Unheil für die Colonisten und den brasilianischen Staat verhindert haben würde. Selbst als Militär mussten sich ihm wichtige Beobachtungen über das brasilianische Armeewesen aufdrängen, besonders in Betreff der auf so schauerhafte Weise gehandhabten Zwangsrekrutierung, dieser ärgsten Geisel der untersten Volksklassen, vermittels welcher jetzt die „Voluntários da Pátria“ in Kettengängen aufgebracht werden; jedoch auch hierüber hat er kein Wort zu sagen gehabt, ebensowenig als über confessionelle Misstände, über die er schon vor Abreise nach Brasilien völlig unterrichtet gewesen und vielversprechendes Interesse an den Tag gelegt hatte. Möge die zuvorkommende Behandlung, der er selbst in Brasilien, wo man wohl wusste, dass er als Kundschafter gekommen sei, begegnete, und die gute Stellung und die Orden, die man ihm gab, nicht mitgewirkt haben, den Ausspruch seiner Ueberzeugung zu verhindern (As interrogações e exclamações são de Sturz, assim como as notas de rodapé).

Vergünstigungen zur Erleichterung seiner Niederlassung als Ackerbau erhält.

„Die Regierung verkauft Landstrecken zu sehr mässigen Preisen, die nur in langer Frist gezahlt zu werden brauchen. Sie hat Kolonien und Landstrecken in Espírito Santo, Santa Catharina und Rio Grande do Sul. Von diesen Provinzen sind die beiden letzteren wegen ihres Klimas vorzuziehen.

„Jedes Geschäftsmann, Künstler und Handwerker ist es in unserem Lande gestattet, seine Profession zu üben, denn unsere Gesetze kennen keinen Unterschied zwieschen Einheimischen und Fremden. (?)

„Diejenigen Arbeiter, welche ohne alle Mittel ankommen, finden leicht Arbeit. Die Handarbeit ist theurer und wird sehr hoch bezahlt. (?) Der Mann erwirbt stets mehr, als er zu seiner Ernährung nöthig hat, falls er nicht Lastern fröhnt. Ein ordentlicher Mann macht stets Ersparnisse und weiss von Vielen, welche reich sind.

„Die Handwerker müssen in den Städten oder im Mittelpunkte der Kolonien bleiben, wo sie immer Arbeit finden. Man muss mehr als freie als auf Sklavenarbeit rechnen. Die Sklaven sind schwer zu erlangen, und ihre Anzahl schmilzt mit jedem Tage mehr zusammen. Ich habe vile Bauten verwaltet und dabei stets mehr Freie (?) als Sklaven-Hände beschäftigt.

„Die Parceria-Kontrakte haben bestanden, so lange als mann sie eingehen will, denn sie sind gerade das, was jeder andere Kontrakt ist; aber die Landbesitzer wollen sie selbst nicht mehr. Ueber diesen Punkt muss man Herrn Tschudi hören** welcher sich darüber richtig ausspricht, - nicht die Feinde der Brasilianischen Regierung, welche das Land aus Gründen ihres materiellen Interesses zu schädigen trachten.

„Ich kenne weder Herrn Froebel noch dessen Werke. Alle Kontrakte sind durch das Gesetz sicher gestellt; und mit Bezug hierauf bin ich stolz, die Gerechtigkeit und Ehrlichkeit des Brasilianers hervorzuheben. (!)

**Die Anführung dieses Herrn als gutheissende Autorität für die Parceria kann nur als ein vorsätzlicher Betrug bezeichnet werden. Er hat in diesen 10 Jahren nicht einen einzigen deutschen oder sonstigen Reisenden in Brasilien gegeben, der sich nicht auf das Entschiedenste und meistens mit Empörung gegen die Parceria ausgesprochen hätte. Die einzige Ausnahme hiervon macht der sächsische Lieutenant Waldemar Schultz, der leider kein Wort darüber gesprochen hat. Dieses ist um so auffallender, als derselbe mit dem vorausangekündigten Zwecke nach Brasilien gegangen ist, um alles auf Auswanderung dahin aus Deutschland Bezügliche auf das genaueste zu erforschen, und als bereits vor seinem Abgange dahin völlig vertraut mit dem Unfug der brasilianischen Werber gewesen war. Sein zweijähriger Aufenthalt in Brasilien, die Einführungen und Empfehlungen, die ihm gegeben waren, und welche sogar zu einer sehr vortheilhaften Anstellung bei der Regierung während seiner ganzen Urlaubszeit geführt hatten, Alles war dazu angethan, ihm die richtigste Beurtheilung aller eingeschagenden Verhältnisse zu ermöglichen; über diese aber, ebensowenig als über den factischen Landbesitz, den zu ergründen er sich zur besondern Aufgabe gemacht hatte, hat er bis jetzt auch nicht die kleinste Mittheilung gemacht, die, wenn er sie gleich bei seiner Rückkehr vor nun 6 Jahren gemacht hätte, viel Unglück und Unheil für die Colonisten und den brasilianischen Staat verhindert haben würde. Selbst als Militär mussten sich ihm wichtige Beobachtungen über das brasilianische Armeewesen aufdrängen, besonders in Betreff der auf so schauderhafte Weise gehandhabten Zwangsrekrutierung, dieser ärgsten Geisel der untersten Volksklassen, vermittels welcher jetzt die „Voluntários da Pátria“ in Kettengängen aufgebracht werden; jedoch auch hierüber hat er kein Wort zu sagen gehabt, ebensowenig als über confessionelle Misstände, über die er schon vor Abreise nach Brasilien völlig unterrichtet gewesen und vielversprechendes Interesse an den Tag gelegt hatte. Möge die zuvorkommende Behandlung, der er selbst in Brasilien, wo man wohl wusste, dass er als Kundschafter gekommen sei, begegnete, und die gute Stellung und die Orden, die man ihm gab, nicht mitgewirkt haben, den Ausspruch seiner Ueberzeugung zu verhindern.

„Jeder Kultus ist frei in Brasilien, und es besteht vollständige Toleranz und Gleichheit vor dem Gesetz. (?) Der katholische Auswandereunterscheidet sich in Nichts weiter von dem protestantischen, als in seinem Gottesdienste. (!)

In den Städten sowohl wie in den Kolonien existiren Bethäuser (temples) für beide Konfessionen, und die Brasilianische Regierung besoldet in gleicher Art den evangelischen Pastor und katholischen Priester. (?)

„Die Ehen sind gültig und durch das Gesetz geschützt, wenn sie nach den Regulamenten geschlossen worden sind.

„Die Familienrechte sind die gleichen wie in alien civilisierte Ländern, ja noch besser in Bezug auf die Armen, denn es gibt in Brasilien keine Privilegien. (!)

Jeder Bürger ist vor dem Gesetz gleich, und Rang und Ehre muss er sich durch seine Fähigkeiten und Verdienste gewinnen. Bei uns erbt man keinen Titel und es giebt keien Lehen. (?)

„Die Sittlichkeit, im Allgemeinen, ist grösser in Brasilien als in Europa, und zwar weil dort weniger Elend besteht. Niemand stirbt Hungers, sobald er nur arbeiten will, und mag es auch noch so wenig sein.

„Ich schliesse diesen Brief, indem ich Ihnen sage, dass man Ihnen falsche Vorstellungen über Brasilien beigebracht, die in Europa durch gewisse Schreiber, welche schlecht beobachtet haben oder in schlechter Absicht schreiben, hervorgerufen sind. Brasilien ist ein civilisiertes und sogar sehr civilisiertes Land, das eine liberale Konstitution besitzt, und zwar die vollkommenste der Welt. Es ist ein Land, in welchem der Sohn eines Zimmermanns oder Maurers Grande des Kaiserreichs, Marquis, Graf, Senator, Oberkammerherr, Gross –Kordon durch blosses Verdienst wird, und so die Achtung und Verehrung der ganzen welt erlangt.

„Dies, mein Herr, ist, was ich Ihnen von hier aus, meiner Leiden wegen, in so schlechter Schrift sagen kann. Sollten Sie weitere Auskunft wünschen, so haben Sie die Güte, sich nach Dresden, Christiansstr. n. 19, zu wenden, wo ich mich vom 15. August ab aufhalten werde.

Ich habe die Ehre zu sein

Ihr sehr ergebener

Manuel de Araujo Porto-Alegre

ANEXO 7

Carta de Adolph von Varnhagen, transcrita por Sturz em sua obra *Neue Beiträge über Brasilien und die La Plata-Länder*, p. 11-12.

Madrid. Mit grossem Vergnügen empfang ich Ihren lieben Brief vom 20. dieses mit dem Rückerinnerungen unsrer Beziehungen im Jahre 1840 zu Rio, und die Sriften, welche denselben begleiteten. Wenn ich auch von meinem Vorschlage keine Reform unsres, von Ihnen so richtig als durchaus mangelhaft bezeichneten Landgesetzes erwarten darf, so würde ich mich schon dadurch entschädigt erachten, dass er diese Correspondenz hervorgerufen hat. Was unsere wissenschaftliche Expedition anlangt, so schmerz es mich, besonders nach Durchlesung Ihres Briefwechsels mit den Herren Doctoren von Richthofen und Moritz von Wagner und des Entwurfs des Herrn Dr. Jentzch, dass keine europäische Notabilitäten dazu herangezogen worden, und befürchte ich sehr, dass die dazu erwählten jungen Männer nicht auf der nothwendigen Höhe der Wissenschaft stehen, um sie vielfacht fruchtbringend zu machen. Ihre Colonisationspläne sind, ich befürchte, zu grossartig, ais dass sie drüben nicht Besorgnisse erweckten. Gerne werde ich abre das, was in meinem Kräften liegt, zur Förderung Ihrer Pläne, besonders insofern, ais ich das Verständniss derselben von unsern Landsleuten und deren Vertrauen in diese vermehren könnte, beitragen. Sie haben recht, alle Colonisten sollen sich nur auf eigenem freien Boden niederlassen. Passegenvorschüsse auf Parceria-Arbeit führen zum übel. Selbst von Nova Friburgo und Petropolis sind viele Colonisten entflohen, nachdem sie schon ein gutes Stück Land urbar gemacht hatten, und Sie kennen Brasilien genug, um zu wissen, qie schwierig es dort für die Capitaes do matto (Sklavenjäger)ist, weisse Canhambolas (flüchtige Neger) einzufangen. Herrn Dr.Alberdi schätze ich sehr hoch, wie auch den Grafen van der Strathen, mit welchem ich auch sehr freundschaftlichem Fusse stehe. Mit beide stimme ich vollständig überein* in Betreff der Mittel, Süd-Amerika der Civilisation theilhaftig zu machen. Da Dr. A. so eben nach Paris zurückgekehrt ist, werde ich vorerst Ihre Pläne mit dem erstern besprechen.

Ich bin aber der Ansicht, dass wir nicht zu viell auf einmal verlangen dürfen. Wenn es in andern Ländern, selbst in England schon langsam mit Reformen geht, wie wird es nicht erst bei uns sein! Alles liegt bei uns im Grundbesitz, wie Sie sagen, daher in unserer Ley territorial und in einer Landsteuer. Diese muss im Anfange sehr klein, fast unfühlbar sein, denn sonst geht sie nicht durch. Ist das Gesetz dazu einmal angenommen und von den grossen Grundbesitzern aufgenommen und sind die Einrichtungen zu ihrer Erhebung getroffen, so ist es leicht sie zu verdoppeln und zu vervierfachen.

* Die Ansichten dieser beiden erfahrenen und einsichtsvollen Männer waren damals und sind noch heute absolut identisch mit den meinigen, wie aus den Briefen, mit denen beide mich beehrten, hervogecht. Auch die Ansichten des Herrn Baron v. Maltitz stimmen überein mit dem meinigen, und ich dürfte wohl sagen, auch die von Hunderten einsichtsvoller Männer in diesen Fragen, ich berufe mich aber hier nur auf in diesem Felde bewanderte Diplomaten.

Was aber Ihren Plan eines gemeinsamen Crédit-mobilier territorial mit den La Plata-Ländern anlangt, so glaube ich, dass man sich dazu in Brasilien nie verstehen wird, weil es so nur den Nachbarrepubliken seines eigenen Credits theilhaftig machen würde, was ihnen allein nur fehlt und worin nur Brasilien ihnen jetzt übelegen ist, da sie ein so viel günstigeres Klima besitzen u.s.w.

Wie Sie sehen, divergiren wir doch in einigen Dingen, obschon wir in den Hauptsachen zusammengehen und uns gleich stehen im Eifer und Ergebung für die wahren Interessen Brasiliens. Ich habe Ihnen mit der Offenheit geschrieben, die ich meinen Freunden gegenüber zu beobachten pflege. In diesem Punkte habe ich noch viel von einem Deutschen u.s.w.

Sie erhalten hiermit das Inhalts-Verzeichniss der 2ten Bandes meiner História Geral do Brasil, der noch nicht ganz gedruckt ist.

Ad. De Varnhagen*

* Einige andere Briefe von brasilianischen Staatsmännern ersten Ranges finden sich im Anhang beigelegt.

ANEXO 8

Verhandlungen des Senats vom 26. Juli 1856. Jornal do Com. Nr. 28 vom Juli 1857. In: Sturz, J.J. *Neue Beiträge über Brasilien und die La Plata-Länder*. Berlin : J.J. Sturz, 1865, pp. 40-41.

Präsident: Manoel Cavalcanti de Lacerda

Nach Vorlesung des Protokolls erklärt der 2. Secretär vom Tische, dass eine Sedung von Aufsätzen über verschiedene Gegenstände von J.D. Sturz eingegangen sei, und an das Archiv abgehen würde.

Vicomto de Jequitinhonha. Ich wünche Ew. Excellenz blos die Frage zu stellen, ob in Fällen, wenn irgend eine Person an den Senat eine Denkschrift eingiebt, es nicht der Brauch ist, etwas mehr darüber zu sagen, als sie blos an das Archiv abgeben lassen, denn es ist notorisch, dass Herr Sturz stark gearbeitet und selbst sein eignes Geld ausgegeben hat, um uns au jour zu halten in vielen Fragen, welche für unser Reich vom höchsten Interesse sind, und unter andern über solche, welche Bezug haben auf Ackerbau, auf Colonisation, auf die Herstellung von Communicationswege, auf hydraulische, geographische und geologische Fragen – mit einem Worte, Herr Sturz ist unermüdlich in der Nachforschung über Alles, wass für uns Interesse haben kann, und über Ailes sendet er Abhandlungen ein, nicht nur seine eigenen, sondern auch von Personen, die durchaus befähigt sind, solche Gegenstände ins Klare zu setzen. – Nun aber leistet dieser würdige Beamte, der so grossen Eifer für das wahre Wohl Brasiliens besitzt, und dem entschieden nicht der Pflicht obliegt, sich mit solchen Arbeiten zu beschäftigen, und diese dem Senate, und nicht nur diesem, sondern vielen anderen Corporationen des Landes, und selbst noch einigen Individuen insbesondere einzusenden, ohne allen Zweifel dem Lande grosse Dienste – und ich weiss nicht, ob nicht das Reglement vorschreibt, dass beim Empfang von derlei Denkschriften, welche für das Land selbst von Interesse sind, in dem Protokoll etwas darüber ausgesprochen werde, d. i., dass dieselben mit Dank angenommen worden sind, oder wie immer Ew. Excellenz für gut halten mag.

Ew. Excellenz kann mehr oder weniger schon Beweggrund erathen, aus dem ich diese Bemerkungen mache, nämlich: da mir keine Gelegenheit geboten war, diesem würdigen Beamten meine Dankbarkeit darzulegen für den Eifer, den er in der Erfüllung seiner Pflichten zeigt, und noch mehr, damit die öffentliche Meinung aufgeklärt werde und in vielen Fragen Nutzen ziehen möge aus diesen Einsendungen, benutze ich die Gelegenheit, um persönlich meine Erkenntlichkeit an den Tag zu legen, denn ich muss nochmals bemerken, dass Herr Sturz sich nicht damit begnügt, diese Denkschriften an die Kammern einzusenden; ich und viele andere Senatoren haben ähnliche Denkschriften erhalten, und ich wenigstens habe sie von dem höchsten Interesse gefunden.

Ich, meine Herren, spreche mit der Hand auf dem Herzen, und danke dem Herrn Sturz sehr für Ailes, was er thut, um solche Informationen einzusenden, und

nicht blos dem Senate, sondern auch mir privatim, und ich benutze diese Gelegenheit, um ihm dieses öffentliche Zeichen von Dankbarkeit zu geben.

Dr. Angelo Munniz Ferraz: Herr Präsident! Ich schliesse mich mit dem edlen Senator für Bahia an, welcher bewies und darthat, wieviel die Mehrzahl von uns dem Herrn Sturz schuldet, der unermüdet ist, uns alle solche Informationen und Documente einzusenden, welche er für die Interessen des Landes nützlich erachtet.“